

OS JOVENS LUTERANOS E A "REVOLUÇÃO BRASILEIRA".
UM ESTUDO HISTÓRICO DA CONGREGAÇÃO DOS ESTUDANTES DE PORTO
ALEGRE, DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE ACADÊMICOS E DA REVISTA DA
JUVENTUDE EVANGÉLICA NA DÉCADA DE 1960.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Por

Sandra Cristina Donner

em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
São Leopoldo, RS, Brasil
Janeiro de 2001

DONNER, Sandra Cristina. Os jovens luteranos e a "Revolução Brasileira". Um estudo histórico da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960. São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, 2001.

Sinopse

Esta dissertação está estruturada em três capítulos e um anexo. O primeiro capítulo faz uma rápida revisão histórica da década de 1960, que inclui as mobilizações estudantis em Porto Alegre. No final do capítulo, há uma reflexão sobre o comportamento dos jovens na década de 1960. O segundo capítulo tem como objetivo uma exposição histórica da Congregação dos Estudantes, da Associação Cristã de Acadêmicos e da *Revista da Juventude Evangélica* até o golpe militar, ressaltando-se a progressiva tomada de posição política. Destaca-se também a posição dos estudantes durante a Campanha da Legalidade e a Conferência do Nordeste. No último capítulo, faz-se uma reflexão sobre a politização dos estudantes e suas relações com a família e igreja. Analisa-se também a relação dos estudantes luteranos com o marxismo e a Teologia da Revolução. Na segunda parte do capítulo, retomase o panorama histórico, acompanhando os grupos, então, até 1970. Procurou-se ressaltar as modificações ocorridas depois do golpe militar, em 1964, e a retomada das agitações a partir de 1967.

DONNER, Sandra Cristina. Os jovens luteranos e a "Revolução Brasileira". Um estudo histórico da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960. São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, 2001.

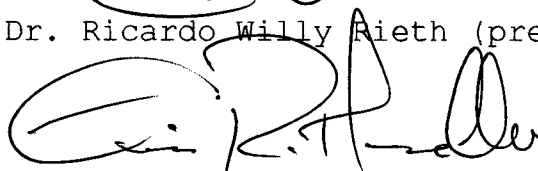
Abstract

This dissertation is structured in three chapters and an attached. The first chapter will make a superficial historical review of 1960s. The review includes the student's mobilizations in Porto Alegre. In the end of the chapter, there is a reflection about the young behaviour in the 60's. The objective of the second chapter is to do an historical exposition of Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, Associação Cristã de Acadêmicos and *Revista da Juventude Evangélica* until the military coup. An emphasis is given to the change of political position in the students groups. Besides we stress the student's position during the Campanha da Legalidade, and Conferência do Nordeste. In the last chapter, a study is done on the student's family and their relationship with the church. It's also analized, the student's relationship with the Marxism and Revolution Theology. In the second part of the chapter a the historical review is done again, finishing in 1970. We tried to stress the modifications after the military coup, in 1964, and the retaken of the student's movements after 1967.

BANCA EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. Ricardo Willy Rieth (presidente)



1º examinador: Prof. Dr. Enio Ronald Mueller (EST-IEPG)



2º Examinador: Prof. Dr. René Ernaini Gertz (PUC/UFRGS)

"Viver a fé cristã na fronteira universitária, estando
envolvido neste front."¹
Lema da UCEB

O trabalho estudantil é um trabalho pequeno em números, um trabalho que não se suporta a si nem traz dinheiro, é um trabalho inquietante pelo espírito inconformado dos jovens revolucionários porque eles não se prendem em instituições."²
Notas pessoais de Godofredo Boll de 1965, h-230.

Agradeço com carinho aos meus pais por terem sempre
me incentivado a seguir os meus sonhos.
Agradeço muito especialmente ao meu companheiro Fabiano
Burkhardt por desde o início ter acreditado em mim.
Agradeço à CAPES pela bolsa que me
permitiu concluir as pesquisas e a dissertação.

¹ Arquivo da PEPA, pasta M, doc 86.

² Arquivo da PEPA, pasta H, doc. 230.

ÍNDICE

Sinopse	2
Abstract	3
Agradecimentos	4
Introdução	7
I. Aspectos políticos, econômicos e sociais da década de 1960	15
1. De Getúlio a Jânio, o início da década de 1960	15
2. Década de 60	19
2.1. A Legalidade	19
2.2. O governo João Goulart e as esperanças de mudanças	23
2.3. Os movimentos católicos e as Reformas de Base	24
2.4. A sociedade em ebulição: 1962-1964	27
3. A ditadura militar e o ano de 1968	31
3.1. Instalação do regime militar	31
3.2. Movimento estudantil de 1968	36
4. O comportamento dos jovens na década de 60	42
II. Os jovens luteranos no início da década de 60	48
1. Movimentos de jovens luteranos na década de 1950 a 1960	48
1.1. Objetivos da Congregação de Estudantes	52
1.2. Objetivos da Associação Cristã de Estudantes	54
2. Os anos 1960 e a abertura para o mundo	58
2.1. A Campanha da Legalidade e os jovens luteranos	63
2.2. A Conferência do Nordeste, o engajamento social assumido como missão	64
2.3. 1963, a política está no ar	72
III Os estudantes luteranos e a "Revolução Brasileira"	81
1. A politização dos estudantes luteranos e suas relações com a família e a igreja	81

2. Os estudantes luteranos e a "Revolução Brasileira"	89
2.1. O conceito de "Revolução Brasileira" e o marxismo	90
2.2. Richard Shaull e a Teologia da Revolução	95
3. O ecumenismo e os estudantes luteranos	98
4. O golpe militar e os reflexos na Congregação dos Estudantes, na Associação Cristã de Acadêmicos e na <i>Revista da Juventude Evangélica</i>	100
Conclusão	123
Bibliografia	129
Anexo	140

INTRODUÇÃO

O trabalho com jovens sempre foi parte integrante da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Hoje, poucas paróquias não têm algum tipo de atividade com sua juventude. Algumas comunidades, inclusive, procuraram criar mais de um grupo, de acordo com as faixas etárias. Em outras, as JEs aparecem e desaparecem de acordo com o grau de interesse dos jovens. A manutenção desse tipo de trabalho requer habilidades especiais dos obreiros, pois, normalmente, os grupos são muito instáveis.

Esta dissertação pretende dar visibilidade a esse importante grupo de pessoas. Mesmo com apoio da Igreja, as pesquisas históricas sobre os movimentos de jovens luteranos ainda são raros. Na atualidade, o principal trabalho nessa área encontra-se na obra de Rolf Schünemann, *Do Gueto à Participação: o surgimento da consciência socio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. Todavia, esse estudo, por tratar de um tema muito amplo, apenas sinalizou a sua importância.

Estudos sobre a história da Juventude Evangélica da Igreja de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) apontam a virada do século XIX como o tempo do aparecimento dos primeiros grupos. Desde então, as JEs têm sido atuantes dentro das suas paróquias, com direito a uma estrutura de apoio dentro da IECLB. Hoje, existe um Departamento Nacional de Juventude Evangélica, que organiza as atividades nacionais, os informativos, e direciona o trabalho em geral nas JEs³.

³ Vídeo: *Jovem aos 100, história da Juventude na IECLB*.

Dentro dos esforços por um intercâmbio entre as JEs espalhadas pelo Brasil, criaram-se revistas, que seriam o veículo de informação entre elas. A primeira, em alemão, circulou entre 1936 e 1940. Após um período sem nenhuma publicação, foi lançado o primeiro número da *Revista da Juventude Evangélica*, em julho de 1954, com publicação mensal até 1969, quando manteve a equipe e mudou o nome para *Revista Presença*.

Além dos grupos de JE, atendendo os adolescentes após a confirmação, foi criado o trabalho com universitários. A partir de meados da década de 1950, com a popularização do acesso às universidades, aumentou o contingente de jovens evangélicos no ensino superior. Muitas dessas pessoas saíam do interior dos estados a caminho das grandes universidades nas capitais. Logo viu-se que precisavam de um atendimento diferenciado. Não se encaixavam mais nos grupos de JEs e nas paróquias tradicionais. Foram organizados, então, grupos de universitários em várias localidades; Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e Santa Maria são alguns exemplos.

Essa conjuntura levou a uma concentração maior de jovens luteranos, vindos do interior, que estavam estudando na UFRGS (URGS, na época), especialmente durante a década de 1960. Havia, então, duas organizações que permitiam o intercâmbio com os estudantes luteranos ou protestantes de outras denominações: a Congregação dos Estudantes de Porto Alegre (CECEPA) e a Associação Cristã de Acadêmicos (ACA). Ambas se organizaram durante a década de 1950.

Pretendemos analisar a Congregação dos Estudantes, a Associação Cristã de Acadêmicos e o discurso da *Revista da*

Juventude Evangélica no contexto histórico da década de 1960. Um dos pontos de interesse deste trabalho está em mostrar como esses jovens passaram a adotar uma posição de discussão social profunda e de comprometimento com causas que não eram usuais na classe média no período, como a Reforma Agrária e o analfabetismo, entre outras questões.

O recorte temporal da pesquisa, a década de 1960, culmina com um período de grande efervescência na história do Brasil. Estavam em curso, simultaneamente, vários movimentos que buscavam mais justiça social. A Ação Católica ganhou um novo impulso a partir de 1960 e 1961; nas igrejas evangélicas a Conferência do Nordeste, em 1962, mostrou que a discussão da questão social estava madura dentro das igrejas. O movimento jovem na IECLB, nas JEs, na ACA e na Congregação de Estudantes estava sintonizado com os acontecimentos do país e as discussões que se abriam dentro da própria igreja.

No plano político, o período compreende a eleição de Jânio Quadros e sua polêmica renúncia, a Campanha da Legalidade, que levou João Goulart à Presidência da República, a euforia das Reformas de Base, e o golpe militar que fechou as portas da democracia. Essa década também viu renascerem os primeiros movimentos de protesto, em 1966, que acompanharam, em 1968, as agitações em outros países. O período terminou em 1968, quando o Ato Institucional nº 5 silenciou por muitos anos a população brasileira.

Uma das chaves interpretativas utilizadas nesta pesquisa é a História Cultural. Ela procura defender a legitimidade do estudo sobre mentalidades, como manifestações culturais populares, sem abrir mão da própria história como disciplina

específica; isto é, ela dialoga com a psicologia, a antropologia, a sociologia. Suas características principais são 1º) abandonar o conceito de mentalidades por ser muito vago; 2º) preferir estudar o "popular" e não somente os grandes pensadores; 3º) procurar resgatar o papel das classes e do conflito social⁴. Para isso, é uma história que abarca vários métodos, coerentes com os princípios anteriores, como a "História desde baixo" de E. P. Thompson, o conceito de "Circularidade Cultural" desenvolvido por Carlo Ginzburg, Eric Hobsbawm e a "história das pessoas comuns", entre outros⁵. Com ela, pretendemos compreender como esses estudantes se apropriaram de uma cultura política de contestação que, por vezes, ia contra a sua situação de classe média. De igual modo, queremos observar o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento que foram adotados por esses jovens de classe média, universitários, da década de 1960.

Essa linha historiográfica dialoga com categorias marxistas e as amplia. Por isso, para definir "classes sociais", não usaremos um conceito estritamente econômico, pois concordamos com a posição de Alessandro Cavalli, segundo a qual:

Para identificar uma classe social não basta isolar as características comuns aos membros dessa classe; é necessário ainda observar se, além destas características, os indivíduos revelam um sentimento de comunidade e solidariedade, compartilham um destino comum e uma comum concepção de sociedade, se se reconhecem como

⁴ Ciro F. Cardoso e Ronaldo Vainfas, *História das mentalidades e história cultural*, in: *Domínios da História*, p. 148.

⁵ Jim Sharpe, *A história vista de baixo*, in: *A escrita da história*, p. 39-62.

iguais e consideram os que não pertencem à classe como diversos.⁶

Ao delimitarmos o objeto de estudo, colocamo-nos em uma posição que entende que as pequenas estruturas possuem riqueza de relações. Esta deve ser compreendida como uma opção às metanarrativas, que contemplam apenas os grandes tempos históricos ou as grandes instituições⁷. Para tanto, utilizaremos a perspectiva da micro-história:

O objeto da micro-história não reside nas estruturas que regem, fora de todo subjetivismo, as relações sociais, mas sim, nas racionalidades e estratégias que põem em funcionamento as comunidades, as parentelas, as famílias e os indivíduos.⁸

Na singularidade dessa pequena revista, da congregação e da associação, quando estudadas de forma contextualizada, poderemos compreender todo um espírito de época presente na sociedade brasileira e até mesmo ocidental, se lembrarmos dos movimentos de jovens que aconteceram na Europa e nos Estados Unidos durante a década de 1960, culminando em 1968.

Outros conceitos importantes que precisam ser esclarecidos são "politização" e "consciência social". Por politização entendemos o contato que esses jovens tiveram com o mundo político e as relações de poder presentes na sociedade. Essa percepção desvelou para os estudantes quem detinha o poder político e econômico e permitiu o contato com outras ideologias que estavam em discussão no momento, como o marxismo. Por isso, para esses jovens, o processo de

⁶ Norberto Bobbio; Nicola Matteucci; Gianfranco Pasquino, Dicionário de política, p. 174.

⁷ Giovanni Levi, Sobre a micro-história, in: A escrita da história, p.133-161.

⁸ Ronaldo Vainfas, História das mentalidades e história cultural. In: Domínios da História, p. 147.

politização, na década de 1960, envolvia a participação em organismos que reivindicavam poder político, como o movimento estudantil.

Como consciência social, compreendemos o processo de "dar-se conta" de sua situação como estudantes de classe média ou classe média baixa e, a partir daí, procurar tomar contato e compreender essa realidade que esteve fora de sua reflexão cotidiana. Essa conscientização provocaria uma mudança de atitude que, na década de 1960, foi condensada na luta pelas Reformas de Base.

Para esta pesquisa, notadamente na área da História da Igreja, utilizamos as metodologias usuais da disciplina. Trabalhamos principalmente com três tipos de fontes: a bibliográfica secundária, a documental e a oral.

A bibliografia compreende vários estudos sobre o período de 1960 a 1970, principiando com a eleição e o governo de Juscelino Kubitschek até meados do governo do general Médici. Muitos dos livros foram escritos na década de 1970, podendo ser considerados fontes primárias, uma vez que os autores foram protagonistas dos acontecimentos.

Quanto à documentação, foram analisadas as atas da Comunidade Evangélica de Porto Alegre (CEPA). Os documentos da Paróquia dos Estudantes de Porto Alegre, reunidos no seu arquivo, compreendem dezessete (17) pastas. Essa documentação apresenta grande diversidade, incluindo desde atas de reuniões da diretoria até cronogramas, rascunhos de prédicas e debates, bem como toda a correspondência recebida e

expedida, na qual é possível visualizar o contato com outros grupos de estudantes⁹.

Outro documento importante foi a coleção das *Revistas da Juventude* (1956 a 1969) e *Presença* (abril a novembro de 1970), nas quais, pela leitura dos artigos e seções opinativas, foi possível fazer uma análise do discurso empregado na época e questionar a ressonância que ele teve junto aos jovens das JEs.

A história oral foi, com os documentos, uma importante fonte de informações. Foram entrevistadas doze pessoas que participaram da Congregação dos Estudantes e da ACA em diversos momentos da década de 60 e da redação da Revista da JE. O pastor Godofredo Boll, diretor da revista, pastor da Congregação e secretário-regional da ACA, foi entrevistado três vezes¹⁰.

Apesar de toda essa gama de fontes, a maior dificuldade da pesquisa foi, exatamente, a falta de outros estudos sobre o movimento estudantil no Rio Grande do Sul. Os poucos livros que existem são coletâneas de memórias pessoais, que não têm como objetivo fazer uma análise histórica da década de 1960. Sendo assim, antes de iniciarmos a leitura da documentação da Congregação dos Estudantes e da ACA, precisamos procurar nos livros sobre a história do Brasil desse período as poucas referências a respeito do que acontecia em Porto Alegre naquele momento. E, com base nessas informações, fomos aos jornais da época, principalmente nos jornais universitários, buscar os dados de que necessitávamos.

⁹ Vide Anexo.

¹⁰ Idem.

Essa dissertação está estruturada em três capítulos e um anexo. O primeiro capítulo faz uma rápida revisão histórica da década de 1960, com os fatos que a precederam, como o suicídio de Getúlio Vargas e o governo Juscelino Kubitschek. Ao longo da narrativa, procurou-se incluir os acontecimentos de Porto Alegre, a mobilização estudantil e os debates que estavam ocorrendo. Além do histórico, na parte final do capítulo, há uma reflexão sobre o comportamento dos jovens na década de 1960.

No segundo capítulo, apresentamos dois grupos estudados - Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, Associação Cristã de Acadêmicos e *Revista da Juventude Evangélica*. O capítulo tem por objetivo expor o histórico dos grupos até o golpe militar, ressaltando a progressiva tomada de posição política. Destaca-se a posição dos estudantes durante a Campanha da Legalidade e a Conferência do Nordeste.

No último capítulo, há uma análise sobre a politização dos estudantes e suas relações com a família e a igreja. Analisa-se também o contato dos estudantes luteranos com o marxismo e a Teologia da Revolução. Na segunda parte, retomase o panorama histórico, acompanhando os grupos até 1970. Procuramos ressaltar as modificações após o golpe militar, em 1964, e a retomada das agitações, a partir de 1967.

No anexo, apresentamos a metodologia de trabalho com os documentos, a forma como foram arquivados, justificando as escolhas pelo método adotado. Na parte seguinte, são expostas as questões discutidas durante as entrevistas e a validade do método para a elaboração do trabalho.

CAPÍTULO I

Aspectos políticos, econômicos e sociais da década de 1960

1. De Getúlio a Jânio, o início da década de 1960

O golpe militar, levado a termo em 1964, vinha sendo preparado desde meados da década de 50. Ele foi interrompido, entretanto, pelo intempestivo suicídio de Getúlio Vargas, que provocou uma comoção nacional paralisando as forças conservadoras,¹¹ a despeito de todas as suspeitas que pesavam sobre o presidente após o atentado mal sucedido ao jornalista Carlos Lacerda, seu adversário político.

A linha de ação de Vargas era contraditória; em seu governo (1930-1945 e 1950-1954), nacionalismo e populismo andavam juntos. A classe operária alcançou um avanço quantitativo quando a industrialização (principalmente na indústria de base) foi incentivada. As leis trabalhistas foram implementadas, e a Petrobrás passou a ter o monopólio de extração e refino de petróleo no Brasil. Mas, ao mesmo tempo, o sistema agrário permaneceu intacto, e o Partido Comunista e os anarquistas sofreram uma dura repressão. O governo estava comprometido tanto com o operariado, pelo carisma populista de Vargas, como com as classes dominantes que o sustentavam.

Foi durante o governo Vargas e com as manifestações causadas pelo seu suicídio que um grande número de jovens da década de 60, ainda crianças ou adolescentes, tiveram o seu primeiro contato com a política. Em Porto Alegre, a notícia

do suicídio do presidente foi seguida pelo empastelamento de jornais (tanto os de extrema direita como os comunistas) e por ataques a lojas com nomes estrangeiros. Nesse contexto, para muitos jovens ficaram claras as oposições partidárias; a política nacionalista influenciou os seus posicionamentos posteriores:

O que me chamou a atenção, quando eu era criança, foi que teve um quebra-quebra em Porto Alegre. Quer dizer que o suicídio de Vargas teve um apoio popular, e então começou a ficar claro para mim que havia uma fissura na sociedade brasileira.¹²

O governo de Juscelino Kubitschek foi acompanhado por uma mudança no caráter da indústria brasileira. A partir de então, não seria mais a indústria de base o carro chefe da produção nacional, mas sim a produção de bens de consumo duráveis. Essa mudança promoveu a entrada de capital estrangeiro no país e modificou a divisão internacional do trabalho. Daí em diante, o Brasil esteve atrelado às empresas multinacionais, que traziam sua tecnologia para cá sem maiores preocupações com o desenvolvimento interno do país. Essa acomodação do Brasil às conveniências do capital internacional rendeu ao governo JK um período de estabilidade política e euforia ufanista, caracterizado pela construção de Brasília¹³.

As políticas econômicas dos governos anteriores acabaram por tornar mais agudos os problemas brasileiros, resultando no decréscimo da produção industrial e na inflação galopante. Um exemplo dessa política desastrosa foram as elevadas cifras

¹¹ Moniz Bandeira, O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil- 1961-1964, p.16.

¹² Entrevista Werner Altmann.

¹³ Moniz Bandeira, O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil- 1961-1964, p.16.

gastas com a construção de Brasília e a saturação do mercado interno com os bens de consumo duráveis. Junto a isso, o acirramento dos conflitos no campo (ignorados por Vargas e por Kubitschek) e na cidade e o déficit na balança de pagamentos, causado pelo envio dos lucros das multinacionais para seus países de origem, culminou em um quadro de crise econômica. Esse contexto, sem dúvida, influenciou a eleição de Jânio Quadros, em 1960.

O governo de Jânio Quadros foi um dos períodos mais curiosos da história do Brasil contemporâneo. Jânio assumiu o cargo no início de 1961 e renunciou em 25 de agosto do mesmo ano, alegando, então, que "forças terríveis" o obrigavam a agir daquela maneira. Sua vitória eleitoral tinha evidentes características de protesto nas urnas contra a aliança PTB-PSD (Partido Trabalhista Brasileiro e Partido Social Democrático), que havia exercido o mandato anterior e se via enfraquecida em suas bases¹⁴. No seu governo, foram adotadas as medidas orçamentárias "propostas" pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Essas medidas incluíam o combate à inflação pela compressão dos salários e exigências que sacrificariam os trabalhadores e os setores mais débeis da burguesia. Quando esse plano começou a produzir suas conseqüências, Jânio não teve mais base política e popular para sustentar suas propostas¹⁵.

Todavia, não se pode deixar de considerar ousadas algumas atitudes de Jânio Quadros. A política externa de diálogo com o bloco soviético, se concretizada, levaria o Brasil a aumentar as exportações de vários produtos, em troca

¹⁴ Hélio Silva, *O poder militar*, p. 241.

¹⁵ Moniz Bandeira, *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil- 1961-1964*, p 21.

de petróleo, fertilizantes e maquinarias. Isso liberaria o Brasil, ao menos em parte, da dependência comercial dos Estados Unidos. No entanto, a imprensa conservadora viu nessa atitude um motivo para críticas ácidas ao governo e sinais de uma ameaça comunista¹⁶.

Por fim, um dos motivos da renúncia de Jânio foi a queixa de que o Congresso Nacional estaria obstruindo suas propostas legislativas, embora ele houvesse, até então, apresentado poucos projetos de lei¹⁷. A intenção do presidente, com a renúncia, era voltar ao poder mais tarde nos braços do povo, uma vez que ele fora eleito com 6 milhões de votos, e obrigar os militares e o Congresso a concederem mais autonomia ao seu governo. Jânio pretendia aplicar uma espécie de golpe de gabinete, pois ele acreditava que nem os militares nem o Congresso suportariam a ascensão de João Goulart, seu vice, à Presidência da República.

Ao final de sete meses de governo, apesar da renúncia, o governo de Jânio Quadros conseguiu traçar novos rumos para a política externa, apontou a gravidade dos problemas sociais do país e mostrou a contradição do sistema partidário brasileiro, que permitia que o presidente e o vice-presidente viessem de correntes políticas antagônicas.

¹⁶Hélio Silva, O poder militar, p. 193.

¹⁷Thomas Skidmore, Brasil: de Castelo à Tancredo, p. 29.

2. A DÉCADA DE 60

A renúncia de Jânio Quadros teve efeitos curiosos em diferentes segmentos brasileiros e caiu como uma bomba nos meios políticos, que logo decidiram de que lado estariam. Essa movimentação acabou provocando a polarização entre os que defendiam a posse do vice-presidente e os que buscavam uma alternativa a Jango, como a posse do presidente do Congresso ou o governo de uma junta militar. Ao mesmo tempo, a renúncia não causou grande impacto em muitos setores da população, deixando de provocar a reação esperada por Jânio. Foi nesse clima que se deu a volta e a posse de João Goulart na Presidência, iniciando uma década na qual os movimentos populares foram muito importantes.

2.1. Legalidade

Quando Jânio Quadros anunciou sua renúncia, João Goulart estava em visita à China. A volta de Jango ao Brasil levou uma semana. Ele teve que utilizar a rota pelo Oceano Pacífico, pois corria o boato de que a Aeronáutica recebeu ordens para derrubar o avião do futuro presidente, na chamada "Operação Mosquito"¹⁸.

Durante a volta de Jango, Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, anunciou sua intenção de resistir e instituiu a "Cadeia da Legalidade". A Rádio Guaíba foi ocupada, as demais emissoras foram fechadas e o equipamento de transmissão foi instalado no Palácio Piratini. O sinal era recebido por alto-falantes situados em diversos

¹⁸ Hélio Silva, *O poder militar*, p. 227

pontos da cidade, entre os quais um na avenida Borges de Medeiros. Entre uma notícia e outra, eram veiculadas músicas marciais conclamando o povo para a defesa e a luta e criando, com isso, um clima de guerra¹⁹.

Brizola também ordenou a ocupação da companhia telefônica local, requisitou três mil revólveres calibre 38 da fábrica Taurus e começou a armar os voluntários civis, organizando com eles trincheiras e barricadas ao redor do palácio do governo. Enfim, Porto Alegre virou uma praça de guerra, com toda a população mobilizada, pois Brizola era um líder muito carismático. Os civis estavam pegando em armas não apenas para garantir a posse do presidente de direito, um gaúcho, mas também pelas tradições rio-grandenses²⁰.

Os estudantes secundaristas e universitários foram fortemente influenciados pelo clima de guerra e de defesa da democracia. Na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS, hoje UFRGS) foram organizadas listas de inscrições para os que queriam lutar pelo presidencialismo em uma hipotética invasão ao centro do país. Todavia, segundo os relatos, nenhuma arma foi distribuída aos estudantes, restando a eles apenas o entusiasmo da luta e a politização repentina, provocada pela polarização política. Estudantes de todos os ciclos estavam envolvidos no Comando Geral da Frente Estudantil Pró-Legalidade, que além do voluntariado organizou o Serviço Médico da Legalidade, com sede no Restaurante Universitário da URGS. Os universitários e secundaristas proclamaram também uma greve geral durante a Legalidade.

¹⁹ Entrevista Werner Altmann.

²⁰ Hélio Silva, O poder militar, p. 231.

Entre os estudantes, temos o relato de um ex-aluno do Colégio Estadual Júlio de Castílios:

Tão logo soubemos da não aceitação da posse do vice-presidente João Goulart na Presidência da República, explodimos numa passeata que só parou às portas do Palácio Piratini, com o então Governador Brizola atendendo-nos e prometendo resistir, como de fato resistiu. Tenho certeza de que a própria CUT ficaria ralada de inveja ao nos ver em passeata. Por qualquer fato importante, seja desse lado do mundo, ou do outro, estávamos nas ruas com gritos, flâmulas, estandartes e foguetório²¹.

Enquanto isso, o exército se dividia. O 3º Exército recebeu ordens do General Ernesto Geisel para calar a Cadeia da Legalidade e bombardear o Palácio Piratini. A Aeronáutica dava vôos rasantes sobre a região central de Porto Alegre, aumentando, com isso, o clima de insegurança e o ânimo para a luta. Todavia, o General Máchado Lopes, comandante do 3º Exército, se negou a cumprir as ordens superiores. A animosidade criada pelo boato de bombardeio foi tão grande que chegou a colocar em risco a base aérea de Canoas.²² No relato de Werner Altmann, na época estudante do curso de História da URGs:

O Palácio seria bombardeado e, de fato, esse boato era fortíssimo. Tanto que o Brizola colocou barricadas e trincheiras, e estavam preparados para defender o Palácio Piratini do bombardeio. Esse boato era muito forte, e na casa do estudante evangélico ficamos ali, aguardando sentados e ouvindo o rádio. Era uma noite em que havia um silêncio que parecia que a cidade estava paralisada, aguardando o bombardeio, que acabou não acontecendo²³.

²¹ Otávio Rojas Lima, *Memórias do Julinho*, p. 132.

²² Hélio Silva, *O poder militar*, p. 234.

²³ Entrevista Werner Altmann.

Outro fato curioso foi o anúncio dos planos de bombardeio pela televisão americana. Ela apresentou um cronograma de operações e mapas indicando que o porta-aviões Minas Gerais iria partir do Rio de Janeiro até a barra do Rio Tramandaí, no Rio Grande do Sul, de onde sairiam os aviões para bombardear o Palácio Piratini. Esse episódio foi relatado pelo irmão de um dos entrevistados para este trabalho, que estudava nos Estados Unidos na época.²⁴ Essa notícia antecipada reforça a suspeita de influência americana no episódio da Legalidade.

Em Brasília, o presidente do Congresso Nacional, Raniere Mazzilli, apoiou publicamente a posse do presidente de direito, João Goulart. Os militares divulgaram um "Manifesto à Nação", no qual acusaram Jango de haver promovido agitações das classes trabalhadoras quando ministro do Trabalho, aumentando o risco de "comunização", não só da sociedade como um todo, mas até das forças armadas. Na Guanabara, o jornal "Correio da Manhã" teve sua edição apreendida por um censor do Estado enviado pelo governador Carlos Lacerda, que, durante a passagem de Jango pelo Ministério do Trabalho, foi seu opositor e mostrou exercer controle sobre a imprensa.

A Campanha da Legalidade foi o primeiro grande momento de mobilização popular da década de 60. O povo foi às ruas não apenas em Porto Alegre, foco de resistência onde os estudantes e a população em geral se engajaram profundamente para garantir a posse de Jango, mas também na Guanabara e em outros estados brasileiros. O que os motivou, além da posse do vice-presidente, foi a perspectiva de que o novo governo

²⁴ Entrevista Werner Altmann.

pudesse efetivar as mudanças estruturais que eram tão necessárias naquele período.

2.2. O governo João Goulart e as esperanças de mudança

Foi nesse clima que João Goulart conseguiu tomar posse como Presidente da República, não no regime presidencialista, mas no parlamentarismo, que foi implantado por imposição dos militares para limitar o poder do Executivo, uma vez que o Congresso era, de modo geral, direitista. Mas, desde a posse, começaram a atuar movimentos contraditórios, um querendo devolver o poder presidencial a Jango, enquanto outro tentava impedir o novo presidente de obtê-lo²⁵.

Logo de início, grandes questões precisavam de respostas do governo, tais como a renegociação da dívida externa, a lei sobre a remessa de lucros e dividendos para o exterior, pelas empresas multinacionais, o problema das concessionárias de serviço público no Brasil (que foram desapropriadas em alguns estados), a relação com os países socialistas e as reformas agrária e urbana, além da inflação disparada que atormentava os brasileiros.

O grande problema de Jango era não ter nem tempo nem espaço de manobra para adotar as medidas que julgava necessárias. Os ministérios não duravam mais que alguns meses, e os planos de governo, como o plano Trienal, se mostraram irrealistas. Em fins de 1962, os problemas de balanço e de inflação se tornaram praticamente intoleráveis. Nesse momento, Jango reuniu em seu ministério os principais

²⁵ Hélio Silva, *O poder militar*, p. 310.

intelectuais do país, tentando encontrar uma saída que não lesasse tanto os trabalhadores. Mesmo tendo sido o seu plano de estabilização aprovado pelo FMI, ele nunca entrou em prática. No lugar dele, Jango passou a adotar o nacionalismo radical como projeto para mudar a estrutura do país; eram as Reformas de Base²⁶.

2.3. Os Movimentos Católicos e as Reformas de Base

No período de 61 a 64, vários movimentos sociais ganharam espaço no país. Os sindicatos foram fortalecidos, embora estivessem sob suspeita. A Igreja exerceu um papel importante com o fortalecimento da Ação Católica. Este movimento organizou as Ligas Camponesas, o Movimento de Educação de Base (com o método Paulo Freire, que primou pela alfabetização conscientizadora) e os grupos de jovens católicos da JQC (Juventude Operária Católica), da JEC (Juventude Estudantil Católica) dos secundaristas e da JUC (Juventude Universitária Católica). Estes grupos serviram para comprometer a classe média e mobilizar setores populares pelas Reformas de Base²⁷.

A JUC, em especial, teve atuação destacada nas Reformas de Base. Pode-se dizer que a história da JUC está dividida em 1) uma etapa preparatória, entre 1943 e 1950, seguida por 2) uma etapa da organização, expansão e consolidação, entre 1950 e 1960, e, finalmente, 3) pela etapa do engajamento no temporal e a crise da hierarquia, entre 1960 e 1967. Em 1961, aumentou sua ligação com a UNE, pois Aldo Arantes, "jucista",

²⁶ Thomas Skidmore, *Brasil: de Castelo à Tancredo*, p. 38.

²⁷ Márcio Moreira Alves, *Igreja e política no Brasil*, p. 110.

foi eleito presidente da organização e expulso da JUC pela hierarquia da Igreja Católica. Em 1962, a consciência política se aprofundou ainda mais, de forma que, em 1963, após o Concílio Vaticano II, a JUC esteve presente em todos os movimentos pelas Reformas de Base.

No ano de 1960, a JUC já atuava em 52 cidades brasileiras e tinha forte influência na UNE. Também nesse ano, começou a reflexão sobre o "Ideal Histórico", definido como o máximo relativo de perfeição social e política possível ou que poderia se delinear em uma sociedade futura. Os líderes nacionais da JUC colocavam esse "Ideal" como desencadeador de uma ação coletiva que pretendia a descoberta de uma linha de ação a partir da síntese Homem-Temporal-Espiritual.

Essa teoria do Ideal Histórico buscou responder a uma inserção maior do movimento no meio universitário, eliminando a divisão entre a vida política e social do militante e a sua identidade como cristão. E também colocou a JUC na mídia, aumentando seu prestígio nos meios universitários. O crescimento na participação política universitária mudou os critérios para admissão de novos membros. Antes, era necessária a fé vivida em nível interno e autêntico; a partir dessa nova linha, os pontos valorizados passaram a ser a capacidade de liderança e a concordância com o Ideal Histórico²⁸.

Todavia, a JUC teve vários problemas com a hierarquia da Igreja Católica. Como mencionamos antes, membros que assumiam funções diretivas na UNE eram expulsos do movimento; também

faltavam padres assistentes que acompanhassem o movimento. Mesmo assim,

Os outros movimentos da Ação Católica cerraram fileiras, reconhecendo como válida a experiência de engajamento no temporal da JUC, e assumiram posições análogas. Todos chegaram a uma certa visão de conjunto e exprimem, na espiritualidade do engajamento, o sentido de seu trabalho temporal²⁹.

Os jovens universitários e os profissionais que não podiam militar na JUC pelo seu engajamento na política estudantil fundaram a Ação Popular. A AP era o braço laico da JUC que, a despeito do grande número de católicos presentes, não pretendia ser um movimento confessional, mas sim um grupo que lutava pela democratização social, econômica e política. Durante o "Encontro de pastores luteranos de estudantes sul-americanos", ocorrido em 1963, a AP e sua relação com a JUC foram alguns dos temas abordados:

A JUC não pode se identificar como grupo político, porque seus propósitos são outros. Mas a AP é uma opção possível, revolucionária, para os elementos católicos e contra o entreguismo. Suas bases são um espiritualismo realista. Consciência histórica crítica com capacidade de transformação. Quer a socialização. Formar estruturas de vida comum, não de coletivização, mas personificante. Revolução violenta só como autodefesa³⁰.

Tanto a JUC como a AP eram grupos ativos na política estudantil em Porto Alegre. No ano de 1963, uma das suas posições principais de um panfleto de divulgação era contra o

²⁸ José Oscar Beozzo, *Cristãos na universidade e na política- história da JUC e da AP*, p. 87-91.

²⁹ *Idem*, p. 48.

³⁰ Arquivo da PEPA, pasta G, documento: 10.

fetichismo partidário dos partidos comunistas, sem abandonar a posição revolucionária. Seus princípios eram:

Nossa luta é contra a violência dos que detêm o poder econômico e, com ele, defendem e enrijecem as estruturas de dominação social. Não é a violência a pressão das forças populares, resulta sim da exigência democrática de tornar o poder político sensível à opinião pública³¹.

2.4. A sociedade em ebulição: 1962-1964

Em junho de 1962, os alunos da Universidade do Rio Grande do Sul entraram em greve, reivindicando a participação dos estudantes nas decisões da instituição. Eles exigiam um terço dos votos nos Conselhos Universitários. Esse movimento foi nacional, sendo que, em algumas faculdades, os estudantes ganharam o poder de voto. Em um panfleto da época consta que, das 50 faculdades consultadas sobre a greve, 45 se pronunciaram a favor. É interessante que o próprio Presidente e o Ministro da Educação eram favoráveis à reforma proposta.

Os estudantes universitários, pela UNE, firmaram a Aliança Operário-Estudantil-Camponesa, cuja importância foi capital na luta pelas Reformas de Base. Com isso, começaram a ser desenvolvidas atividades de politização do meio operário, junto aos sindicatos ou associações de trabalhadores. O principal objetivo era apresentar a idéia de que a Reforma Universitária também seria uma Reforma de Base, estendendo a luta a todo o conjunto das forças progressistas³².

³¹ Folheto da AP de 22/10/1963. Arquivo da PEPA, pasta E, documento: 186.

³² Boletins UEE, novembro de 1963. Arquivo da PEPA, pasta E, 134.

Por Reforma de Base, entendia-se o reforço na participação do capital nacional em setores estratégicos e o monopólio estatal sobre os recursos energéticos, a reforma agrária e a reforma universitária. Essas mudanças atingiriam todos os setores da sociedade, em prejuízo de interesses das elites.

Ao mesmo tempo em que a sociedade civil se organizava exigindo reformas, forças políticas contrárias ao governo, com o patrocínio da CIA (Agência Central de Inteligência Americana), instalavam os seus órgãos de influência. Os mais importantes foram o IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática). Essas organizações recebiam dinheiro americano para organizar a sociedade civil contra o governo "sindical-comunista" de Jango e influenciar a imprensa contra as Reformas de Base. Entre os tentáculos do IBAD estavam a Ação Democrática Parlamentar, a Campanha da Mulher Democrática (atingindo as donas de casa), a Frente da Juventude Democrática e, no proletariado, a Resistência Democrática dos Trabalhadores Livres e o Movimento Sindical Democrático. Além desses grupos, existiam os movimentos católicos de direita, como os Cursilhos, o Rosário Pela Família, e as Marchas da Família com Deus e pela Liberdade³³.

É interessante observar que

O nacional-reformismo se revelara impotente para atender às necessidades políticas da época. As massas caminhavam adiante das direções. Os acontecimentos passaram à frente dos personagens.

³³ Moniz Bandeira, O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil- 1961-1964, p. 69.

Goulart, pelo seu temperamento, não era homem de decisões prontas e imediatas³⁴.

O ano de 1963 havia começado com grande agitação, pois em 6 de janeiro foi realizado o plebiscito que decidiria entre a vigência do Ato Adicional nº4, que instituiu o parlamentarismo, e a volta do presidencialismo. A maioria das urnas aprovou, por fim, a volta do presidencialismo.

Os confrontos de classe foram se aguçando a partir de 1963, com greves e invasões de terras; só nesse ano, foram 53 greves no Rio de Janeiro. A questão agrária provocou a radicalização do Congresso Nacional. A maioria dos parlamentares pertencia à UDN, o que entravou todas as demais reformas, como a educacional, a administrativa e a tributária³⁵.

Para compreender como ocorreu a ebulição de 1963-64, convém lembrar que as entidades patronais, de modo geral, podiam se expressar livremente; elas elaboraram campanhas contra o governo e até pela deposição do presidente. Já os trabalhadores e os seus sindicatos não tinham o direito de participar da política. Qualquer tentativa de organização desses setores tirava o sono das classes altas e era considerada infiltração comunista. Embora nos discursos dos trabalhadores e do governo nunca se tenha falado em rompimento da propriedade privada, os setores conservadores não conseguiam compreender que o povo pudesse ter idéias próprias sobre justiça social sem, necessariamente, ser comunista.

³⁴ Moniz Bandeira, O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil- 1961-1964, p. 104.

No início de 1964, a agitação popular, de ambos os lados, teve seu ponto culminante. As greves se sucederam; Na primeira quinzena de janeiro, houve 17 greves no Rio de Janeiro. A CIA já havia começado a armar o nordeste do país, onde o movimento camponês estava cada vez mais forte. A partir da metade do mês de março de 1964, as agitações passaram a ser mais freqüentes. No dia 13, houve um comício na Central do Brasil, onde Jango defendeu as Reformas de Base; estima-se que tenham comparecido 150 mil pessoas. Em 15 de março, o presidente enviou um projeto reformista ao Congresso propondo a desapropriação das terras improdutivas situadas às margens de rodovias e estradas de ferro. Alguns dias depois, em 19 de março, mulheres arregimentadas pelo IPES/IBAD promoveram a 1ª Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, em repúdio às medidas reformistas que elas consideravam comunistas. Cabe ressaltar que essas mulheres tiveram um papel fundamental no golpe militar, pois o legitimaram com os seus clamores contra o comunismo ateu que teria se implantado no governo federal, pedindo aos militares que intervissem para "salvar" o Brasil³⁶.

Por fim, como se não bastasse toda a movimentação popular, no dia 25 de março foi deflagrada uma revolta na Marinha, cujos participantes obtiveram a anistia do presidente. Aquele ato foi, para os militares, a instauração da anarquia dentro dos seus sagrados quartéis; a partir daí, o golpe foi deflagrado, sendo levado a termo na madrugada de 1º de abril de 1964.

³⁵ Moniz Bandeira, O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil- 1961-1964, p. 164

3. A DITADURA MILITAR E O ANO DE 1968

3.1. Instalação do Regime Militar

Antes de 1964, o processo conspiratório estava em curso nos principais estados brasileiros. O IPES/IBAD estendia-se sobre vários clubes, associações de classe, sindicatos e entidades. Os militares não contavam com a ação precipitada dos generais Olímpio Mourão Filho e Carlos Luís Guedes, que sublevaram suas tropas e receberam o apoio de Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais. Logo a seguir quase todos os estados aliaram-se ao golpe militar. Esses generais não estavam integrados ao processo articulado pelo IPES/IBAD e pela Escola Superior de Guerra³⁷. Os militares esperavam uma reação popular ao golpe. Todavia, por ironia, no dia 1º de abril havia sido decretada uma greve geral, que deixou as ruas vazias e sem transporte público que permitisse o deslocamento dos trabalhadores para o centro da cidade

Os militares dividiam-se em duas correntes de pensamento. Havia a chamada "Sorbonne", cujos membros estudaram no "War College", nos Estados Unidos, e na Escola Superior de Guerra (ESG), e partilhavam de uma visão menos nacionalista da economia; pretendiam extirpar a ameaça comunista e devolver o poder aos civis em pouco tempo. E havia a corrente conhecida como "linha dura", com uma visão marcadamente nacionalista e antidemocrática, que pretendia consolidar os instrumentos de força para motivar a estabilização da "revolução" e de seus postulados.

³⁶Solange de Deus Simões, *Deus, pátria e família: as mulheres no golpe de 1964*, p. 124.

A primeira ação dos militares foi o decreto do Ato Institucional n.º 1. Essa medida suspendeu por seis meses as garantias constitucionais de vitaliciedade e estabilidade dos servidores civis e militares, além de autorizar a suspensão de direitos políticos e a cassação de mandatos. Com isso, de abril a agosto de 1964 foram cassadas ou suspensas 700 pessoas. A "operação limpeza" tinha como estratégia dismantelar as organizações de oposição, como a UNE, os professores universitários e os movimentos camponeses, assim como afastar os líderes dos sindicatos. O AI-1 surpreendeu os que haviam apoiado a intervenção dos militares na crença de que sua intenção era restaurar a democracia, criando a primeira onda de animosidade contra o novo governo³⁸.

O golpe militar teve conseqüência direta na vida política de Porto Alegre. Boa parte das elites políticas parlamentares, sindicais e mesmo militares da cidade estavam comprometidos com o governo deposto, e sofreram por isso o processo de expurgo do AI-1. Até o prefeito e o vice-prefeito, recém-eleitos, foram expurgados, sendo empossado então o presidente da Câmara, homem de confiança do regime. Esse ato arbitrário calou fundo na consciência política dos porto-alegrenses, tanto que, em 15 anos de bipartidarismo, Porto Alegre votou sempre na oposição. O MDB (Movimento Democrático Brasileiro) obteve amplas vitórias nas eleições de 1966 e 1968, e venceu com mais dificuldade em 1970, no momento de maior repressão; nos anos seguintes, as vitórias foram se ampliando, até o MDB conseguir o dobro dos votos da ARENA, em 1978³⁹.

³⁷ Hélio Silva, *O poder militar*, p. 369.

³⁸ Maria Elena Moreira Alves, *Estado de oposição no Brasil*, p. 68

³⁹ Antônio Cláudio Nunes, *O comportamento eleitoral da cidade*, p. 54 e 55.

Porto Alegre também foi o núcleo da resistência ao golpe militar. Jango veio para o Rio Grande do Sul e, daqui, partiu para o exílio no Uruguai. A tentativa de resistência criou uma nova mobilização popular. As pessoas foram para a praça em frente à prefeitura esperar o anúncio de que o Rio Grande do Sul iria resistir ao golpe. Uma parte dos gaúchos estava disposta a pegar novamente em armas, como em 1961. Os estudantes fizeram listas de voluntários, como na Legalidade, e o clima de tensão e revolta foi tão grande que a URGs foi fechada durante mais de um mês, até que os expurgos se concretizassem.

Os estudantes das faculdades de Letras, Jornalismo e Ciências Sociais elaboraram um manifesto de solidariedade aos estudantes da faculdade de Filosofia, no qual descrevem a situação pós-golpe na UFRGS:

Manifestamos nossa estranheza diante dessa tentativa de cerceamento à liberdade cultural e intelectual; o expurgo dos professores; a repressão policial contra estudantes; a deposição de presidentes dos centros acadêmicos; as restrições impostas à liberdade de reunião e debate dentro da Universidade; a anti-estatutária eleição prevista para a UEE, são medidas que caracterizam um regime terrorista implantado no ensino brasileiro pelo Ministro da Educação, Sr. Flávio Suplicy Lacerda, às Reitorias e Direções de Faculdades⁴⁰.

Com a Doutrina de Segurança Nacional, todos os movimentos populares passaram a ser considerados ameaça à segurança. O inimigo era a agressão interna corporificada na infiltração e subversão ideológica: "e assim as idéias

⁴⁰ Manifesto dos estudantes do curso de Letras. Poa, 18 de setembro de 1964. Arquivo da PEPA, pasta G, documento 142.



passaram a ser encaradas como 'armas de agressão', suscetíveis de repressão policial e militar."⁴¹

É fundamental ter em mente que, na Doutrina de Segurança Nacional, a defesa militar, mais do que as necessidades materiais básicas da população, é considerada o principal objetivo do desenvolvimento econômico⁴².

Com base na Doutrina de Segurança Nacional promoveram-se ciclos de repressão. O 1º Ciclo foi em 1964, com o expurgo de pessoas politicamente ligadas ao governo anterior e repressão física a trabalhadores e camponeses, numa estratégia de classe para eliminar a resistência dos setores pobres. O 2º ciclo (1965-1966), após o AI-2, concluiu os expurgos na burocracia, em cargos eletivos e nas universidades, mas sem o emprego direto de violência. O 3º ciclo (1967-1972), por fim,

Caracterizou-se por amplos expurgos em órgãos políticos representativos, universidades, redes de informação no aparato burocrático do Estado, acompanhados de manobras militares em larga escala, com uso indiscriminado de violência contra todas as classes sociais.⁴³

Com o AI-2, os militares instituíram o bipartidarismo, e a face antidemocrática do regime não pôde mais ser escondida. Além da eleição indireta para presidente e vice, o governo federal poderia indicar novos prefeitos nos casos de cassação ou morte. "Nasceu assim a lógica eleitoral revolucionária: o Brasil precisava de uma democracia tutelada até que o corpo político fosse totalmente expurgado de seus elementos subversivos e/ou corruptos."⁴⁴ Os políticos de direita, que

⁴¹ Nelson Werneck Sodré, *O governo militar secreto*, p. 112.

⁴² Maria Elena Moreira Alves, *Estado de oposição no Brasil*, p. 48.

⁴³ *Idem*, p. 141

⁴⁴ Thomas Skidmore, *Brasil: de Castelo à Tancredo*, p. 135.

inicialmente haviam apoiado o regime, passaram à oposição, como foi o caso de Carlos Lacerda, e, a partir de 1966, os movimentos populares voltaram à cena.

A UNE, proibida, continuou organizando os estudantes universitários. Ela promovia, principalmente, os chamados "comícios relâmpago", que, pela sua espontaneidade, fugiam ao controle militar⁴⁵. A Igreja também começou a mostrar o seu descontentamento, principalmente na CNBB. Mas tanto a Igreja como os estudantes, nas suas manifestações antimilitares, acabaram por provocar e reforçar a hegemonia da "linha dura" e a figura do presidente Costa e Silva, eleito para suceder Castelo Branco em outubro de 1966.

Em 1966, Lacerda começou a negociação política para formar a "Frente Ampla", com o apoio de JK e João Goulart. O seu objetivo era pressionar para que os militares permitissem um terceiro partido político de cunho nacionalista (opção política que contradizia todas as opiniões que Lacerda havia defendido nos últimos 15 anos). A Frente Ampla, apesar de não haver exercido nenhuma ação política concreta, ocupou a mídia durante os anos de 1966 e 1967. A sua importância maior foi mostrar que, apesar do regime militar, era possível discutir política e tentar encontrar brechas na ditadura, além de aterrorizar o regime, que acreditava que esse grupo tentaria um contragolpe, formando uma "junta governativa" no início de 1968⁴⁶.

⁴⁵Thomas Skidmore, *Brasil: de Castelo à Tancredo*, p. 106.

⁴⁶Hélio Silva, *O Poder Militar*, p. 432.

3.2. Movimento estudantil de 1968

No ano de 1967, quando Costa e Silva assumiu a presidência, o modelo econômico proposto por Castelo Branco provocara recessão e defasagem salarial. O descontentamento geral foi canalizado pelos movimentos estudantil e operário e pela Frente Ampla, transformando-se em movimento de massas no ano seguinte.

Em 1967, os ataques dos estudantes ao regime foram ressurgindo, contra a reforma universitária proposta pelo acordo MEC/USAID. O governo militar havia assinado, em 1964, um acordo de assistência técnica e cooperação financeira com a *Agency for International Development* (AID) para a organização do sistema educacional brasileiro. Entre 1964 e 1965, os acordos firmados compreendiam a ajuda nos níveis fundamental e básico da educação; em 1966, foi assinado o acordo de assessoria para a modernização da administração universitária. A reforma educacional, proposta pelo MEC-USAID, tinha evidentes posições ideológicas ligadas ao liberalismo e à produtividade com forte base nos princípios de organização empresarial⁴⁷.

Nas universidades, uma das primeiras medidas adotadas foi a descentralização dos órgãos de representação estudantis pelo Decreto Lei nº 252, de fevereiro de 1967, com a extinção da UNE, e a eleição direta para os Diretórios Acadêmicos (DA) e indireta para os Diretórios Centrais de Estudantes (DCE). Também passou a ser vetada aos órgãos de representação estudantil qualquer ação, manifestação ou propaganda de

⁴⁷ Otaiza de Oliveira Romanelli, *História da Educação no Brasil*, p. 210.

caráter político-partidário, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas às aulas. O não-cumprimento desse decreto acarretaria a suspensão do DA ou do DCE.

Além disso, o projeto de Reforma Universitária em andamento previa a cobrança de anuidades nas universidades públicas, como uma forma de "obter mais justiça social", a redução dos currículos, criando cursos de curta duração em áreas técnicas e licenciatura, a criação de um ciclo básico comum a cada área, o fim da cátedra e a departamentalização das faculdades, e um vestibular unificado, com maior aproveitamento das vagas. A "ajuda americana", aliada à ideologia de mercado implantada nas universidades, fez com que os estudantes se mobilizassem ainda mais nos anos de 1967 e 1968⁴⁸.

Os estudantes porto-alegrenses da UFRGS, em 1967, estavam com uma ampla agenda de discussões. O DCE-Livre (Diretório Central dos Estudantes) foi eleito pelo voto dos presidentes dos centros acadêmicos, que elaboraram uma consulta em suas faculdades e não concordaram com a indicação da presidência do DCE de forma arbitrária. O DCE-Livre propunha manifestações reivindicando aumento de verbas para o ensino, a Casa de Estudantes e o Restaurante Universitário, admissão de professores, extinção de anuidades, abolição do vestibular, e estatização de escolas e universidades particulares. Esse grupo reivindicava também liberdade de associação e funcionamento para as entidades estudantis e sindicatos, era contra a "lei da greve", pelo fim da intervenção do DCE-UFRGS e pela liberdade dos estudantes

⁴⁸ Otaíza de Oliveira Romanelli, *História da educação no Brasil*, p. 221.

presos⁴⁹. Essas discussões e manifestações foram um ensaio para o grande movimento estudantil que aconteceria no ano seguinte.

O ano de 1968 foi emblemático em todo o mundo ocidental. Foi nesse ano que, na França, os estudantes se revoltaram contra o ideário liberal-burguês, pedindo uma reforma universitária. O mesmo aconteceu na Alemanha, nos Estados Unidos (onde os universitários foram contra a Guerra do Vietnã), no México e no bloco soviético. Foi nesse ano que os protestos estudantis no Brasil tiveram seu ponto alto.

Nos anos 60, o polo de ressonância da política brasileira, das contradições de classe, era o movimento estudantil, assim como nos anos 70 o polo de ressonância se transfere para o movimento operário⁵⁰.

A resistência estudantil se deu, usualmente, em três etapas: 1) a crítica acadêmica ao novo modelo imposto, por meio de debates e simpósios (1965-66); 2) o confronto para evitar a reforma universitária MEC-USAID, com manifestações nas ruas e ocupação de faculdades (1967-68); e 3) a passagem de muitos estudantes para a clandestinidade e para a guerrilha (a partir de 1968)⁵¹.

No início de 1968, os estudantes voltaram a se mobilizar contra o aumento das taxas universitárias, por salas de aula adequadas e contra os cortes de verbas para a educação no orçamento do governo. No centro do Rio de Janeiro, havia também a reivindicação de melhora na comida do restaurante

⁴⁹ Manifesto DCE-Livre, segundo semestre de 1967. Arquivo da PEPA, pasta: N, documento: 205.

⁵⁰ Frei Beto, Maria Antônia: uma trincheira de resistência a ditadura, p. 138.

⁵¹ Idem, p. 138

universitário Calabouço e de finalização da construção do prédio. Foi nesse local, no dia 28 de março de 1968, que o estudante secundarista Edson Luís foi morto em um choque com a polícia.

Esse fato desencadeou o movimento de massas de 1968 no Brasil. Após a morte, os estudantes levaram o corpo para ser velado na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, temendo que ele desaparecesse. Vários políticos e personalidades famosas compareceram ao velório e uma grande multidão participou do enterro. Todos os acontecimentos receberam ampla cobertura na mídia, o que contribuiu para que a Igreja da Candelária lotasse na missa de sétimo dia.

O movimento estudantil de 1968 canalizou o apoio da classe média por duas vias. Muitas mães, antes colaboradoras do regime, começaram a pensar coisas como "poderia ter sido o meu filho", a partir da morte de Edson Luís. Em Brasília, a UnB (Universidade de Brasília) foi invadida, e detiveram e ameaçaram vários estudantes. Essas atitudes acabaram por levar a classe média a engrossar as fileiras contra a violência da repressão policial.

A segunda reivindicação era por mais vagas nas universidades públicas, pois o número de estudantes tentando ingressar no ensino superior havia aumentado em 120% entre 1964 e 1968, enquanto o número de vagas cresceu somente 52%. O desafio de entrar em uma faculdade acabou se tornando uma frustração para muitos estudantes e suas famílias. O apelo pela reforma no processo de seleção era tão forte que, nas

manifestações de 1968, os estudantes secundaristas e suas famílias gritavam "vagas, vagas!"⁵².

Após a morte de Edson Luís e a repressão governamental às passeatas pacíficas, a Igreja Católica passou abertamente para o lado dos estudantes. Dom Agnelo Rossi recusou a medalha da Ordem Nacional do Mérito concedida pelos militares, em solidariedade aos sacerdotes presos pelo governo (1/10/1968). Os trabalhadores de Contagem (MG) e Osasco (SP) ousaram fazer greve. Estudantes começaram a invadir os prédios de faculdades, realizar assembléias estudantis, organizar passeatas (no RJ, houve uma com 100 mil pessoas em 26.06.1968), e isso levou os militares a invadirem universidades como a UnB e a UFMG. O deputado Márcio Moreira Alves propôs um boicote à parada militar de 7 de setembro e os parlamentares se negaram a cassar o seu mandato, como queriam os militares. Enfim, para o governo, o ano de 1968 condensava os piores pesadelos⁵³.

Em Porto Alegre, no início de 1968, os estudantes decretaram greve em várias faculdades da UFRGS, iniciando um processo de greve geral. Com a vinda de Costa e Silva para o estado, a UFRGS sofreu intervenção militar por dez dias. Mesmo assim, os estudantes realizaram uma passeata em protesto pelo assassinato de Edson Luís. Com esse movimento, foram obtidas mais verbas para as faculdades de Arquitetura, uma das mais esquerdistas, e Medicina⁵⁴.

⁵² Thomas Skidmore, *Brasil: de Castelo à Tancredo*, p. 154.

⁵³ Elisabeth F. Xavier Ferreira, *Mulheres, militância e memória*, p. 34-36.

⁵⁴ *Jornal da UNE sobre o 30º Congresso da UNE, 10/1968*. Arquivo da PEPA, pasta: N, documento: 360. A data em que ocorreu a invasão não foi lembrada pelo entrevistado.

Maio de 1968 foi o auge das passeatas estudantis em Porto Alegre; "parecia que a cidade iria explodir com o mundo"⁵⁵. Outra estratégia dos movimentos estudantis na UFRGS, em 1968, foram as ocupações de faculdades. A Faculdade de Direito foi ocupada por estudantes, cercada pela polícia e desocupada somente depois que os sitiados, após horas de cerco, começaram a jogar as cadeiras pelas janelas; com isso, a reitoria entrou na negociação que permitiu a saída dos estudantes⁵⁶. Outra faculdade ocupada no segundo semestre daquele ano foi a de Filosofia.

A ocupação foi mais ou menos espontânea e não havia lideranças fortes e nem dirigentes com suficiente autoridade para manter a Filosofia em mãos dos estudantes; aquela situação não poderia se prolongar por muito tempo. A ocupação durou pouco mais de 24 horas, e como na tarde seguinte seria realizada uma passeata da qual todos os estudantes queriam participar, não havia numero suficiente de pessoas para manter o domínio da Faculdade. Foi decidido que a entregariam à direção. Com o sentimento de quem praticou um ato indigno, fomos descendo a Rua da Praia, os participantes gritando o refrão: "É pacífica, é pacífica", "soldado também é povo". Não adiantou, minutos depois a pauleira baixou⁵⁷.

Em meados de julho, Costa e Silva e a cúpula militar já cogitavam decretar estado de sítio. Em 13 de dezembro de 1968, o presidente editou o AI-5, que permitiu ao Executivo decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, suspender os direitos políticos de qualquer pessoa por 10 anos e as garantias de habeas-corpus nos casos de crimes políticos contra a segurança nacional. A partir desse dia, tornou-se

⁵⁵ Índio Vargas, "Guerra é guerra", dizia o torturador, p. 37.

⁵⁶ Entrevista com Dealmo Alfredo Adam.

⁵⁷ Índio Vargas, "Guerra é guerra", dizia o torturador, p. 39.

impraticável qualquer forma pacífica de contestação ao regime. Os mais corajosos partiram para a luta armada; aos demais só sobrou o medo.

Com a edição do AI-5, todas as formas de repressão passaram a ser permitidas. A tortura aos presos políticos foi institucionalizada. Não que ela não existisse antes, mas, a partir de então, ninguém mais fez questão de escondê-la. Com essa prática, instaurou-se a "cultura do medo"⁵⁸, e todos sabiam que qualquer participação política equiparava-se ao risco real de prisão e conseqüente tortura:

Mas a tortura tornava-se alguma coisa mais. Tornava-se um instrumento de controle social. Nada circulava mais rápido, especialmente entre a geração mais jovem, do que a notícia de que meu amigo, ou um amigo do meu amigo caíra nas mãos dos torturadores. Estes advertiam suas vítimas para que não abrissem a boca, sabendo muito bem que muitos o fariam⁵⁹.

4. O comportamento dos jovens na década de 1960

Muitos estudos foram feitos sobre o fenômeno jovem da década de 1960. Esses jovens, em todo o mundo capitalista e no socialista, colocaram-se contra a ordem estabelecida e começaram a quebrar tabus referentes ao papel da mulher na sociedade e à questão da sexualidade entre outros. Os questionamentos iniciaram durante os anos 60 e tiveram o seu desenvolvimento na década de 70, com o movimento hippie, os slogans de amor livre e o movimento feminista.

⁵⁸ Maria Elena Moreira Alves, *Estado de oposição no Brasil*, p. 169.

⁵⁹ Thomas Skidmore, *Brasil: de Castelo à Tancredo*, p. 181.

Uma das explicações para esse fenômeno diz respeito ao grande número de jovens na faixa dos 15 a 21 anos durante essa década. Esses jovens eram frutos do *Baby Boom* e foram chamados de "bombers", pois nasceram no pós-guerra, durante a euforia da reconstrução da Europa, do crescimento econômico americano e da industrialização no Brasil. Cresceram sob uma autoridade paterna forte e repleta de castigos físicos, inclusive nas escolas. Mas, em alguns casos, conheciam mulheres que trabalhavam fora de casa e já havia algumas situações de questionamento às autoridades na década de 50, como na música, com os primeiros acordes do rock.

A contestação foi característica marcante dessa geração. Os anos 60 questionaram todos os níveis da vida social. Na cultura, foram criados movimentos musicais que procuravam expressar, em canções de luta, a realidade injusta que os cercava; um exemplo disso está nas músicas de Chico Buarque. Na literatura, surgiram romances como *Quarup*, de Antônio Callado, e peças teatrais, principalmente as criadas pelo Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE. Quanto aos costumes, os cabelos cresceram e as saias encurtaram, como símbolo de rebeldia⁶⁰.

Mas foi a contestação política a grande marca dessa geração. No Brasil, os estudantes, não raro pertencentes às classe média e média-baixa, voltaram-se contra seus valores tradicionais de classe. Um estudo em cinco cidades, no ano de 1964, apontou três grandes correntes políticas entre os jovens. Os conservadores totalizavam 15%, os reformadores 85%, e os revolucionários 15%, sendo que apenas 5% lutavam ativamente. O índice de passividade entre os estudantes

conservadores era de 15%, 60% entre os reformadores, e 10% entre os revolucionários⁶¹. Esse estudo dá uma idéia da aceitação do projeto das Reformas de Base na classe estudantil, bem como mostra que apenas uma pequena parte dos estudantes realmente saía do discurso para a ação concreta.

Para a família brasileira, em geral, a universidade era o único caminho para a ascensão social. A classe média liberava ressentimentos e aspirações que eram apreendidos pela pessoa quando entrava na sociedade. Nesse momento, ela percebia que só havia dois caminhos para a verdadeira ascensão: ou adaptar-se ao sistema, ou contestá-lo, procurando mudar sua configuração e buscando maior possibilidade de crescimento para todos. Em ambos os casos, essa opção era levada em termos absolutos.

Sem dúvida, na medida em que é instrumento das pressões reivindicatórias da classe média e na medida em que radicaliza em ações, o estudante leva seu inconformismo juvenil mais além dos limites da classe de origem. Incorpora-se no processo histórico de superação da classe⁶².

A ação estudantil estava ligada à neutralização de tudo o que era considerado conservador e tradicional. Sendo assim, era muito mais uma luta contra a persistência do passado do que pela construção de um novo presente. Por isso, o movimento estudantil tinha um caráter marcadamente de

⁶⁰ Maria Eunice Maciel, *A (R)evolução dos costumes: nada mudou, tudo mudou*, p. 130.

⁶¹ Hélio SILVA, *O poder militar*, p. 478.

⁶² Marilice Foracchi, *O radicalismo vinculado ao sistema, condições sociais da politização do estudante brasileiro*, p. 1.

afirmação, sem necessariamente levar a uma práxis revolucionária⁶³.

Essa juventude também estavam em situação econômica privilegiada. Na medida em que não estavam diretamente vinculados ao mundo da produção, os jovens sentiam mais tênues os laços de solidariedade com sua classe. Sendo assim, o espaço para contestação econômica era mais amplo, inclusive apoiando posições que "prejudicariam" sua própria família, como no caso dos médios e grandes proprietários de terras. Todavia, segundo João Batista Libâneo, "quando se aproximam, porém, decisões que comprometeriam de fato a pertença a sua classe, sofrem as maiores angústias e indecisões e a fúria profética se abrandam."⁶⁴

A descoberta da ação política levou os estudantes a uma conversão intelectual repentina e total, excluindo a progressão gradual que caracteriza os que agem politicamente por uma questão de classe. Para esses jovens, o mundo não só tinha que ser mudado, mas tinha que ser mudado rapidamente⁶⁵.

Por causa dessa sua situação social, os jovens eram seres parciais e transitórios. Suas ações, como estudantes, dependiam menos da probabilidade de levar a cabo o planejado e desejado do que da unidade das suas intenções. Outro fator importante era a falta de elaboração da luta com reivindicações específicas.

⁶³ Marilice Foracchi, O radicalismo vinculado ao sistema, condições sociais da politização do estudante brasileiro, p. 3.

⁶⁴ João Batista Libâneo, O mundo dos jovens- reflexões teológicas pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja, p. 65.

⁶⁵ Márcio Moreira Alves, A Igreja e a política no Brasil, p. 130.

Com suas contradições de classe média, os jovens protestavam. Tinham vagas aspirações, não tinham exatamente um programa. Sabiam o que não queriam, e isso parecia suficiente - e foi o ponto que conferiu legitimidade a toda a luta de uma geração. Entretanto, era, no fundo, uma luta estruturalmente frágil e acabou esgotada⁶⁶.

As características da ação dos estudantes na década de 60 eram: 1º) as tarefas do movimento formulavam-se no contexto de uma sociedade subdesenvolvida, sendo eles a massa esclarecida que deveria politizar os outros; 2º) a ação política adquire conteúdo em um contexto de massa; a ação de massa era o polo de referência da atuação política⁶⁷.

Sendo assim, podemos observar que a ação radical dos jovens dessa geração não realizou algo que possa ser considerado uma revolução, porque eles não tinham o propósito de alterar irreversivelmente o modo de organização da sociedade. Representava, ao contrário, apenas uma solução para as classes ocasionalmente expostas à crise do sistema.

Adota-se a revolução como alternativa, mistificando-se nesta adoção as condições que geram as necessidades históricas. Esta passa a ser a base efetiva da orientação política das aspirações : a revolução confundida com ascensão, e a politização reduzida a educação⁶⁸.

Portanto, o tom radical apenas acentuava o caráter de urgência das reivindicações, e não o seu conteúdo concreto. O movimento estudantil adotou uma postura que, ao defender

⁶⁶ Luiz Roberto Lopez. A conjuntura cultural do Brasil em 1968, p. 160, In: 1968, o ano das muitas primaveras.

⁶⁷ Marilice Foracchi, O radicalismo vinculado ao sistema, condições sociais da politização do estudante brasileiro, p. 5.

⁶⁸ Marilice Foracchi, O radicalismo vinculado ao sistema, condições sociais da politização do estudante brasileiro, p. 5.

simbolicamente alguns privilégios, defenderia simbolicamente os interesses de toda a sociedade. Por exemplo, ao exigir a reforma de um ensino obsoleto, atingiria todo um sistema educacional, e, de igual forma, ao defender uma universidade pública, estaria lutando pela democratização de todo o sistema de ensino⁶⁹.

Os estudantes da década de 60 foram um símbolo de luta para toda a geração posterior. Cabe, entretanto, questionar até que ponto o discurso revolucionário era apenas o reflexo da afirmação frente ao mundo dos adultos ou se era um desejo real de mudança na sociedade.

Enfim, resumindo, há uma rejeição radical de uma sociedade fundada na espera, no tempo linear, no modelo discursivo, no já feito e imposto de fora. Trata-se da rejeição da distância, da mediação sob todas as suas formas, para afirmar a prioridade incontestável do instante, do atual, do imediato, do que se está vivendo em oposição ao que se ensina⁷⁰.

⁶⁹ Pierre Furter, *Caminhos e descaminhos de uma política da juventude*, p. 7.

⁷⁰ João Batista Libâneo, *O mundo dos jovens- reflexões teológico pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja*, p. 67.

CAPÍTULO II

Os jovens luteranos no início da década de 1960

A história dos movimentos de jovens na IECLB tem raízes profundas, que se confundem com a própria história da igreja luterana no Brasil. Neste capítulo, discutiremos os movimentos de jovens luteranos na região sul do Brasil da década de 50 até 1963, quando eles passaram a defender um discurso mais politizado. Essas pessoas estavam congregadas nas Juventudes Evangélicas (JEs), que tinham como veículo de comunicação a *Revista da Juventude Evangélica* (Revista da JE) e, no caso dos universitários, na Congregação dos Estudantes de Porto Alegre (CECEPA e hoje Paróquia dos Estudantes de Porto Alegre) e na Associação Cristã de Acadêmicos (ACA).

1. Movimentos de jovens luteranos na década de 1950 até 1960

A *Revista da Juventude Evangélica* (Revista da JE) teve seu primeiro número editado em julho de 1954. Ela surgiu substituindo a revista *Evangelische Jugend* que circulou entre 1936 e 1940. Desde o primeiro número, a revista já tinha à frente o pastor Godofredo Boll, como editor-chefe. A função da Revista da JE era promover uma maior comunicação entre os grupos; ela circulava em nível nacional, embora a maior parte da tiragem ficasse na região sul do país.

Essa revista apareceu em um momento em que o movimento de jovens na IECLB (que na época estava estruturada em Sínodos) recebeu um grande incentivo da Federação Luterana

Mundial (FLM). Na década de 50, houve um impulso de retomada dos grupos de juventude nas paróquias, pois, durante a Segunda Guerra Mundial, em função dos vínculos de algumas JEs com o ideário nazista, esses grupos praticamente deixaram de existir⁷¹.

Em 1955, o pastor Ernest Neisel, alemão que havia estudado nos Estados Unidos, veio para o Brasil para iniciar um trabalho específico com universitários.

O pastor Boll, já envolvido com as JEs, passou a ser o "tutor" do pastor Neisel. Boll estudava na Universidade do Rio Grande do Sul (URGS, hoje UFRGS), onde cursava Letras Clássicas, e ajudou Neisel a tomar contato com os estudantes brasileiros. Na verdade, a demanda da IECLB por um grupo de jovens universitários era tão antiga quanto a das JEs por uma Secretaria Geral. Ambas remontam ao período anterior a 1956. Na *Revista da JE* daquele ano, apareceu a informação de que a Juventude Evangélica da Paróquia Matriz de Porto Alegre havia criado uma comissão para ajudar os estudantes do interior que viessem para a capital. Os membros da comissão ofereciam-se para encontrar vagas em pensões ou casas, reservar matrículas em colégios e orientar os recém-chegados sobre possíveis empregos. Esse serviço já estava sob orientação do pastor Boll há três anos.⁷²

No ano de 1958, solicitou-se pela primeira vez na *Revista da JE* que os grupos de JEs de todo o estado enviassem uma lista dos seus ex-membros que estavam em Porto Alegre, com nome, endereço e escola que cada um freqüentava. Essa

⁷¹ Vídeo sobre a História da Juventude Evangélica.

⁷² *Revista da Juventude Evangélica*, setembro a dezembro de 1956.

lista foi solicitada pelo Serviço de Ação de Assistência Moral e Religiosa da IECLB⁷³ aos membros das JEs dos interior.

O trabalho com universitários recebeu ainda um outro incentivo, financeiro desta vez, por parte da Federação Luterana Mundial (FLM). Segundo o pastor Boll, o interesse da FLM no movimento de jovens luteranos no Brasil, em especial os universitários, começou a partir da visita do Secretário-Geral dessa organização para a América Latina. Ele observou que a igreja luterana ainda não havia ultrapassado duas fronteiras sociais, a operária e a universitária. Assim, a FLM propôs-se a subvencionar o trabalho com esse grupo durante dez anos, de forma regressiva⁷⁴.

Ao lado das iniciativas da FLM e da JE da Matriz de Porto Alegre, formava-se um movimento, coordenado pela Associação de Ex-Alunos do Colégio Sinodal (AEACS) e divulgado pela Revista da JE nas edições de 1954⁷⁵, empenhado em comprar um imóvel para a criação de uma casa de estudantes. Essa campanha para comprar e organizar uma casa para os estudantes luteranos tinha como objetivo fornecer moradia e alimentação para jovens vindos do interior e ex-alunos de colégios evangélicos. A AEACS rifou um carro; com o dinheiro arrecadado nessa promoção, foi adquirida a Casa do Estudante Evangélico, com capacidade para 26 jovens, localizada à rua Sarmiento Leite, 1053. No ano em que a casa foi comprada (1956), já se fazia sentir a necessidade de aumentá-la, devido à grande procura dos estudantes.⁷⁶

⁷³ Acreditamos que esse seja o grupo de auxílio criado pela Juventude Evangélica da Matriz.

⁷⁴ Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999.

⁷⁵ Revista da Juventude Evangélica, setembro a outubro de 1954.

⁷⁶ Revista da Juventude Evangélica, março a abril de 1956, pg. 9.

Segundo o relato de um dos entrevistados, havia também um grupo de jovens universitários que se reuniam na Paróquia da Paz nessa época, até o ano de 1958. Além dos estudos bíblicos, os integrantes desse grupo discutiam entre si os problemas da universidade⁷⁷.

O trabalho de Neisel começou a ser implantado no primeiro semestre de 1956. Em 1959 foi oficializada a criação da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, com um culto no qual estiveram presentes cerca de 60 pessoas. Desde o início, a Congregação dos Estudantes foi um grupo independente, embora recebesse ajuda financeira da FLM e pertencesse à Comunidade Evangélica de Porto Alegre (CEPA), que, por sua vez, fazia parte do Sínodo Riograndense. A Congregação já iniciou seus trabalhos com mais de 100 estudantes inscritos, graças aos contatos de Neisel com os universitários e ao trabalho da *Revista da JE* e da *JE* da Matriz.

Outra alternativa para os jovens cristãos era a Associação Cristã de Acadêmicos (ACA). Tratava-se de uma organização de estudantes universitários, por princípio ecumênica (protestante, principalmente), que se reunia nas salas da Faculdade de Filosofia da antiga URGs. Segundo os documentos encontrados, a ACA estava se reunindo já em 1956, e o pastor Neisel era o secretário regional de União Cristã de Estudantes em Porto Alegre, a entidade que englobava todas as ACAs do Brasil. Mas não sabemos quando o movimento de ACA iniciou, ou quem era o responsável antes do estreitamento dos

⁷⁷ Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999. Infelizmente não foi encontrada nenhum documento comprovando esse grupo, restando apenas o relato do entrevistado.

laços com a Congregação dos Estudantes⁷⁸. A aproximação da ACA com a Congregação dos Estudantes foi obra do pastor Neisel, que havia trazido o modelo de trabalho universitário ecumênico dos Estados Unidos. Para Neisel, e depois Boll, o trabalho universitário exclusivo com os jovens luteranos não teria sentido, pois não traria a abertura e a riqueza das discussões proporcionadas pelo ecumenismo. No ano de 1960, o pastor Boll assumiu a secretaria regional da UCEB e a ACA de Porto Alegre⁷⁹.

O público interessado na Congregação eram, em primeiro lugar, os jovens que moravam na Casa do Estudante Evangélico do Rio Grande do Sul (CEERGS)⁸⁰. Estes, no início dos anos 60, já somavam cerca de 50 rapazes, nas casas 1 e 2, e 20 moças na Casa da Estudante Evangélica, organizada e mantida pela Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE). Na ACA, além dos luteranos das casas de estudantes, participavam os estudantes episcopais da Casa Pi (como era conhecida a casa do estudante da Igreja Episcopal), que ficava a poucas quadras do CEERGS.

1.1. Objetivos da Congregação dos Estudantes

A Congregação dos Estudantes surgiu como um espaço, dentro da igreja, para os universitários e estudantes secundários do segundo ciclo. Sendo assim, o seu objetivo principal era manter esses jovens ligados à igreja, em um

⁷⁸ Arquivo da PEPA, pasta L, documento 124. "Até então os estudantes evangélicos ou participavam das atividades da JE ou se filiavam ao grupo ecumênico, a Associação Cristã de Acadêmicos (ACA), ou se satisfaziam com uma ligação formal ou tradicional da Igreja."

⁷⁹ Entrevista com Godofredo Boll, 15/11/2000.

programa que atendesse suas necessidades, que eram diferentes das de uma comunidade normal. Essas pessoas estavam em um momento de transição para a vida adulta, longe de casa, e, na maioria dos casos, se afastaram da igreja após os longos anos de estudos nos colégios evangélicos⁸¹.

É possível notar que os objetivos da Congregação foram mudando, de acordo o contexto sócio-político em que viviam os estudantes. Obviamente, isso não chegou a comprometer a fé vivificada por eles/elas quando de seu ingresso no grupo. Podemos notar que, progressivamente, houve um incentivo maior à inserção deles nas atividades de política estudantil.

A definição da Congregação em 1960 era:

Queremos ser uma comunidade cristã e tudo o que fazemos deve ser expressão de vida cristã. Advertindo-nos contra o ativismo vazio e infrutífero, a palavra bíblica nos inspira, porém, antes de tudo, a esperança de um trabalho significativo onde Cristo é o centro e o seu espírito a força que anima.⁸²

No ano de 1961, os estudantes já se encontravam muito mais inseridos na realidade universitária:

Somos do parecer que o estudante não pode se fechar em sua especificidade. Ele é solicitado pelas perguntas da sua época e lhes deve respostas. Queremos encontrá-las, honestamente, como cristãos.⁸³

⁸⁰ A Casa do Estudante Evangélico passou a se chamar Casa do Estudante Evangélico do Rio Grande do Sul (CEERGS), em 27 de março de 1960. E, em 1968, Centro Evangélico Universitário de Porto Alegre (CEUPA).

⁸¹ Arquivo da PEPA, pasta L, documento 124.

⁸² Arquivo da PEPA, pasta A, documento 36.

E, em 1962:

Por seu estudo na Universidade, pela política estudantil, o estudante é forçosamente envolvido nos problemas que afligem a humanidade e o povo brasileiro. Procuramos encorajá-lo para que ele dê sua contribuição de cristão evangélico no mundo universitário, e, por outro lado, enriqueça a sua Igreja com a sua experiência de universitário.⁸⁴

Nesses enxertos, podemos ver que a Congregação dos Estudantes foi sofrendo uma influência cada vez maior do movimento estudantil, absorvendo gradativamente os temas discutidos na universidade para dentro das suas reuniões. Essa mudança também está relacionada com um contato maior com a ACA e a União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB), a partir de 1960.

1.2. Objetivos da Associação Cristã de Acadêmicos e da União Cristã de Estudantes do Brasil

A ACA, como já dissemos anteriormente, aproximou-se da Congregação dos Estudantes pelo pastor Neisel. Antes do ano de 1960, quando Boll foi eleito secretário da ACA em Porto Alegre, havia já um grupo formado por estudantes que congregava as juventudes metodista, presbiteriana e episcopal.

As ACAs estavam filiadas à União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB), fundada em 1926⁸⁵, que, por sua vez, estava ligada à FLM. A sua sede ficava em São Paulo, de onde a

⁸³ Arquivo da PEPA, pasta A, documento 19.

⁸⁴ Arquivo da PEPA, pasta D, documento 54.

⁸⁵ Arquivo da PEPA, pasta H, documento 97.

entidade mantinha o contato com as diversas organizações estudantis na América Latina, como os Movimentos Estudantis Cristãos (MECs, na América Latina), a União Latino-Americana de Juventudes Evangélicas (Unelan), com sede no Uruguai, e o Pax Romana, movimento de estudantes católicos de diversos países, todos ligados à Federação Mundial de Movimentos Estudantis Cristãos (FUMEC), com sede mundial na Suíça. Além dos movimentos estudantis, também havia contato com a Comisión Evangélica Latino-americana de Educación Cristiana (CELADEC), a Igreja y Sociedad en América Latina (ISAL) e a Comissão Provisória Pró-Unidade Evangélica Latino-americana (UNELAN).

A função da UCEB era organizar o trabalho ecumênico universitário. Havia um Secretário Geral, que tinha como uma de suas obrigações visitar periodicamente os grupos de estudantes. Além disso, procuravam fornecer suporte econômico para encontros e acampamentos de trabalho, que eram considerados fundamentais para que os estudantes conhecessem as diversas realidades brasileiras. A UCEB também publicava material para discussão nos grupos, produzindo revistas, folhetos e cadernos. Fazer parte da UCEB ia além dos sentidos administrativo e prático, pois, nas discussões nos encontros e nas publicações oferecidas por ela, eram delineados os objetivos das ACAs e a filosofia que nortearia o trabalho com os universitários.

Um conjunto de documentos importantes para conhecermos a história e os objetivos da ACA e UCEB são as notas tomadas por Boll na 26ª Assembléia da UCEB, em São Paulo, em março de 1964. Nessa reunião foram escolhidos o novo conselho e o Secretário Geral da UCEB, sendo que este último cargo havia

sido instalado em 1959. Estavam presentes na assembléia grupos da ACA de Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.

No relatório apresentado pelo conselho que se despedia, constavam alguns atos tais como a procura de contato com os grupos universitários protestantes, a partir de 1959, com o objetivo de integrá-los nos programas da ACA/UCEB. Outro fato interessante foi a busca de uma aproximação maior entre as Igrejas Luterana e Católica, as Comunidades Eclesiais de Base e os demais movimentos estudantis cristãos da América Latina a partir de 1952.

Nas notas de Boll, a ACA aparece conceituada como:

Comunidade que parte de uma origem, ou base cristã comum, para ser instrumento da humanização (em nome de Cristo) na Universidade.⁸⁶

Em uma carta da UCEB, enviada da sede em São Paulo em janeiro de 1961, Boll foi convidado para officiar três cultos matinais no acampamento de trabalho que seria feito no mês seguinte. Na carta, informa-se que a UCEB:

Há mais de trinta anos trabalha entre os estudantes, procurando proporcionar-lhes oportunidades e condições de testemunhar e viver no ambiente estudantil as experiências da fé e vida cristã.⁸⁷

Em uma declaração do mesmo ano de 1961, definiu-se que a participação política era "a" forma de expressão do testemunho cristão na universidade⁸⁸. Em 1962:

⁸⁶ Arquivo da PEPA, pasta G, documento 65.

⁸⁷ Arquivo da PEPA, pasta A, documento 41.

⁸⁸ Arquivo da PEPA, pasta F, documento 73.

atualmente, a principal preocupação dos estudantes destes grupos [ACAs] é para com a presente situação brasileira (que vive um processo revolucionário) e a melhor maneira do cristão participar dela.⁸⁹

Em um encontro durante a Páscoa de 1963, em São Paulo, os objetivos da UCEB e ACA aparecem como:

O que caracteriza a UCEB é a preocupação pela situação brasileira; o primeiro mandamento é: esteja onde o povo está. Identificados com a luta para a redenção do povo = classes humildes, trabalhadores e camponeses⁹⁰.

Em um outro folheto de divulgação, datado de abril de 1965, procurou-se situar o trabalho desenvolvido pela ACA. À época do lançamento desse folheto, o grupo estava se reestruturando após o golpe militar. Nesse folheto, o conceito e objetivos da ACA eram:

ACA tem uma tradição de vários anos de atividades em que o ecumenismo e a participação na vida universitária foram e continuam sendo uma ênfase constante. Orientação vocacional, ambientação universitária, currículos, greves, eleições, possibilidades ecumênicas, inquietações e instabilidades existenciais serão assuntos de ACA enquanto se constituírem problemas atuais.⁹¹

O grande teórico das ACAs foi Richard Shaull, teólogo metodista que formulou a Teologia da Revolução. Ele indicou as estratégias de trabalho para as ACAs: 1) Cada MEC ou ACA deveria começar com um grupo pequeno e homogêneo de estudantes cristãos que estivessem se reunindo por uma fé e uma preocupação comum a todos; 2) cada grupo homogêneo

⁸⁹ Arquivo da PEPA, pasta D, documento 144.

⁹⁰ Arquivo da PEPA, pasta M, documento 86.

⁹¹ Arquivo da PEPA, pasta G, documento 95.

deveria fazer um sério esforço de orientação teológica e estudo; 3) cada grupo de estudantes precisaria ter um objetivo e agir dinamicamente para realizá-lo.⁹² Seguindo essas proposições, as ACAs, congregadas na UCEB, foram tão avançadas, do ponto de vista político, quanto à Juventude Universitária Católica (JUC).

Por fim, Werner Altmann define a ACA como: "(...) era uma militância um tanto religiosa, a ACA de fato discutia política especialmente, era quase a busca de uma nova igreja, de um novo momento."⁹³

2. Os anos 60 e a abertura para o mundo

O início do trabalho com universitários é lembrado por Boll como um período em que eles (Neisel e Boll) ainda não sabiam exatamente como lidar com esse grupo novo. Os primeiros encontros se pareciam muito com as reuniões de JE, com cantos, leitura bíblica e momentos sociais com jogos. No relato de Boll:

Eu aprendi muito ligeiro que isso não pegava e que os próprios estudantes também queriam outras coisas; não era mais o mundo paroquial nem familiar, nem o mundo do interior, mas o confronto com a vida universitária⁹⁴.

Com isso, cedo a Congregação dos Estudantes passou a adotar discussões que trouxessem esses problemas e questões da realidade dos estudantes para a análise em conjunto.

⁹² Richard Shaull. De dentro do furacão- Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação. Pg171.

⁹³ Entrevista com Werner Altmann, 03/08/2000.

Nós começamos com um trabalho bastante tradicional. Mas, devido às condições em que os estudantes se encontravam, nós vimos que era necessário se ocupar mais com a problemática acadêmica, da vida universitária. Senão nós não poderíamos responder as perguntas. Nós não queríamos formar alienados. Isso era a pior coisa que a gente podia imaginar. Um sujeito, um cara alienado, ele não se interessa por nada, isso a gente também não queria.⁹⁵

Na ACA, as discussões universitárias estiveram sempre presentes. Enquanto nesse primeiro momento da década de 60 a Congregação ainda estava ligada às atividades de JE, metodistas, presbiterianos, episcopais e luteranos debatiam a Revolução Cubana e as idéias de Richard Shaull na ACA. A Teologia da Revolução estava ganhando corpo e a atenção dos universitários cristãos⁹⁶.

Boll participava dos dois grupos, mas uma parte dos estudantes, os mais conservadores politicamente, freqüentava somente a Congregação. As atividades desta eram voltadas para os estudos bíblicos, os cultos de domingo (inicialmente um por mês, no final da tarde, na, hoje, Paróquia da Reconciliação), algumas mesas redondas sobre a responsabilidade cristã dos profissionais e reuniões sociais⁹⁷. Os estudantes mais ativos freqüentavam a ACA e a Congregação. Isso levava uma parte deles a, como foi o caso de alguns entrevistados, não conseguirem distinguir qual programação pertencia a qual grupo⁹⁸.

CECEPA foi mais forte, eu acho em 65 e 66. Antes era mais ACA, com uma ligação maior com a UCEB. O Boll

⁹⁴ Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999.

⁹⁵ Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999.

⁹⁶ Vide Capítulo III, Richard Shaull e a Teologia da Revolução.

⁹⁷ Arquivo da PEPA, pasta A, documento 40 e 41, programa de 1960.

⁹⁸ Entrevistas de Leda Scheibe, Luiz Fernando Scheibe, Lineu Schneider, Sibyla Baeske.

já trabalhava conosco e eu cheguei a ser conselheiro da CECEPA, mas não era uma coisa tão caracterizada, digamos como CECEPA. Não havia tanta ênfase em colocar essa questão como luterana. A idéia do ecumenismo era muito forte e da união dos cristãos, com a questão da revolução, da preocupação com as reformas de base.⁹⁹

Todavia, é importante ressaltar que nem todos os moradores da Casa do Estudante (CEURGS) participavam das atividades da Congregação ou da ACA. A maioria costumava freqüentar apenas os programas sociais. Segundo Boll, a quase totalidade dos jovens vinha de famílias que tinham um grande envolvimento na vida das suas paróquias. Chegando na Congregação, esses estudantes passavam a se integrar perfeitamente na rotina de retiros, cultos e estudos bíblicos.

Já na ACA, a programação era feita com debates que ocorriam uma vez por semana que, necessariamente, não tinham por base um tema bíblico ou teológico. A programação estava dividida em estudos bíblicos e palestras na Faculdade de Filosofia. Ainda assim, já procuravam contextualizar e discutir, com a Bíblia, os problema atuais. Um exemplo disso eram os textos "Fé e Ciência" (Provérbios 1:17-21) e "O preço de um homem" (1Pedro 1:17-21). As palestras tinham como tema: "O caso da educação pública", "Existe política cristã?", "Inflação como problema moral" e "A missão política do estudante", entre outros¹⁰⁰.

A *Revista da JE*, no ano de 1954, não publicou nenhum artigo discutindo questões sociais, apenas um texto onde se

⁹⁹ Entrevista com Luiz Fernando Scheibe, 20/10/2000.

¹⁰⁰ Arquivo da PEPA, pasta A, documento42., Programa do 1º semestre de 1960.

discutia a importância de os jovens terem opinião própria e bem fundamentada ("Ter e defender a sua opinião própria")¹⁰¹. No ano de 1955, os artigos eram eminentemente bíblicos e de edificação pessoal, com sugestões de hinos e dinâmicas para os grupos de JE. No período até 1960, as menções ao engajamento social eram de cunho assistencialista, com propostas de que os grupos fizessem trabalhos manuais e enviassem para creches, por exemplo.

O primeiro vestígio de um trabalho voltado à inserção dos jovens no mundo, na *Revista da JE*, foi o artigo sobre "Vocação e Profissão" escrito pelo pastor Neisel em 1957. Nesse artigo, ele coloca que os cristãos devem atuar no mundo pela sua profissão "no serviço"¹⁰².

Em 1959, foi realizado o 2º Acampamento de Trabalho e Treinamento da JE, no Asilo Pella Bethânia (Taquari), onde foram abordados o sentido da vida, as bases da fé, como fazer um estudo bíblico e a parábola do filho pródigo. O pastor Neisel foi o organizador do encontro, inspirado no modelo europeu e nos acampamentos da ACA, que estavam acontecendo nas favelas do Rio de Janeiro. Além dos estudos, os jovens substituíam alguns funcionários em férias e faziam reparos nas casas e benfeitorias gerais no asilo¹⁰³.

O ano de 1961 foi um marco para os jovens da Congregação de Estudantes. Nesse ano, o tema foi "Vida em Comunidade" nos seus vários aspectos: comunidade cristã, comunidade política, comunidade universitária. Infelizmente, não temos os resumos

¹⁰¹ Revista da Juventude Evangélica, set-outubro, 1954, p.3.

¹⁰² Revista da Juventude Evangélica, julho, 1957.

¹⁰³ Revista da Juventude Evangélica, março 1959.

das palestras. Todavia, podemos notar que os temas propostos procuravam orientar discussões com os estudantes sobre os seus vários campos de relações sociais. Para a palestra sobre a comunidade política e social, foi convidado o deputado Cândido Norberto. Os temas seguiam, ainda, a linha de atuação do início da década de 1960, que procurava instrumentalizar o universitário a ser cristão no seu campo de trabalho.

Entre os dias 17 e 23 de julho de 1961, foi realizado o 1º Encontro Nacional de Universitários Evangélicos de Confissão Luterana. O encontro reuniu cerca de 40 jovens de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Buenos Aires, Campinas, Viamão, Pelotas, São Leopoldo e Porto Alegre:

Pertencemos a uma Igreja e a uma Nação. E pertencemos a ambas, como universitários. Nossa posição é, a seu modo, distinta e especial. Temos uma missão em relação à nossa Igreja e à nossa Pátria. Queremos, juntos, examiná-la, defini-la, cumpri-la. Por isso e para isso nos encontraremos.¹⁰⁴

Os temas debatidos no encontro foram A palavra de Deus, pelo Pastor Boll; Antropologia Bíblica, pelo Rev. Rudolf Schneider; Justificação pela Fé, pelo prof. Carlos Benito; O que é a Igreja, prof. Harding Meyer; Ética Cristã, prof. Lindolfo Weingärtner; O Movimento Ecumênico, Rev. Richard Shaul; Situação do Brasil, Dr. Paulo Wright; Universidade no Brasil, prof. Carlos Benito; e Igreja Luterana no Brasil, Rev. Ulrich Hees.

A partir desse encontro, a linha que vinha sendo seguida até então, de acompanhamento e aconselhamento do jovem na sua profissão, foi ampliada para o debate dos temas políticos

atuais. E iniciou-se aí, também, um interesse maior no papel politicamente ativo dos estudantes cristãos dentro das universidades¹⁰⁵.

2.1. A Campanha da Legalidade e os jovens luteranos

O Campanha da Legalidade, como já foi dito no capítulo anterior¹⁰⁶, foi um episódio importante na politização dos jovens, de um modo geral. Podemos dizer que, a partir de 1961, o movimento estudantil se tornou mais abrangente e popular. As discussões políticas passaram a se tornar mais acaloradas com o debate sobre as Reformas de Base.

Na Congregação dos Estudantes e na ACA, segundo Scheibe, "a Legalidade representou mesmo um despertar político para muita gente, e o pessoal sentiu que havia uma pressão política mais forte."¹⁰⁷

Boll afirma que os estudantes estavam muito envolvidos na Campanha da Legalidade. Esse interesse levou à substituição de uma palestra na Congregação dos Estudantes ("A nova vida", pelo pastor Boll) por um convite ao professor Paulo Wright, de Santa Catarina, para que ele ministrasse uma palestra sobre "A situação política da Legalidade".

A grande mudança proposta pela Campanha da Legalidade para a Congregação dos Estudantes e para a ACA foi a discussão sobre nacionalismo e autodeterminação. Naquele

¹⁰⁴ Arquivo da PEPA, pasta A, documento 66.

¹⁰⁵ Vide pagina 19.

¹⁰⁶ Capítulo I, p. X.

¹⁰⁷ Entrevista com Luiz Fernando Scheibe, 20/10/2000.

momento, os estudantes perceberam que havia uma influência muito grande dos Estados Unidos no país. E, com isso, os ideais de defesa da soberania foram os primeiros passos rumo à politização. Esses debates sobre a questão social e política, a fome no Brasil, a seca no nordeste, receberam um impulso ainda maior com a Conferência do Nordeste, em 1962.

Na *Revista da JE*, a Campanha da Legalidade foi mencionada uma vez, no artigo "Juventude e Política". A Legalidade aparece ali como tendo sido deturpada no seu real valor por elementos comunistas que se aproveitaram da situação. No final do artigo, assinado por "Inge", afirma-se que as bandeiras da questão social têm sido erguidas pela esquerda porque os cristãos democratas insistem em ignorar a realidade social¹⁰⁸.

2.2. A Conferência do Nordeste, o engajamento social assumido como missão

A Conferência do Nordeste ocorreu em julho de 1962, em Recife (PE), e foi promovida pelo Setor de Responsabilidade Social do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil. Nela, estavam presentes representantes das igrejas Metodista, Presbiteriana, Luterana, Congregacional, Brasil para Cristo e Batista.

A Conferência do Nordeste foi uma tentativa de tomar contato com a realidade brasileira, interpretá-la à luz da revelação Cristã, e buscar as soluções evangélicas para os problemas do momento.¹⁰⁹

¹⁰⁸ *Revista da Juventude Evangélica*, outubro-novembro, 1961, p. 24 e 25.

Durante os oito dias do encontro, várias pessoas apresentaram o seu testemunho e a sua opinião sobre a situação brasileira. As palestras foram seguidas de estatísticas sobre a fome no Brasil, analfabetismo e outros dados que comprovavam o grau de subdesenvolvimento do país.

O conceito de Processo Revolucionário, que norteou as discussões, era o de "uma revolta generalizada contra a situação atual e a luta para sair do subdesenvolvimento"¹¹⁰. E a revolução, para eles: "Trata-se de mudança das estruturas arcaicas e iníquas em que vive o nosso povo."¹¹¹

A região nordeste, especificamente a cidade do Recife, foi escolhida para sediar a reunião por seu alto índice de pobreza. Porém, havia uma grande organização dos movimentos sociais que estavam lá se formando, e que davam à região o apelido de "Cuba brasileira". Segundo as palavras de um dos participantes, "estamos fazendo piquenique em cima de um vulcão"¹¹².

Entre os palestrantes havia líderes eclesiásticos protestantes, teólogos e cientistas sociais. No primeiro dia, a principal conferência foi a de Almir dos Santos, que discutiu o tema "Cristo e o processo revolucionário brasileiro". No texto, o autor coloca que Cristo veio ao mundo para libertar os oprimidos não apenas no aspecto material, mas também no espiritual. Santos ressalta que:

¹⁰⁹ A Conferência do Nordeste- Cristo e o Processo Revolucionário, p. 26.

¹¹⁰ Waldo Cesar, Almir Santos, et al, Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro, p. 43.

¹¹¹ Idem, p. 86.

¹¹² Idem, p. 25

A revolução social está em andamento, e é um grito de revolta, no bom sentido, de uma população que desperta para a consciência de que a miséria não é uma situação inelutável; de que a pobreza não é um quinhão distribuído por Deus com endereço próprio a seus filhos.¹¹³

Entre os cientistas sociais, estava presente Celso Furtado, que tratou do tema "O Nordeste no processo revolucionário brasileiro". Ele forneceu informações sobre a história, a geografia e a sociedade no nordeste, e os programas da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), que era dirigida por ele.

Outro importante sociólogo presente era Gilberto Freyre. No folheto preparatório à reunião, ele afirmou que o artista tem a missão profética de denunciar as injustiças e crueldades da sociedade, bem como apontar as manifestações de Deus nessa mesma realidade. O pano de fundo de sua palestra foi o chamado aos evangélicos para assimilarem as músicas e o folclore brasileiros, e também para apoiarem os artistas do país¹¹⁴.

Os professores Paulo Singer e Juan R. B. Lopes, ambos da Universidade de São Paulo, proferiram juntos as palestras "Mudanças Sociais da História Contemporânea" e "Mudanças Sociais da História Contemporânea Brasileira", apresentando um panorama histórico das questões sociais e de desenvolvimento no Brasil.

Também merece nota a palestra do reverendo João Dias, intitulada "A revolução e o Reino de Deus". A tônica da

¹¹³ Waldo Cesar, Almir Santos, et al, Cristo e o processo revolucionário brasileiro, p. 3

¹¹⁴ Idem, p. 59-63.

exposição era a idéia de que o Reino de Deus pertence às crianças, aos pobres, aos humildes de espírito e aos perseguidos por causa da justiça, pois o Reino de Deus busca atingir o ser humano. Para João Dias a idéia defendida por muitos cristãos, de que a Igreja não tem nada a ver com os problemas sociais, é uma heresia¹¹⁵.

A partir da Conferência do Nordeste, as igrejas protestantes propuseram-se a tomar novos rumos. Havia um consenso de que as igrejas não poderiam assistir paralisadas ao processo revolucionário que supostamente estaria convulsionando o Brasil, sob o risco de ficarem de fora do novo país que estaria se forjando. Essa linha de trabalho ficou clara na afirmação:

Antes, a igreja chegava para abafar as vozes descontentes; agora ela tem que descobrir uma linguagem nova se quiser que a escutem. Não basta o gesto silencioso da esmola; é preciso ouvir, dialogar humildemente.¹¹⁶

Essa nova postura teve reflexo direto nas discussões da Congregação dos Estudantes, na ACA e, principalmente, na *Revista da JE*. O impacto na revista foi ainda maior, pois uma comissão com quatro jovens universitários da Congregação e da redação da Revista (Sibyla Diel¹¹⁷, Hildegard Suel e Flávio Schubert, redatores, e Sueli Kelling, capista), além de Boll, participaram do encontro. Segundo Sibyla:

A Conferência do Nordeste, para nós, foi muito importante. Ela nos deu argumentos para dizer que o Brasil estava errado. Porque antes a gente sentia

¹¹⁵ Waldo Cesar, Almir Santos, et al, *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*, p. 44.

¹¹⁶ *A Conferência do Nordeste- Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*, p. 73.

¹¹⁷ Hoje Sibyla Baeske.

pessoalmente e via e não sabia explicar porque. Acabávamos tentando explicar pela questão bíblica de que Deus quer vida abundante para todos.¹¹⁸

A *Revista da JE* de setembro de 1962 teve a sua capa censurada, em um dos poucos casos sofridos pela Revista. A capa era para ser o cartaz da Conferência do Nordeste:

Embaixo tinha uns matinhos, e alguns estavam revirados pelo vento, e daí o pessoal disse assim: isso aí é uma foice, e o pessoal da igreja aconselhou o Boll a não colocar essa capa. Os líderes da igreja também tinham ido à Conferência do Nordeste, o presidente do sínodo. Então o pessoal tinha medo, achavam que estava se indo para o comunismo. O pessoal estava céptico e não ia deixar usar aquela capa, então apareceu esta.¹¹⁹

Essa visão atenta para as questões sociais passou a se tornar mais presente nos objetivos da *Revista da JE*: "nós queríamos muito, pela Revista, que os jovens se engajassem na sociedade, que não fosse aquela coisa assim de ir na igreja, voltar, e o mundo não ter nada a ver."¹²⁰

Os dados fornecidos pela Conferência do Nordeste eram inquestionáveis. E, por terem sido divulgados e legitimados por esse encontro, no qual a igreja Luterana estava presente, foram fonte para muitos textos sobre a questão social até o ano de 1964.

No período situado entre 1961 e 1962, podemos notar o amadurecimento nas temáticas propostas pela Revista. No ano de 1961, o trabalho principal sugerido às JEs era o auxílio ao Asilo Pella Bethânia. Não houve muitos textos de cunho

¹¹⁸ Entrevista Sibyla Bacske, 7/08/2000

¹¹⁹ Idem.

politizante, mas sim uma ênfase maior sobre o estudo dos sacramentos e da ordem de culto, sendo um artigo de fundo com esse tema publicado a cada edição. Mas uma idéia importante começava a ser introduzida nos movimentos de JE: o princípio de que ser cristão nos leva, obrigatoriamente, a uma responsabilidade social. Essa era a grande temática nas Escolas de Líderes, que tiveram uma primeira edição entre os dias 9 e 15 de julho de 1961.

O que realmente impulsionou o trabalho das JE foram as Escolas de Líderes da Juventude, que eram cursos intensivos para líderes, e vinha gente de todo o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, também Paraná e São Paulo e Rio de Janeiro. O professor Ernest Sarlet foi o que inventou, e tinha uma grande equipe de colaboradores de canto e trabalhos manuais, professores de educação física e os estudantes de teologia colaborando com os estudos bíblicos. Se acordava às 7 da manhã em um clima bem espartano, faziam exercícios físicos, meditações e estudos bíblicos, cantos e palestras e grupos de trabalho por áreas de interesse. À noite eram filmes ou palestras sobre um filme intrigante. As escolas duravam seis dias. As inscrições sempre esgotavam. Um filme mostrado foi o "1984" sobre o livro de George Orwell quando se discutiu sobre a liberdade.¹²¹

Em 1962, a campanha pelo Asilo Pella Bethânia continuou. Em alguns números as questões sociais passaram a ser discutidas, como no artigo sobre Reforma Agrária, em junho de 1962. Nos textos, começaram a aparecer incentivos à ação como sendo uma parte fundamental da vivência cristã.

Na revista de setembro de 1962, em um artigo de Sibyla Diel, procurou-se explicar o que eram as Reformas de Base e o

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Entrevista com Carlos Dreher, 05.08.1999.

"Processo Revolucionário Brasileiro". Também exortava-se os leitores a buscarem informações sobre a situação brasileira e deixarem de lado o preconceito de que cristãos não devem atuar na política.

Quem nunca lê ou escuta as notícias, escute agora. Quem não lê literatura socialista, que o faça agora. Deixemos desta apatia sobre assuntos políticos e econômicos. Não tenhamos medo de soluções muito avançadas, porque o momento exige mudanças radicais. Vamos fazer distinção entre o comunismo e socialismo, procurar o verdadeiro sentido da palavra esquerdismo. Se continuarmos a fugir ao assunto, então somos cúmplices das injustiças que nos são apontadas. A palavra de ordem, agora, é conscientização!¹²²

Devemos lembrar que a edição de setembro de 1962 foi a primeira totalmente elaborada após a Conferência do Nordeste, uma vez que a revista era planejada com um mês e meio de antecedência. Neste número também consta um artigo adaptado por Luiz F. Scheibe da palestra de um pastor metodista cubano. O tema era "Ama e ajuda ao próximo", em que, após várias referências bíblicas, são apontadas três formas de ação: a individual, inspirada no Bom Samaritano; a coletiva, como a união para socorrer vítimas de catástrofes; e a política, entre o povo, onde deve-se lutar pelo valor supremo do Homem:

Isto significa que o valor fundamental de todas as instituições é o serviço que prestam ao homem; assim, tudo aquilo que, ao invés de elevar, rebaixa, degrada ou oprime a pessoa humana, deve ser combatido por nós, cristãos, e isto se aplica não só à ordem política, como à econômica e à social.¹²³

¹²² Revista da Juventude Evangélica, setembro, 1962, p. 5 e 6. A autora hoje chama-se Sibyla Baeske.

¹²³ Revista da Juventude Evangélica, setembro, 1962, p. 9 e 10. Devemos notar que tanto Sibyla quanto Scheibe pertenciam à ACA e à Congregação dos Estudantes.

Os debates sobre justiça social passaram a ser pauta freqüente a partir de setembro de 1962. Segundo Boll, acompanhando os artigos da *Revista da JE* podemos observar a dança política do Brasil. As contradições de uma politização rápida, ocorrida após 1961, acabaram gerando edições pouco coesas, com artigos extremamente politizados publicados ao lado de textos conservadores ou sem nenhuma menção política. Essa falta de uniformidade na elaboração dos artigos somente refletia a opinião geral das classes média e baixa brasileiras, que estavam muito divididas na luta pelas Reformas de Base.

Na ata da Assembléia Geral da Congregação dos Estudantes aparece uma menção à Conferência do Nordeste. Nessa reunião, os estudantes afirmaram que a Conferência marcou época pela tomada de posição frente ao processo revolucionário e que caberia a eles levar essa discussão para dentro da Igreja. No mesmo encontro, mostraram-se a favor de uma greve geral na URGS, que visava maior democracia na eleição dos dirigentes da universidade¹²⁴. Essa greve começou em junho de 1962; na ata da reunião, foi destacada a conscientização dos estudantes que se mobilizaram durante a greve¹²⁵.

Para a ACA, 1962 foi um ano de profunda politização, embora não tenham sido feitas menções à Conferência do Nordeste. Analisando os temas de palestras proferidas na época, podemos observar o quanto esse grupo de estudantes estava tomando contato com as teorias revolucionárias que circulavam na universidade e como tentavam compreendê-las. Os

¹²⁴ Capítulo I, p.27.

¹²⁵ Arquivo da PEPA, pasta E, documento: 15.

assuntos de algumas dessas palestras foram "Impressões de Cuba", "O Comunismo" (tema debatido em duas ocasiões), "Socialismo Cristão", "Nós e a Esquerda" e "Justiça na Bíblia".

2.3. 1963, a política está no ar!

Uma significativa avaliação para esse período pré-golpe militar é a empreendida por Boll:

Se a gente vê em outros lugares, aquilo estava no ar, o pessoal queria saber. A questão social, a problemática social estava tão aguda e presente que o pessoal tinha que discutir isso. E, na nossa igreja, os lugares onde se discutia isso eram na ACA, na Revista da JE e na CECEPA. Não tinha outro lugar. Às vezes tinha um grupo de juventude que tinha um pouco mais de abertura; por exemplo, Santa Maria.¹²⁶

O ano de 1963 já prenunciava a agitação que seria a sua principal característica. Na edição de novembro de 1962 da Revista da JE foi publicado um longo artigo sobre presidencialismo e parlamentarismo, uma vez que, em janeiro de 1963, haveria o plebiscito que escolheria o novo sistema político. O artigo foi escrito por duas pessoas, uma defendendo o presidencialismo, e a outra, o parlamentarismo, alertando sobre a responsabilidade de uma escolha consciente. Na abertura da edição, estava um artigo de Ernest Sarlet, Secretário Geral da JE, sob o título "A JE e a Justiça Social". O autor chamava os jovens à sua responsabilidade de

¹²⁶ Entrevista com pastor Godofredo Boll, 13.11.2000.

cristãos, lembrando que a solidariedade e a identificação com o outro aflito são o testemunho autêntico dos cristãos.¹²⁷

O mesmo ano foi marcado por várias manifestações políticas entre os universitários. As Reformas de Base eram o principal assunto e o engajamento por uma mudança na ordem social atingia uma massa cada vez maior de estudantes. Na ACA, as reuniões passaram a ser baseadas nas palestras de líderes estudantis, com discussão de temas da realidade brasileira à luz das diversas ideologias. Mas, apesar dos temas abordados, não havia inserção dos jovens da ACA no movimento estudantil, como era o caso da JUC. Incentivava-se a participação de forma individual, nos centros acadêmicos das faculdades.

O ponto importante de discussão era a linha de ação que teriam frente ao movimento estudantil e como a executariam, pois era muito difícil aos integrantes da ACA assumir postos de liderança no movimento:

O que a gente podia ser: podia ser do PC, do PC do B, ser da JUC ou da AP, que era o braço político da JUC, e tinha distinção, porque se tu eras da AP tu eras visto de um jeito, se eram da JUC, era de outro. E também podia ser da ACA. Se diziam que aquele cara é da ACA, então não é de toda a confiança mas pode participar da reunião, porque a gente, da ACA, era da esquerda dentro da igreja, mas no movimento estudantil a gente não era "de confiança" porque a gente não era do PC. E o pessoal realmente não era vinculado a nenhum partido. Os participantes da ACA não se filiavam a nenhum partido, que eu me lembre.¹²⁸

¹²⁷ Revista da Juventude Evangélica, novembro e dezembro de 1962, p. 11-13.

¹²⁸ Entrevista com Luiz Fernando Scheibe em 20.10.2000.

O mesmo entrevistado afirma que chegou a ser cogitado para assumir a presidência do Centro Acadêmico do curso de Geologia. Todavia, ele não concorreu porque, apesar de ser de esquerda, não foi autorizado a participar das decisões por não ser filiado a nenhum partido político e sim membro da ACA. Em todas as entrevistas colhidas para este trabalho, afirmou-se que nenhum participante da ACA ou da Congregação de Estudantes tinha filiação partidária. O motivo era simples; eles não queriam perder a sua independência, submetendo-se a uma série de diretrizes que viriam de um comando central sem discussão democrática prévia. Com essa postura, incentivada por Boll, muitos estudantes deixaram de filiar-se a partidos, permanecendo apenas vinculados à Igreja ou "independentes", como eles se autodenominavam. Werner Altmann justifica a não-filiação deste modo:

A gente se sentia bem. Eu, por exemplo, não entrei na militância porque, de repente, na ACA eu tinha uma militância de dimensão nacional (pela UCEB), eu pertencia a uma entidade nacional. Nós tínhamos nos politizado dessa forma. E, como ACA, não éramos partido político, nós decidíamos, cada vez, quem iríamos apoiar, como fazer. Às vezes nós discutíamos e tomávamos posição, às vezes vinha gente para pedir o nosso voto. Esse tipo de coisa acontecia.¹²⁹

Mesmo sem poder participar nas decisões do movimento estudantil, em um rascunho preparado por Boll aparecem as diretrizes escolhidas pela ACA e por alguns dos integrantes da Congregação:

Não fugir da vida universitária enquanto estudante, participando da situação brasileira de revolução. Ser progressista, não se contentar com uma vida burguesa; oferecer novas vidas ao povo. A função do

¹²⁹ Entrevista Werner Altmann, -3.08.2000.

movimento universitário brasileiro é de politizar, acusar o status quo.¹³⁰

E os estudantes da ACA, mesmo sem a representatividade da JUC ou da AP, procuravam mobilizar-se e pressionar o governo pelas Reformas de Base, acompanhando o movimento universitário. Em um folheto das ACAs, elaborado no Rio de Janeiro, em maio de 1963, houve uma manifestação sobre a questão da Reforma Agrária. Relembrando a posição adotada na Conferência do Nordeste, que qualificou de injusta a distribuição de terras no Brasil, o panfleto afirmava:

Nossa fé cristã nos impele a participar da ação de Deus em favor da humanização do homem brasileiro. [...]A luta pela Reforma Agrária impõe-se, no momento, como a principal medida de libertação do povo brasileiro.¹³¹

Nesse ano de 1963, o projeto da Reforma Agrária e a Reforma Universitária eram os assuntos mais debatidos nos meios universitários. Nas ACAs, a proposta do folheto era conchamar os estudantes evangélicos a se mobilizarem nas suas faculdades e diretórios acadêmicos, promovendo manifestações a favor das reformas, especialmente da Reforma Agrária¹³².

Por causa desses debates, Boll, em carta pessoal para um amigo na Alemanha, escreveu:

O trabalho aqui vai indo, a CECEPA teve umas boas conferências e reuniões. Mas o mais importante é que a ACA se levantou de novo, e está de vento em popa, com a proa apontando "revolução"; felizmente, por

¹³⁰ Notas de reunião da ACA em 10.05.63. Arquivo da PEPA, pasta E, documento 93.

¹³¹ Folheto da ACA. Arquivo da PEPA, pasta E, documento: 92.

¹³² Folheto da ACA. Arquivo da PEPA, pasta E, documento: 92

enquanto, só "no papo". Estou curioso sobre como vai ser esse segundo semestre.¹³³

Esses jovens, além dos discursos revolucionários, procuravam implementar as suas idéias em trabalhos sociais, indo além das passeatas. Alguns deles se envolveram em trabalhos de educação de base, como a alfabetização de adultos e de crianças abandonadas. Sibyla Baeske conta que vários estudantes luteranos, junto com ela, participaram de um projeto de alfabetização de meninos de rua, promovido pela Associação Cristã de Moços (ACM). Esse trabalho era inspirado na pedagogia libertadora proposta por Paulo Freire. O grande problema estava na falta de experiência e de didática dos jovens que participaram do projeto¹³⁴. Em novembro de 1962, em um artigo para a *Revista da JE*, ela fala das dificuldades em alfabetizar meninos de rua sem uma didática que se adapte à situação social dessas crianças¹³⁵.

Outro caso de procura por uma inserção real nos problemas sociais foi relatado por Werner Altmann:

Eu achava que tinha uma politização que bastava para mim mesmo. Por exemplo, como independente [sem filiação partidária], na época, eu por mais de dois anos lecionei todas as semanas, à noite, no Artigo 99, um supletivo para operários que a Federação dos Estudantes da UFRGS coordenava. Eu dava as minhas aulas de História e achava que era isso que eu tinha que fazer.¹³⁶

No ano de 1963, a cada dois números da *Revista da JE* o seguinte trazia vários artigos relacionados com política¹³⁷.

¹³³ Carta datada: 15.07.1963. Arquivo da PEPA, pasta E, documento: 140.

¹³⁴ Entrevista Sibyla Baeske, 07.08.2000.

¹³⁵ *Revista da Juventude Evangélica*, novembro e dezembro de 1962, p. 7 e 8.

¹³⁶ Entrevista Werner Altmann, 03.08.2000.

¹³⁷ Os entrevistados não souberam dizer se isso foi proposital.

Em maio desse ano, a revista publicou um artigo de abertura inflamado: "Vai a mensagem evangélica procurar o povo?", de autoria de Cremilda de Araújo¹³⁸. A autora pretendia denunciar o imobilismo da igreja e também o caráter classista que não a levava para junto dos oprimidos. O seu relato sobre quem freqüentava a "Igreja do Centro", no início do artigo, procurava mostrar o quão envolvidos em futilidades eram os membros dessa paróquia, embora o artigo não fosse de crítica direta a esse grupo:

Isso se constata pela senhora bem vestida no seu par de luvas, sapatos e bolsa de couro; pela mocinha emperiquitada na típica vitrina de beleza a expor; no senhor todo engravatado, zeloso do vinco de suas calças, o mesmo da criança vaporosa de saia de armação ou terninho de domingo.¹³⁹

Ela conclui o artigo afirmando que, ou a Igreja muda a sua atitude em relação ao próximo oprimido, ou "seremos soterrados com nossos falsos rótulos de cristãos no mundo futuro que [sic] reformular tais posições, a favor de condições mais justas para a massa que vegeta"¹⁴⁰. Nessa mesma linha, o artigo de Sibyla Diel, no mesmo número da revista, teve como título: "Juventude Caduca". Desta vez, a denúncia de evangelização restrita a um grupo é direcionada às JEs, que, segundo o texto, não organizariam serviço, mas sim esmolas; e nas quais a *comunhão de membros da Igreja* seriam as fofocas nas "panelinhas"¹⁴¹. A idéia central era mostrar aos jovens que a sua participação nas JEs não deveria ser meramente burocrática, mas engajada em movimentos sociais que justificassem o rótulo de cristãos:

¹³⁸ A jornalista Cremilda de Araújo Medina atua na área da Teoria da Comunicação

¹³⁹ Revista da Juventude Evangélica, maio de 1963, p. 3.

¹⁴⁰ Idem, p. 4.

¹⁴¹ Revista da Juventude Evangélica, maio de 1963, p. 11. A autora chama-se, hoje, Sibyla Baeske.

Chamemos todos os jovens para o trabalho de evangelização. Há tanta mãe para ajudar e tanta criança para vestir e alimentar. E há tantos adultos e crianças - aos quais é preciso ensinar a ler e a escrever. Não há lugar que não tenha os seus marginais, que precisem de auxílio de toda espécie, material, moral e espiritual.¹⁴²

Esse dois artigos tiveram uma réplica no número seguinte da revista pelo professor Ernest Sarlet, que os considerou generalizantes, idealistas e unilaterais¹⁴³. Isso levou a uma nova réplica da autora no número seguinte, combatendo e argumentando contra as críticas.

No restante do ano de 1963, a tônica dos artigos passou a ser o serviço social. No número de agosto, em um artigo de Boll ("Testemunho Cristão do Estudante"), ele afirmava que o estudante é um revolucionário no "bom sentido", e que ser cristão é lutar pela libertação do homem. Sendo assim, "o estudante cristão deve despertar todos aqueles que, a despeito da boa vontade e intenção, corroboram com as forças mantenedoras do status quo"¹⁴⁴.

No último número do ano, a revista foi toda dedicada à ação social, dando sugestões de como organizar cooperativas ou grupos de trabalho, e sugerindo também atividades que poderiam ser feitas nas comunidades locais, como programas de alfabetização, creches para crianças carentes e/ou abandonadas, programas de combate ao alcoolismo, acampamentos para crianças pobres, entre outros.

¹⁴² Revista da Juventude Evangélica, maio de 1963, p. 12 e 13. Esse artigo teve uma réplica do professor Sarlet.

¹⁴³ Revista da Juventude Evangélica, junho de 1963, p. 16 e 17.

¹⁴⁴ Revista da Juventude Evangélica, agosto de 1963, p. 9.

Outra forma de ação que os estudantes da ACA e da CECEPA encontraram foram os acampamentos de trabalho, nos mesmos moldes dos que eram feitos pelas JEs, mas que procuravam aproveitar os conhecimentos de cada um. Em Ijuí, foi montado um acampamento, em janeiro de 1964, na região colonial. A seleção da região a ser atendida e a orientação dos trabalhos ficava a cargo de uma equipe de técnicos locais, do pastor e de um assistente social.

A modalidade dessa colaboração dependerá das aptidões de cada participante; o resultado deverá ser uma melhoria, por pequena que seja, nas condições de vida locais, com ênfase na saúde pública e racionalização do trabalho agrícola, e uma maior abertura das comunidades para os aspectos essenciais da situação nacional e das implicações positivas da organização sindical ou cooperativa.¹⁴⁵

No início do ano letivo de 1964, Werner Altmann menciona outra frente de engajamento que os estudantes abraçaram:

Nessa mesma época, eu estava engajado em um grupo que tinha uma sala na prefeitura de Porto Alegre. Na época, o Sereno Chaise era prefeito e estávamos começando um trabalho de alfabetização pelo método Paulo Freire, que estava se organizando na vila São José, atrás do Partenon. O pessoal católico participava e eu estava junto, e mais algumas pessoas do mundo acadêmico. Mas nós não chegamos realmente a iniciar a alfabetizar, porque ocorreu o golpe e nós saímos dali e não voltamos mais. Se desmantelou o trabalho, pela via golpista, na hora.¹⁴⁶

O golpe militar caiu sobre o movimento estudantil como um balde de água fria. Todos os projetos em andamento foram temporariamente paralisados. Em um relatório não-datado de

¹⁴⁵ Arquivo da PEPA, pasta E, documento 192.

Boll, escrito provavelmente entre 1964 e 65, ele conta as incertezas dos estudantes da ACA e da Congregação sobre os rumos a tomar a partir do golpe militar:

Com a "Revolução de 31 de março" de 1964, mudou a situação política brasileira dum dia para o outro, e com isso a do movimento estudantil, considerado subversivo. [...] Os cristãos que crêem que agora o Brasil está no caminho certo buscam apoio em sua Igreja para a sua filosofia política democrática nacional. Os que se opõem a este pensamento sentem-se abandonados por sua Igreja. Como pode o estudante encontrar em sua fé e no trabalho estudantil cristão orientação para uma participação autêntica, promissora e responsável - é o que nos perguntamos hoje. Como pode ficar firme nas tensões políticas? Quais os critérios de ação e opção no conflito ideológico? Deve engajar-se na política atual do governo, ou entrar na oposição? Qual é a filosofia, ideologia, que realmente oferece os melhores instrumentos para a situação brasileira?¹⁴⁷

¹⁴⁶ Entrevista Werner Altmann, 03.08.2000.

¹⁴⁷ Arquivo da PEPA, pasta L, documento: 49.

CAPÍTULO III

OS ESTUDANTES LUTERANOS E A "REVOLUÇÃO BRASILEIRA"

Neste capítulo, vamos abordar o processo de politização dos estudantes luteranos e a relação com suas famílias e Igreja. A seguir, veremos qual era o conceito de "Revolução Brasileira" para esses jovens e quais eram os seus sonhos de luta. Analisaremos também a Teologia da Revolução, que legitimou as opções ideológicas da ACA e da CECEPA. No aspecto histórico, observaremos quais foram as mudanças no pós-64 e as agitações de 1966-1968, culminando com a saída do pastor Boll da congregação, em 1969, e o início do pastorado de Donald Richmann. O capítulo finalizará com os preparativos para a 5ª Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial e o impacto do seu cancelamento.

1. A politização dos estudantes luteranos e suas relações familiares e com a Igreja

Cada estudante da ACA, da Congregação dos Estudantes e da redação da *Revista da JE* possuía uma vivência particular que o levou a tomar determinadas posições políticas, esquerdistas ou não, nos anos 60. Embora tenhamos apenas alguns recortes de histórias pessoais, que retratam parcialmente uma geração de jovens luteranos, é possível reconstituir algumas dessas motivações.

A maioria dos ex-participantes entrevistados neste trabalho apontou a infância ou o período pré-universitário como origem de sua formação política posterior. Em geral, os

jovens que moravam na Casa do Estudante Evangélico do Rio Grande do Sul (CEEURGS) vinham de famílias de classe média ou classe média-baixa, e não tinham possibilidades de alugar um apartamento para morar na capital:

O que nos éramos: filhos de professores, filhos de pequenos comerciantes, filhos de agricultores, pequenos industriários. Mas tem que ver isso na década de 60, que essa classe não era muito consumista. A gente se sustentava com uma mesadinha de nada. Eu mesma vivia com o meu salário de professora.¹⁴⁸

Os jovens que, como Leda Scheibe, tiveram uma infância simples, eram mais receptivos aos apelos reformistas da política estudantil da década de 60. No relato de Sibyla Baeske, colaboradora da Revista:

Quando descobri a questão da injustiça social, da desigualdade social, eu logo pude fazer as deduções. Eu logo descobri como isso tinha sido desde a infância. [...] Então, mais tarde, a gente veio para Porto Alegre e encontrou o ambiente universitário já todo prenhe dessa discussão de justiça social. Quando nós fomos, em 1962 foi a Conferência do Nordeste, para nós foi muito importante. Para mim, a Conferência do Nordeste nos deu os argumentos para dizer que o Brasil estava errado. Porque antes a gente sentia pessoalmente e via, e não sabia explicar bem porque.¹⁴⁹

Outros estudantes tomaram contato com a política na família, como foi o caso de Werner Altmann:

A gente havia estudado em colégios evangélicos e se politizou assim, meio por conta própria. Havia inquietudes; do meu ponto de vista pessoal, o

¹⁴⁸ Entrevista com Leda Scheibe, 20/10/2000.

¹⁴⁹ Entrevista com Sibyla Baeske, 7/08/2000.

suicídio de Getúlio Vargas foi bastante politizador para mim. Eu tinha, no entanto, em casa uma alavancagem inicial disso. O meu pai era diretor do colégio Alberto Torres, em Lajeado, e era um colégio pertencente à Comunidade Evangélica São Paulo. Ele era simpatizante do PTB, contra toda a opinião da diretoria da escola e praticamente de toda a comunidade. Ele, de alguma forma, deixou transparecer para mim que ser cristão ou luterano ou boa pessoa não significa pertencer à UDN ou ao PDS e detestar o PTB. Mas, pelo contrário, ele dizia que o PTB tem um ideário de justiça social, na figura de Getúlio Vargas, esse é o partido que está vinculado aos pobres, e esse é até o terreno preferencial dos cristãos.¹⁵⁰

Vários fatores pessoais influenciaram os estudantes em suas escolhas. Os dois relatos acima mostram apenas as diferentes formas pelas quais eles entraram em contato com a questão da desigualdade social. Além disso, muitos trabalhavam em seus turnos livres, principalmente as moças, que eram, em geral, professoras primárias. Havia alguns empregos junto à igreja, no setor administrativo, e bolsas de estudo nas universidades. Esse cotidiano simples contrastava, às vezes, com o dos participantes porto-alegrenses, que, segundo os entrevistados, costumavam ter uma situação econômica melhor do que os estudantes do interior.

Boll, em sua análise do grupo, ressaltou que a Congregação dos Estudantes e a ACA sempre encontraram muita dificuldade para contatar os estudantes da capital. Esses jovens não aceitavam a politização crescente que tomava conta das discussões na ACA e, muitas vezes, apenas participavam da Congregação. Eles também eram mais reticentes quanto a se envolverem na política universitária. Provavelmente, segundo Boll, porque, morando ainda com os pais, eram mais

¹⁵⁰ Entrevista com Werner Altmann, 3/08/2000.

controlados e orientados a se aplicarem somente aos estudos, para alcançarem um boa carreira profissional no futuro¹⁵¹.

Os jovens do interior chegavam à "cidade grande" livres, pela primeira vez, do controle dos pais, da igreja e da sociedade natal. Com uma ampla gama de programas a escolher, e oferecendo condições para que esses jovens adotassem a posição política que lhes aprouvesse, o mundo universitário parecia maravilhoso. Na CEEURGS, esses rapazes e moças encontraram pessoas que vinham do mesmo meio social e cultural que o seu, compartilhando das mesmas descobertas diárias. A importância do pastor Boll, da Congregação e da ACA foi ressaltada por todos os entrevistados como sendo, praticamente, a segunda família.

Da mesma forma, a universidade (URGS) estava em plena ebulição. Era impossível fugir ao contato com as teorias revolucionárias da época. Elas eram oferecidas em panfletos, nos muros das faculdades, em palestras e discussões nos centros acadêmicos.

Para mim, foi realmente um marco a "*Geografia da Fome*". E eu continuo trabalhando com os meus alunos até hoje. Porque o fantástico do Josué de Castro é que ele não mostra que existe fome no mundo, ele mostra a imbecilidade que é existir fome no mundo e que ela não precisava existir. Ele mostra isso tanto na *Geografia da Fome*, quanto na *Geopolítica da Fome*. E aquilo é que me deu, assim, de que realmente pode-se e deve-se fazer alguma coisa com a sociedade como um todo. Então, é nesse contexto, mais ou menos, que eu entro em contato com o pessoal da ACA, meio verde ainda, em 61, lá por outubro.¹⁵²

¹⁵¹ Entrevista com Godofredo Boll, 31/09/1999.

¹⁵² Entrevista com Luiz Scheibe, 20/10/2000.

Uma das características do início da década de 1960 foi a profusão de literatura existente sobre os problemas sociais do país, normalmente com uma interpretação nacionalista. Um exemplo foi o livro "O que sabe você sobre o petróleo?", de Bordim Fonseca. Segundo uma das pessoas consultadas, esse livro era uma espécie de Bíblia para os estudantes, que "andavam com ele debaixo do braço"¹⁵³.

Além da literatura, o cinema teve um papel fundamental para essa geração. O cinema italiano abordava temáticas sociais, a Nouvelle Vogue dava ênfase à emancipação da mulher. O cinema brasileiro, um pouco mais tarde, com as produções de Glauber Rocha, expressou uma grande crítica social. Os estudantes costumavam combinar idas em grupo aos cinemas. E, após o filme, travavam-se discussões acaloradas.¹⁵⁴

Nesse período de descobertas e de contato com o movimento universitário, Boll exerceu a função de moderador. Sem impedir que os estudantes conhecessem novas posições políticas, ele também não os apoiava totalmente na radicalização. Isso os levou a não sentirem a necessidade de filiação aos partidos, como era usual na universidade. O que a maioria dos entrevistados frisou foi a total ausência do autoritarismo no discurso de Boll. Ele costumava conduzir o grupo nos debates sem impor as suas opiniões pessoais, sempre buscando na Bíblia alguma referência ao tema em pauta, para evitar, com isso, "discussões vazias"¹⁵⁵. Segundo Scheibe:

¹⁵³ Entrevista com Werner Altmann, 3/08/2000.

¹⁵⁴ Entrevista com Sibyla Baeske, 7/08/2000.

¹⁵⁵ Entrevista com Werner Altmann, 3/8/2000; Dealmo Adam, 30/10/2000; Elmo Baum, 22/10/2000.

Do nosso pessoal, eu não me lembro de ninguém que depois do golpe tivesse se jogado na luta armada ou tivesse ido para a clandestinidade. Graças ao Boll, que nos legitimava perante a sociedade e, ao mesmo tempo, representava uma possibilidade de dizer tudo o que quisesse e brigar com tudo o que quisesse sem estar fora do sistema, sem brigar com o sistema.¹⁵⁶

Essa possibilidade de protestar sem sair do sistema não se estendia, normalmente, à família. Em muitos dos relatos, foi mencionada a ruptura inevitável com o ambiente familiar. Além da saída de casa, uma tarefa dura naquela época, especialmente para as moças, os estudantes mais politizados passaram a ser vistos como comunistas por seus familiares. Scheibe conta que "era briga em casa mesmo. A gente ia para casa e brigava com os pais. Dizia que eles eram uns latifundiários e eles diziam: 'é isso que te sustenta, guri!'"¹⁵⁷

Assim como os estudantes sentiam-se pressionados por suas famílias por causa das suas opções políticas, na Igreja o pastor sofria o mesmo problema:

A diretoria vinha para cima de mim dizendo que eu estava ensinando porcaria para esses guris:" Tu tem que mudar." "O Boll não tá nos ajudando, tu tem que nos ajudar a amaciar esses guris". [...] Então, a diretoria sempre achava que o pastor de estudantes está aí para manter os filhotes ligados à Igreja, bons filhinhos, bem orientados, etc.¹⁵⁸

Em outra entrevista, Boll afirma que a maioria dos outros pastores não compreendia sua postura de apenas

¹⁵⁶ Entrevista com Luiz Fernando Scheibe, 20/10/2000.

¹⁵⁷ Entrevista com Luiz Fernando Scheibe, 20/10/2000.

¹⁵⁸ Entrevista com Godofredo Boll, 31/07/1999.

participar das discussões, e que a situação de agitação, promovida pela presença dos estudantes na luta pelas Reformas de Base, não fosse provocada por ele. "Eles condenavam isso, inclusive a direção da igreja, com toda a boa vontade; [...] eles achavam que isso era demais."¹⁵⁹

As grandes discussões entre a Congregação dos Estudantes e a IECLB aconteciam nas reuniões de diretoria da Comunidade Evangélica de Porto Alegre (CEPA), onde a Congregação tinha dois assentos. Os debates abordavam questões práticas e políticas. As casas de estudantes da CEEURGS provocavam divergências acerca de sua administração, especialmente sobre a forma de organizar a Casa da Estudante Evangélica. Nessa época, costumava-se contratar uma governanta responsável pela "boa ordem" da casa. A escolha da pessoa que ocuparia esse cargo sempre gerava novas polêmicas, sobre quais seriam as regras da casa, a hora de retorno das estudantes, a permanência dos namorados, entre outras.

Quando se tocava nas questões políticas, a situação ficava ainda mais delicada, uma vez que a maioria dos representantes das paróquias na CEPA, na época, tinha uma posição política conservadora. Boll oferece um relato das reuniões:

As reuniões, para os estudantes, eram uma chatice. E eu os convenci de que eles tinham que estar lá, porque era a nossa igreja e, se eles não aproveitassem nada do que diziam, eles poderiam levar a palavra, a mensagem deles. E foi o que a gurizada fez. Eles questionavam a diretoria. Eles diziam que essa diretoria não fazia nada pelos pobres, essa diretoria estava lidada ao DOPS.

¹⁵⁹ Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999.

Quando eles diziam isso, bah, os caras vinham abaixo no meio da reunião.

Mas, apesar das desavenças com a Igreja, os jovens da Congregação dos Estudantes não pretenderam, em nenhum momento, romper com a instituição. Na ACA, eles entraram em contato com estudantes metodistas e episcopais, que estavam promovendo uma verdadeira revolução interna em suas igrejas. Eles colocaram em xeque valores importantes, como a proibição à dança e ao consumo de bebidas alcoólicas.

Enquanto isso, os jovens luteranos questionavam a liturgia dos cultos, por acharem-na conservadora, e a posição assistencialista da igreja perante as questões sociais. Os pastores eram vistos como reacionários¹⁶⁰. Um ponto sempre lembrado era que o amor cristão passava obrigatoriamente pela luta por justiça social. Werner Altmann apresenta a situação da seguinte forma:

A igreja em si não era tão moderna, a nosso juízo, como o pastor Boll. Mas teve a possibilidade a capacidade de nos fornecer um elemento avançado, com um potencial de aproximação conosco. Isso foi algo bem importante, porque se você vê, por exemplo, na ACA e na UCEB, os presbiterianos, especialmente os metodistas, eles quase foram escorraçados por suas igrejas, que eram mais fundamentalistas, ou puritanas, ou muito bíblicistas. Ou muitos deles saíram porque não encontravam mais possibilidades de vivência na igreja. Nós nunca tivemos nenhum tipo de ruptura com a igreja. Podíamos até achar a igreja conservadora. Uma crítica era de que essa igreja se ligava muito com o mundo germânico.¹⁶¹

¹⁶⁰ Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999.

¹⁶¹ Entrevista com Werner Altmann, 03/08/2000.

A *Revista da JE* não tinha maiores conflitos com a Igreja. A avaliação dos artigos que deveriam ser publicados era feita por Boll, o editor-chefe. Ele costumava convencer os jovens quando um artigo estava "muito forte", e então eram promovidas as modificações que fossem convenientes. Sibyla Baeske conta que, se houve alguma censura, foi da parte dos pastores do interior, que talvez não tenham distribuído alguns números da revista aos jovens das suas paróquias¹⁶². O conflito começou quando a *Revista da JE* se tornou a *Revista Presença*, em 1970. Essa nova revista tinha uma proposta política esquerdista marcante e provocou discussões entre os pastores, os leitores e a equipe de redação.

2. Os estudantes luteranos e a "Revolução Brasileira"

Durante a década de 1960, a juventude estava testando novos limites, experimentando e conquistando uma liberdade nunca vista; os mais diversos campos do conhecimento estavam alcançando um progresso muito grande. Ao lado disso, em nenhum momento anterior a consciência do subdesenvolvimento e da dependência externa esteve tão forte. O nacionalismo desenvolvido durante os anos 50 explodiu em uma indignação frente ao imperialismo norte-americano, visto pelos estudantes como a principal causa dos problemas brasileiros. Esse quadro levou jovens a acreditarem que Cuba sinalizava um novo rumo; o marxismo exercia, então, uma atração muito forte, e uma parcela da juventude julgava que a aproximação com os países socialistas permitiria uma política externa independente.

¹⁶² Entrevista com Sibyla Baeske, 07/08/2000.

Nesse contexto, os estudantes se depararam com uma universidade fria e individualista, os professores eram, em sua maioria, embevecidos com suas cátedras e sem contato com os alunos. Nesse vácuo de convívio, surgiu o movimento estudantil, que pregava a revolução social trazendo uma melhor divisão de riquezas, de terras, e de educação. O estudantado era dividido, de modo arbitrário, entre progressistas e reacionários. Em um relatório, Boll, delineia esse panorama e pergunta:

Podiam os estudantes cristãos ficar de fora ou insensíveis? Deviam simplesmente condenar, ou engajar-se irrestritamente nesta luta? Quais eram os instrumentos aceitáveis na luta pela libertação política, econômica e social da nação? Até onde ia a lealdade para uma ideologia como instrumento de luta? Até que ponto a Igreja contribuía para a renovação nacional ou se prendia a um passado ou a uma classe? Quais as dimensões sociais do amor ao próximo? Qual a relação entre marxismo e fé cristã? Estes foram os temas discutidos pelos estudantes cristãos naquele tempo.¹⁶³

Segundo o pastor Boll, um estudo bíblico ou um sermão que falasse desses temas era bem recebido e tinha ouvintes. Quando falava de salvação pessoal, conversão, santificação, entretanto, era considerado, na melhor das hipóteses, desatualizado¹⁶⁴.

¹⁶³ Arquivo da PEPA, pasta L, documento 49, relatório de Godofredo Boll: "Aspectos do trabalho estudantil luterano em Porto Alegre".

2.1. O conceito de "Revolução Brasileira" e o Marxismo

Muitos estudantes luteranos pertencentes à ACA, à Congregação dos Estudantes e à redação da *Revista da JE* participavam ativamente das discussões na universidade. Mas sempre procuraram não adotar literalmente o discurso difundido no movimento estudantil. Eles tentaram reelaborar as teorias marxistas, observando o que havia de cristão nas propostas apresentadas.

Esses jovens estavam profundamente preocupados com a situação brasileira e com o processo revolucionário, que, supunham eles, estava acontecendo. O conceito de revolução exposto em um artigo de Annelore Folz confirma e resume o que foi apresentado pelos entrevistados:

Usamos o termo revolução como um movimento que envolve todo o Brasil e que visa mudanças radicais (desde a base) das atuais estruturas sociais, econômicas e políticas. Nesse sentido revolução quer dizer reformas, mudanças e não, necessariamente, derramamento de sangue. Revolução quer dizer acabar com as velhas formas de vida e estrutura que são indignas do ser humano.¹⁶⁵

Esse movimento, tal como foi conceituado pelos estudantes, estava ligado às Reformas de Base, e se diferenciava bastante de outras idéias acerca de revolução. O "Dicionário de Política", editado por Norberto Bobbio, por exemplo, apresenta um outro conceito de revolução:

¹⁶⁴ Arquivo da PEPA, pasta L, documento 49, relatório de Godofredo Boll: "Aspectos do trabalho estudantil luterano em Porto Alegre".

¹⁶⁵ Arquivo da PEPA, pasta D, documento 144., artigo ou resumo de palestra, data provável: final de 1962, Annelore participava da diretoria da CECEPA

Revolução, rebelião, golpe de Estado, violência - A Revolução é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional, e na esfera sócio-econômica.¹⁶⁶

A revolução em que esses jovens luteranos acreditavam viria de toda a sociedade e estaria mais próxima a um conceito de reformismo¹⁶⁷ do que propriamente de revolução. Isso seria possível com a multiplicação de pessoas conscientes da necessidade das reformas no legislativo e no executivo, uma vez que o próprio presidente João Goulart apoiava o movimento¹⁶⁸. Por isso, cristãos e comunistas, marxistas, estavam lutando pela mesma coisa: justiça social. Logo, deveriam unir forças¹⁶⁹.

No artigo de Annelore Folz, há a afirmação de que o cristão deve cumprir o "ama ao teu próximo como a ti mesmo" pela participação no processo revolucionário brasileiro opondo-se aos reacionários. Ser reacionário, na visão da autora, era reagir contra as reformas a fim de manter o status quo e o poder, defendendo interesses pessoais. Além disso, ser reacionário também era interpretado de outra forma:

Fazem, também, parte desse grupo os que pensam que: "se eu e a minha família estamos bem, agradeço a Deus e pronto! Nada tenho a ver com os outros, os

¹⁶⁶ Gianfranco Pasquino, in: Dicionário de política, p. 1121, vol. II.

¹⁶⁷ Gianfranco Pasquino, in: Dicionário de política, vol. II, p. 1077. "Reformista é o movimento que visa a melhorar e a aperfeiçoar, talvez até radicalmente, mas nunca destruir, o ordenamento existente, pois considera valores absolutos da civilização os princípios em que ele se baseia, mesmo que sejam numerosas e ásperas as críticas que, em situações particulares, se possa dirigir ao modo concreto como tais princípios se traduzem na prática."

¹⁶⁸ Vide capítulo I, p 27.

¹⁶⁹ Entrevista com Sibyla Baeske, 07/08/2000.

que estão ao meu redor mas que finjo não ver.”
Quantos que se dizem “cristãos” pensam desse modo?¹⁷⁰

Contraopondo-se aos reacionários, os participantes da ACA e da CECEPA mantiveram um diálogo sempre aberto com os marxistas. O estereótipo de “marxistas ateus” era, então, momentaneamente abandonado em favor da união na luta conjunta. Werner Altmann relata uma discussão que teve sobre a existência de Deus com um marxista, em que não insistiu em seus argumentos, justificando sua atitude posteriormente:

Nós temos que ser aliados por uma causa de justiça social. Eu não sou ateu, mas nós vamos trabalhar juntos pela justiça social. As tarefas são tão grandes que não podemos ficar discutindo se Deus existe ou não existe, é uma questão de crença e fé. Não vou discutir com ele, não posso perder o aliado.¹⁷¹

Na época, as teorias marxistas eram debatidas em todos os centros acadêmicos. E os estudantes da ACA e da Congregação de Estudantes, que participavam do movimento estudantil, estudavam o marxismo e se valiam do seu instrumental teórico para analisar a sociedade.

Esse método científico foi, também, muito divulgado por Richard Shaull, presbiteriano e membro da UCEB, em seus livros e artigos. Além disso, a vinda de Alexandre Duma, um professor francês, marxista, trazido pela UCEB para uma série de palestras, legitimou ainda mais a validade das teorias. Para os luteranos, a vinda de um cristão que adotava o marxismo como categoria de análise foi um grande incentivo

¹⁷⁰ Arquivo da PEPA, pasta D, documento: 144.

¹⁷¹ Entrevista Werner Altmann, 03/08/2000.

aos estudos e à elaboração de uma linha de pensamento que permitisse conciliar marxismo e cristianismo.

Mesmo com a afirmação de que era necessária a luta conjunta de comunistas e cristãos, em muitos documentos essa relação parece um tanto reticente. Exemplo disso encontramos no relato de Boll:

Eu sei dizer que nos tínhamos debates públicos onde nós, cristãos, íamos enfrentar os marxistas. E o posterior Dom Ivo Lorscheiter, Bispo Dom Ivo, um pastor metodista e eu fazíamos painel lá na frente sentados, assim [isto é: numa sala lotada] de estudantes, para discutir cristianismo e marxismo. E a JUC nos apoiando.¹⁷²

Essa permanente tensão entre a aceitação da teoria e a não-aceitação das atitudes tomadas pelos "marxistas" era um ponto profundamente contraditório na reflexão dos estudantes, principalmente em Boll. Ao mesmo tempo que os jovens analisavam a realidade sob o prisma marxista, permaneciam com restrições acerca da militância dos marxistas.

Em vários momentos o discurso tornou-se contraditório, revelando que a questão não estava completamente clara para os estudantes e para Boll. Por exemplo: "[a JUC] era a única liderança que podia enfrentar os marxistas ali, nesse tipo de coisa."¹⁷³ No rascunho de uma palestra de Richard Shaull, intitulado "A participação da Igreja na vida nacional", ele apontava o objetivo da Igreja que a levaria a se aliar com o marxismo e novamente o discurso parece paradoxal:

¹⁷² Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999.

¹⁷³ Idem.

Devemos estar preparados para o diálogo com o marxismo. Não significa reconhecer a inevitabilidade da sua vitória. Mas o medo de reconhecer isto, de manter o status quo, é uma contribuição para a vitória do marxismo. A Igreja tem que se colocar claramente ao lado dos esforços de transformação. A Igreja Católica já compreendeu isto, veja o Brasil Urgente.¹⁷⁴

2.2. Richard Shaull e a Teologia da Revolução

A Teologia da Revolução teve em Richard Shaull um dos seus principais pensadores. Vários livros e artigos dele foram divulgados e publicados pela UCEB, e distribuídos para as ACAs, chegando aos estudantes luteranos.

Em alguns de seus livros, Shaull procurou mostrar que o marxismo e o cristianismo não são duas filosofias diametralmente opostas, mas complementares: de um lado, a análise social marxista; de outro, a ética cristã.

Nossa vocação básica como cristãos é estarmos totalmente engajados na luta para vencer a estrutura de dominação e de exploração existente; em outras palavras, passar de uma sociedade capitalista e suas estruturas internas de dependência para uma sociedade socialista.¹⁷⁵

O marxismo, segundo ele, era válido como teoria; mas o comunismo¹⁷⁶ (o projeto político inspirado no marxismo, implantado no Leste Europeu e em Cuba) era criticado. Shaull advertia para o fato de que o comunismo poderia facilmente se

¹⁷⁴ Arquivo da PEPA, pasta Arquivo da PEPA, pasta M, documento: 88.

¹⁷⁵ Richard Shaull, De dentro do furacão- Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação, p. 203.

¹⁷⁶ A confusão conceitual entre marxismo e comunismo era muito comum nesse período, esse livro foi editado em 1953. O comunismo era entendido como o sistema de governo inspirado no ideário marxista, mas, muitas vezes, aparecia referindo-se também as teorias de Marx.

tornar ditatorial, uma vez que a ideologia acabaria por levar à desintegração radical da sociedade anterior a ele. Sua burocracia ignorava os aspectos espirituais e morais, tornando-se fria e tirana, e procurando controlar o pensamento e o progresso cultural¹⁷⁷.

Mas, apesar dos problemas descritos, Shaull ainda considerava que o cristianismo tinha muito a aprender com o comunismo:

Mas o Comunismo, e não o Cristianismo, é que se tem identificado com as massas sofredoras. A nossa fé desafia-nos a nos oferecermos como sacrifícios vivos, mas o Comunismo envergonha-nos quando nos mostra o que realmente significa, em nosso tempo, uma vida de sacrifício.¹⁷⁸

Todo esse estudo sobre marxismo serviu de base para uma nova proposta de vivência cristã, apresentada pela UCEB às ACAs. Shaull afirmava que a Igreja precisava se aproximar dos operários, não como uma Igreja de classe média, com suas obras de caridade, mas esforçando-se para auxiliar essas pessoas a ajudarem a si próprias¹⁷⁹. Outro ponto ressaltado era a participação política do cristão: "Se eu realmente creio que Jesus Cristo me chamou para amar, preciso compreender, com clareza, que isso envolve uma dinâmica participação política."¹⁸⁰

Essa nova práxis estava na base da Teologia da Revolução. Segundo Shaull, a interação entre teologia e revolução tinha duas premissas básicas. A primeira era que a

¹⁷⁷Richard Shaull, De dentro do furacão- Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação, p. 41-44.

¹⁷⁸Richard Shaull, O cristianismo e a Revolução Social, p.51.

¹⁷⁹Idem, p. 68-74.

¹⁸⁰Idem, 83.

agitação revolucionária da década de 1960 não era um fenômeno passageiro. A segunda premissa afirmava que a lógica interna da fé impulsionaria os cristãos para a luta¹⁸¹.

A Teologia da Revolução pretendia-se uma teologia forjada no cotidiano das lutas contra a opressão:

Nosso ponto de partida deve situar-se na práxis, mas numa práxis de natureza muito especial: a que seja o resultado da nossa própria experiência de êxodo e exílio, ao desvincular-se da ordem de opressão social da qual somos vítimas, avançando cheios de esperança para uma nova terra cheia de promessas até a criação de uma nova ordem de existência pessoal.¹⁸²

Segundo Boll, Richard Shaull foi o primeiro teólogo que ofereceu aos estudantes luteranos um componente intelectual, pela Teologia da Revolução, para que pudessem lidar com o fenômeno da "revolução social" que acreditavam estar em andamento no Brasil e, com isso, elaborarem o seu discurso como cristãos:

Foi a primeira vez que eu vi uma reflexão séria que me abriu o horizonte para enxergarmos isso [a revolução social] num ângulo teológico. E que nos deu boa consciência de que nós, como cristãos, estivéssemos envolvidos no movimento. Enquanto os nossos pastores diziam "Não te mete com os comunistas, são uns caras ruins, comem crianças e tudo o mais", ele dizia: "Tu tens que estar lá, do lado do comunista, se ele faz uma coisa para a libertação do povo tu tens que participar".¹⁸³

¹⁸¹ Richard Shaull, *De dentro do furacão- Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*, p. 117.

¹⁸² *Idem*, p. 125.

¹⁸³ Entrevista com Godofredo Boll, 31/07/1999.

Outro teólogo mencionado pelos ex-participantes da ACA, da Congregação dos Estudantes e da equipe de redação da *Revista da JE*, foi Dietrich Bonhoeffer, teólogo que se opôs ao nazismo na Alemanha e acabou morto, acusado de conspiração. O testemunho de Bonhoeffer deu a eles um argumento para justificar seu engajamento político e até mesmo a luta armada, embora poucos estudantes apoiassem essa atitude. Um argumento, em especial, extraído dos estudos teológicos de Bonhoeffer, acompanhou esses jovens:

Nessa questão da teologia de Dietrich Bonhoeffer, que diz que se tivesse um louco na direção de um carro, dirigindo irresponsavelmente, o papel da Igreja não era só de ajudar os que estavam sendo atropelados e curar as feridas, mas tirar esse cara do volante, e isso poderia implicar até em morte.¹⁸⁴

3. O ecumenismo e os estudantes luteranos

Os jovens da ACA e da Congregação dos Estudantes tiveram uma experiência ecumênica profunda, sendo que, na ACA, esse ecumenismo era um dos pressupostos para a existência do grupo. Os estudantes protestantes tinham na UCEB o órgão que permitia esse contato. Através da UCEB, foi possível manter um diálogo com os grupos de jovens cristãos do restante da América Latina, principalmente, com o Movimento Estudantil Cristão (MEC)¹⁸⁵.

Apesar das vantagens trazidas com a filiação a uma instituição maior, um dos problemas enfrentados pela ACA de Porto Alegre era a sua distância das decisões. Elas acabavam

¹⁸⁴ Entrevista com Sibyla Baeske, 07/08/2000.

¹⁸⁵ Vide capítulo II, p. 8.

sendo tomadas no centro do país, onde os núcleos metodista e presbiteriano eram mais fortes. Isso resultava em uma grande frustração para os estudantes porto-alegrenses, e na sensação de que estes não eram suficientemente importantes¹⁸⁶.

Outro grupo de estudantes protestantes que estava em atividade dentro das universidades na década de 1960 (e que continua ativo até hoje) era a Aliança Bíblica Universitária (ABU). Esse grupo seguia uma linha mais voltada para os aspectos espirituais do ser humano e era completamente desligado dos debates políticos que ocorriam no movimento universitário nesse período. Por isso, as relações da ABU com os estudantes da Congregação e da ACA não eram muito próximas. Esse contato ocorreu apenas quando o pastor Boll foi substituído pelo pastor Richman, em 1969. Segundo Boll:

A ABU fez uma tremenda força para entrar aqui em Porto Alegre. E nós não deixamos; no nosso meio, não. Porque era não se abrir mais para a questão social, e ficar num tipo de cristianismo interiorizado, piedoso, não mais engajado. A nossa proposta era um cristianismo engajado.¹⁸⁷

Já com a Juventude Universitária Católica (JUC), os estudantes luteranos se davam muito bem. Embora os participantes da ACA e da CECEPA costumassem se encontrar com os jovens da JUC, não organizavam atividades oficiais em conjunto. Ocorria que, algumas vezes, "observadores" da JUC participavam dos encontros da ACA e da UCEB, e vice-versa¹⁸⁸.

¹⁸⁶ Entrevista com Werner Altmann 03/08/2000.

¹⁸⁷ Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999.

¹⁸⁸ Idem.

Mesmo sem uma parceria oficial, no movimento estudantil universitário havia uma grande cooperação entre os grupos. Boll conta que os estudantes da CECEPA e da ACA costumavam disputar juntos as eleições para a diretoria de centros acadêmicos ou da Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul (FEURGS), atual Diretório Central dos Estudantes da URGs. Nessas ocasiões, os partidos comunistas costumavam arrastar as decisões até altas horas da noite:

Então eles tinham um esquema de não deixar chegar a nenhuma decisão antes das duas ou três da madrugada. Eles só vinham à decisão no momento que eles viam que estavam em maioria no plenário. [...] Às doze as gurias já tinham ido para casa. Só as bem valentes ficavam depois das doze da noite. E os caras tocando, para ver se cansavam. E aí, os mais tradicionais, que não eram militantes, se retiravam. Mas a JUC não se retirava. A JUC era muito bem preparada. E eles tinham lideranças muito boas. Era a única liderança que, de fato, podia enfrentar os marxistas ali, nesse tipo de coisa. E aí, nessas ocasiões, a nossa turma ia de garupa com a turma da JUC.¹⁸⁹

4. O Golpe Militar e os reflexos na Congregação dos estudantes, na ACA e na Revista da Juventude Evangélica

O movimento estudantil atingiu o seu ápice em 1963. No final desse mesmo ano, já apareciam sinais de esgotamento. A principal queixa era de que as bases não estavam tão envolvidas na luta pelas reformas quanto as lideranças. Outro ponto foi o esvaziamento das discussões sobre a Reforma Universitária. Toda a mobilização estudantil não possuía uma planificação, a falta de contato dos estudantes com as forças

¹⁸⁹ Entrevista com Godofredo Boll, 08/07/1999.

populares e com os seus colegas não envolvidos, acabou por debilitar o movimento.¹⁹⁰

Pode-se dizer que o golpe militar foi uma surpresa, embora todos os sinais estivessem presentes. A classe média já estava, em maioria, contra o projeto de Reformas de Base, e as Marchas da Família com Deus pela Liberdade já estavam acontecendo em todo o país¹⁹¹.

Os jovens universitários da ACA, da CECEPA e da redação da Revista da JE, tiveram um choque com o golpe militar de 31 de março de 1964. As discussões sobre a participação política dos cristãos na sociedade foram abandonadas no primeiro momento. Nesse período de 1964 a 1966, houve uma profunda reflexão sobre os rumos que haviam tomado os grupos da ACA e a UCEB.

Em uma carta a um dos membros da diretoria da UCEB, em São Paulo, Boll nos dá uma idéia da insegurança que dominou os primeiros meses após o golpe:

Então vieram os acontecimentos de 1º de abril de 1964 e eu queria escrever para saber como vocês estavam, dizer de nós e saber alguma orientação. Mas as notícias de lá eram tão alarmantes que ficou nisso. Não fazíamos reuniões regulares. Conservávamos contato, trocávamos idéias com uns e outros e fomos indo. Scheibe tomou parte num retiro da JUC em que se analisou a Revolução Militar. Eu, pessoalmente, nessa época estava muito inseguro, como alguns dos rapazes. Não sabíamos o que aconteceria no dia seguinte. Era preciso esperar o desenvolvimento.¹⁹²

¹⁹⁰ Boletim da ACA de Curitiba nº1, fevereiro de 1964. Arquivo da PEPA, pasta G, documento: 30.

¹⁹¹ Vide capítulo I, p. 16.

¹⁹² Arquivo da PEPA, pasta G, documento: 72.

O ano de 1964 na ACA e na CECEPA foi atípico com poucas atividades. O tema base foi a secularização. Esse processo, segundo os estudantes, era fruto da crescente modernização da sociedade, uma demanda que levava a uma indiferenciação das instituições e a uma racionalização e dessacralização do cotidiano.

Esse foi também o tema principal da "Conferência Vida e Missão da Igreja", realizado em Córdoba, na Argentina, em julho de 1964. Como testificam as anotações feitas por Boll, essa conferência não apresentou muitos planos políticos, mas sim uma análise e tentativa de compreensão da atual situação latino-americana e do envolvimento das igrejas cristãs. Nesse encontro participaram Werner Altmann e Leda Scheibe, além de Boll. Ele relata que havia a perspectiva entre os participantes de que o golpe não iria durar por muito tempo e que a revolução estava realmente próxima¹⁹³.

O processo de avaliação interna foi mais profundo na ACA do que na Congregação dos Estudantes, pois estava muito mais ligada as discussões políticas, proibidas pelo novo regime. Em um rascunho de carta, sem destinatário indicado, com o título original "Confissão dos pecados da ACA", logo riscado e substituído por "Confissão dos pecados de um esquerdista", Boll nos mostra os rumos da auto-análise da ACA:

Esperávamos lutar por melhores condições sociais do homem humilde, pobre, deserdado, por isso nos engajamos, éramos da esquerda, pregamos a revolução que trouxesse um novo equacionamento, uma nova coordenação dos poderes econômicos, políticos e

¹⁹³ Entrevista Werner Altmann e Leda Scheibe.

culturais. Mas é preciso reconhecer que este nosso envolvimento tornou-se dúbio, deixou de ser um testemunho cristão. Nem sempre soubemos ver claramente isto porque engajamo-nos na esquerda, nos vendemos às forças que a representavam ao ponto de calarmos contra a corrupção e as injustiças e as meias verdades que nela existiam. Para libertar o homem primeiramente o escravizávamos juntamente conosco a ideologias, grupos e correntes que prometiam essa liberdade.¹⁹⁴

As ACAs viveram no período de 1964 e 1965 um esvaziamento nacional. Muitas das suas lideranças na UCEB abandonaram o movimento e se uniram à Ação Popular, outros foram perseguidos e deixaram a UCEB e os seus grupos de ACA.

A carta mostra um questionamento. Não fica claro se ele partiu dos estudantes ou se eram apenas reflexões pessoais de Boll. Os membros da ACA, que foram entrevistados, apontaram que consideravam Boll, às vezes, muito retraído nas suas opiniões políticas. A orientação da UCEB era para avançarem além dele, embora, segundo Werner Altmann, os estudantes não soubessem direito o que seria "avançar além do Boll"¹⁹⁵.

A programação principal da Congregação dos Estudantes, em 1964, foi um retiro no Morro do Espelho. Lá procuraram compreender a nova situação brasileira. Esse encontro apresentou uma mescla entre temas atuais- por exemplo, "Situação do universitário porto-alegrense"- e questões dogmáticas, como o "Evolucionismo". Sobre esse encontro Luiz Scheibe aponta que o evolucionismo já era um ponto pacífico entre os jovens, e, assim como a questão da secularização,

¹⁹⁴ Arquivo da PEPA, pasta G, documento: 132.

¹⁹⁵ Entrevistas com Werner Altmann e Luiz Fernando Scheibe.

passou à pauta com as restrições do Regime Militar¹⁹⁶. No segundo dia, os temas foram "Antropologia Marxista" e "Antropologia Cristã", com um debate final sobre as diferenças e convergências entre elas.

Para a *Revista da JE*, o golpe militar tornou-se um desafio a mais, na hora de redigir os artigos. Se normalmente já havia um certo cuidado, no pós-1964 a forma de discutir as questões sociais precisou ser adaptada. Os temas passaram a girar em torno do patriotismo e dos direitos humanos. Em maio de 1964 foi publicado um artigo dedicado à politização, no qual podemos verificar o jogo de palavras que passou a ser utilizado para burlar o sistema, pois tudo era veladamente crítico e se praticava o confronto de forma dissimulada¹⁹⁷:

Voltamos a focar um tema que os jovens não devem desconhecer. Somos de opinião de que politizar a juventude é fundamental se quisermos melhorar nossas condições políticas. E, a bem da verdade, devemos dizer que a politização vem, pois é simplesmente impossível "ficar de fora", mormente agora que o Brasil começa a trilhar novos caminhos. O que já não era sem tempo.¹⁹⁸

Em outubro de 1964, foi publicado um artigo que ressaltava a participação dos cristãos na luta contra os problemas sociais. Esse mesmo número teve como capa uma foto de Martin Luther King, e um artigo tematizando o negro como nosso próximo e alguém a quem devemos respeitar e ajudar na luta contra o racismo.¹⁹⁹ O ano de 1965 iniciou na *Revista da JE* com uma polêmica discutida já no ano anterior, sobre se a Igreja Luterana seria racista ou não. A discussão se estendeu

¹⁹⁶ Entrevista com Luiz Fernando Scheibe, 20/10/2000.

¹⁹⁷ Entrevista com Godofredo Boll, 15/11/2000.

¹⁹⁸ *Revista da Juventude Evangélica*, maio de 1964, p. 6.

até julho, em cartas de vários leitores. Esse longo debate mostrou o quanto o tema foi provocativo.

No período pós-64, os artigos não tinham a reflexão política como base, mesmo em matérias sobre missão indígena²⁰⁰, progresso e industrialização²⁰¹. Os incentivos ao contato com a política e à ação cristã no mundo praticamente desapareceram até 1968. Nesse período, os artigos tratavam, em geral, de temas relacionados com a fé²⁰². Mas podemos notar a preocupação em se trazer assuntos do cotidiano dos jovens, como a procura do parceiro ideal e o fumo²⁰³.

As matérias sobre comportamento algumas vezes tinham um toque moralizante:

Flerte nem é preparo - nem uma variação do matrimônio. Se ele for mais do que uma boa amizade entre um moço e tu, então estás colhendo uvas em julho e estás enganando a ti mesma a respeito do tempo verdadeiro da colheita.²⁰⁴

Os textos procuravam observar os problemas e conflitos reais da juventude sem hipocrisias. Como no caso de um artigo sobre a questão da sexualidade: "Portanto, a pergunta mais importante para o jovem é: 'como tornar-me homem' e 'como tornar-me mulher'." ²⁰⁵

É claro que a mentalidade da época transparecia, e podemos notar os mitos que envolviam o comportamento feminino

¹⁹⁹ Revista da Juventude Evangélica, outubro de 1964.

²⁰⁰ Revista da Juventude Evangélica, julho de 1966.

²⁰¹ Revista da Juventude Evangélica, outubro de 1966.

²⁰² Revista da Juventude Evangélica, outubro de 1965.

²⁰³ Revista da Juventude Evangélica, maio-junho de 1965; e setembro de 1965.

²⁰⁴ Revista da Juventude Evangélica, junho de 1966.

²⁰⁵ Revista da Juventude Evangélica, novembro-dezembro de 1967.

e masculino: "Há também mulheres que são superiores intelectualmente a seus maridos (mas que eu saiba não o deixam notar)."²⁰⁶ Mesmo assim, os textos eram avançados ao afirmar que a mulher é um sujeito e deve ser respeitada em sua sexualidade, já denunciando o uso da mídia como uma massificação do comportamento²⁰⁷.

Entre 1965 e 1967, apenas duas edições se destacaram por propor, de fato, uma reflexão séria sobre o mundo e a posição dos jovens como cristãos. A edição de setembro de 1965 foi inteiramente dedicada à Guerra no Vietnã. Os artigos tinham, em geral, um tom condenatório aos Estados Unidos por sua intervenção naquele país e elogioso a Ho Chi Min pelos avanços sociais do seu governo²⁰⁸. A edição de abril de 1966 trouxe vários artigos sobre a África, mostrando os problemas de *apartheid*, miséria e fome.

O ano de 1965, para a Congregação dos Estudantes e a ACA, foi bem mais tranquilo do que o anterior. O temor inicial, provocado pela onda de prisões e cassações do AI-1, havia sido dissipado. Na primeira fase do Regime Militar não ocorreram tantas detenções no Rio Grande do Sul quanto no centro do país, e o movimento estudantil voltou a se organizar, mas de forma clandestina. Em carta à UCEB, Boll conta que o grupo da ACA era pequeno, mas coeso, que a programação do primeiro semestre havia sido pobre e que a idéia era melhorar no segundo semestre²⁰⁹.

²⁰⁶ Revista da Juventude Evangélica, maio-junho, 1965.

²⁰⁷ Idem, p. 8 e 9.

²⁰⁸ Revista da Juventude Evangélica, setembro de 1965.

²⁰⁹ Arquivo da PEPA, pasta H, documento: 131, carta de 23/06/1965.

Um ponto forte presente nas correspondências da UCEB era a certeza de que a "revolução", como era chamado o governo militar, estava se esgotando e a democracia logo venceria. Em uma carta de 1965, provavelmente de setembro, aparece a seguinte referência: "por aqui vamos remando contra a correnteza, com a alegria de ver a democracia cada vez mais se solidificando..."²¹⁰ O tema do acampamento da ACA, em 1965, foi "Política nacional: atual situação e perspectivas".

Um trabalho novo com jovens surgiu em 1966: o Centro de Estudos Devocionais, Educacionais, Culturais e de Assistência Social (DECA). Eram rapazes e moças com mais de 19 anos, que se reuniam por amizade e cooperação, tentando despertar e cultivar os valores espirituais do ser humano e tornar-se uma força consciente e viva em serviço da comunidade. Esse grupo foi fundado em julho de 1966, e em outubro foi reconhecido como departamento da Comunidade Evangélica de Porto Alegre²¹¹. O DECA tornou-se um importante parceiro da CECEPA nos anos seguintes, especialmente em 1967.

Na Congregação dos Estudantes, o ano de 1966 contou com o aumento no número de cultos de dois para quatro por mês. O DECA se responsabilizou por um deles, em parceria com a CECEPA. Outro grande passo foi a apuração de mais de 300 nomes de estudantes evangélicos morando em Porto Alegre, que mensalmente começaram a receber as circulares com a programação da comunidade.

O ano de 1967 foi cheio de desafios para os estudantes da Congregação. O primeiro deles foi o Acampamento de

²¹⁰ Arquivo da PEPA, pasta H, documento: 216.

²¹¹ Arquivo da PEPA, pasta N, documento: 9.

Trabalho Universitário, em Boa Vista do Herval (Dois Irmãos), entre 3 e 15 de janeiro. Um grupo de jovens das faculdades de Filosofia, Agronomia, Medicina, Enfermagem, Ciências Sociais e uma normalista se propuseram a trabalhar em parceria com o Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer, ligado à Comunidade Evangélica de Boa Vista do Herval.

Nesses doze dias, os estudantes conheceram a situação social e econômica da localidade. A partir desse contato inicial, e com a ajuda das lideranças da comunidade, elaboraram atividades de educação sanitária, com duas propostas: a orientação, nas visitas aos moradores, e os cursos para senhoras e moças. No programa dos cursos de educação sanitária, constavam conhecimentos sobre verminoses, alimentação saudável, doenças de infância. No trabalho com as moças, a ênfase foi dada na puberdade e suas mudanças, e a importância da higiene pessoal.

Na área da agricultura, procurou-se divulgar a rotação de culturas, o combate à erosão e métodos de conservação do solo. Houve uma reunião com os pais e, separadamente, com os filhos dos agricultores, na qual se ressaltou a importância da agricultura e a necessidade de se desenvolver o espírito cooperativo. A reunião contou também com uma visita ao centro rural e uma palestra de Boll sobre higiene pessoal.

Além dos cursos, os estudantes se dividiram em grupos para visitar os colonos. Foi elaborado um questionário e, após todo o trabalho, foi discutida a situação difícil em que se encontravam os moradores da região. Os problemas de saúde

pública foram enfatizados como sendo os mais graves²¹². Esse trabalho serviu para que os jovens colocassem em prática os conhecimentos adquiridos nas faculdades e aprendessem com a realidade do campo.

O segundo grande desafio foi a viagem de Boll, que passou cinco meses e meio na Alemanha. De abril a setembro, os estudantes precisaram se organizar para que os cultos e conferências continuassem em seu ritmo. Foi elaborada, então, uma escala, e pastores de fora foram convidados para oficiarem os cultos. Essa experiência revelou-se muito rica, pois permitiu a eles que utilizassem uma liturgia diferenciada e criativa. Em 20 de agosto, o culto foi elaborado com frases de Shaul, poemas de Manuel Bandeira e José Martí e canções folclóricas como "Guantanamera". Por um trecho da oração final pode-se perceber a tônica do culto:

(...) Para que haja uma dedicação individual no processo histórico, apesar das complexidades e condicionamentos que a sociedade impõe, a quem enviarei?

EIS ME AQUI, ENVIA-ME A MIM.

Para que a humanização seja uma realidade e não uma ilusão, a quem enviarei?

EIS ME AQUI, ENVIA-ME A MIM.

Para que a educação deixe de ser privilégio gozado por poucos, a quem enviarei?

EIS ME AQUI, ENVIA-ME A MIM. (...) ²¹³

Embora esse programa de culto tenha sido muito politizado, possivelmente essa não era a regra de todos os cultos, pois nem todos os pastores convidados estavam

²¹² Arquivo da PEPA, pasta n, documentos: 37- 46.

²¹³ Arquivo da PEPA, pasta N, documento;144.

dispostos a aceitar fórmulas novas, assim como boa parte dos estudantes que freqüentavam a Congregação²¹⁴.

Em setembro, Boll retomou o pastorado e iniciou a organização de eventos em preparação ao Encontro Mundial da Juventude Luterana, que ocorreria paralelamente à Assembléia da Federação Luterana Mundial, em julho de 1970.

A ACA retomou em 1966 suas atividades em ritmo normal. As pessoas, que estavam na liderança no início da década, haviam terminado a universidade e tornaram-se visitantes ocasionais. Um novo grupo estava se formando e crescia o entusiasmo no mesmo ritmo em que, na universidade, as agitações estudantis recomeçavam²¹⁵.

Em maio de 1966, no acampamento da ACA, o tema "Secularização" continuou em pauta. Mas a maior parte do encontro foi dedicada à compreensão da nova realidade universitária, e da "Vida da ACA". Nesse ano também ocorreu, a Conferência Regional dos MECs do Cone Sul, na Colônia Valdense, Uruguai, em novembro. Lá foram discutidos os problemas na formação de bases e lideranças na UCEB, ACA e movimentos de estudantes cristãos nos outros países. A nova situação política da América Latina e o panorama universitário são assuntos que também foram trabalhados.

Esse encontro teve a sua edição seguinte em julho de 1967, em São Leopoldo, na Faculdade de Teologia. Mas, desde o

²¹⁴ Entrevista Sibyla Baeske, 07/08/2000. "eu me lembro de estudantes que não tinham engajamento social foram a esse culto, que foi feita uma certa divulgação de que teria novidades, e eles saíram reclamando muito, de que quando fossem ao culto queriam vê-lo na sua forma e não com músicas que não eram de igreja. Havia de tudo nessa época."

²¹⁵ Vide capítulo I, p. 24.

final de 1966, os estudantes da ACA estavam refletindo sobre os temas que seriam debatidos lá. Foram enviados textos-base como: "O radicalismo vinculado ao sistema, condições sociais da politização do estudantes brasileiro" da professora Marialice Foracchi; "Caminhos e descaminhos de uma política da juventude", de Pierre Furter; "Relevância da Teologia na formação universitária", Richard Shaul.

A função principal desses encontros era formar as novas lideranças, uma vez que houve uma renovação muito grande no período 1964-1966. As estratégias de trabalho e posicionamentos políticos também definiam-se nas conferências, que eram um importante fórum de discussão da realidade nacional.

A cada encontro, os temas da realidade brasileira se faziam mais presentes. No Encontro as ACAs da região sul em Curitiba, em novembro de 1967, participaram sete estudantes e o pastor Boll. Os programas eram tecnologia; crise na universidade, com um estudo sobre os acordos MEC-USAID e suas conseqüências²¹⁶; a retomada do movimento estudantil; e métodos para refletir sobre a realidade brasileira e a vida como comunidade cristã dentro das universidades. Os textos estudados para esse encontro foram, além dos anteriores, "O jovem radical", de Otávio Ianni e "A universidade Latino-americana e o desenvolvimento social", de Darcy Ribeiro²¹⁷.

Nas notas de Boll sobre esse encontro, em 1967, podemos notar uma retomada dos debates sobre marxismo/comunismo, praticamente abandonadas após o golpe. No início do

²¹⁶ Vide capítulo I, p. 36 e 37.

²¹⁷ Arquivo da PEPA, pasta M, documento: 121.

acampamento foi feito um momento de silêncio em memória de Ernesto Che Guevara e depois foram entoadas canções revolucionárias de Cuba e da Espanha. As questões já discutidas no período pré-1964, sobre o papel do cristão frente à nova realidade brasileira, voltaram à pauta:

Diferença entre ação do cristão e do comunista para a solução dos problemas sociais: se no empenho prático o comunista contribui mais para a solução dos problemas sociais, não estaria ele melhor cumprindo a vontade de Deus do que os cristãos?²¹⁸

Além disso, temas como a libertação nacional, e do anti-imperialismo direcionavam as reflexões, que tinham como objetivo a busca de uma autodeterminação do povo brasileiro. Os estudantes estavam rejeitando todos os planos importados para solucionar os problemas do país, principalmente o plano MEC-USAID. Esse acordo do governo brasileiro com a *Agency for International Development*, norte-americana, traria uma organização da educação em formatos mercadológicos de liberalismo e produtividade. Modificava também a organização das entidades estudantis, com eleições indiretas para os postos mais altos²¹⁹.

Na Congregação dos Estudantes o ano de 1968 foi muito produtivo e teve vários programas relacionados ao contexto social e político, conciliados com temáticas mais ligadas à fé. Entre as conferências estão o "Projeto Rondon", elaborada pelos estudantes; "Os índios no Brasil", pelo padre Lisboa; "Controle de Natalidade", com o professor Strauss; "Fé" e "Renovação das Comunidades", ministradas pelo pastor Albrecht Baeske; "Conceito do Homem em uma visão evangélica",

²¹⁸ Arquivo da PEPA, pasta M, documento: 122.

com o professor Walter Altmann,; "Sexualidade", Dr. Schreen; e uma mesa redonda sobre "Inquietação Estudantil"²²⁰.

Dois programas da CECEPA foram particularmente inovadores. O primeiro, realizado de 15 a 22 de janeiro de 1968, o seminário de estudos "Desafiados por um mundo com fome", reuniu, além do grupo, participantes da ACA e da JUC. O local escolhido foi a colônia de Boa Vista do Herval. Esse seminário foi elaborado em preparação à Assembléia da Federação Luterana Mundial, tendo sido publicado um caderno com os textos e discussões apresentados.

A partir desse seminário foi elaborado um ciclo de palestras: 1) Conceituação de desenvolvimento e subdesenvolvimento, pelo Dr. José Felice; 2) Fome e família, pelo padre Calderan Beltrão; 3) Efeitos da má nutrição, por Rubens Barreto; 4) Problemas da Produção Agrícola, Dr. H. Richter; 5) A FAO na assistência a produção, Sr. Dário Brossard; 6) Reforma agrária e desenvolvimento, Dr. José Fachel²²¹.

O segundo programa de grande importância na Congregação dos Estudantes, no ano de 1968, foi o "Clube de Literatura Contemporânea". Esse clube se reuniu semanalmente a partir de outubro, para discutir um livro, lido por todos e apresentado por um colega. O relatório final do ano coloca que essa proposta obteve pronta colaboração e foi uma das mais bem sucedidas atividades do ano. Foram, no total, seis livros, sob temáticas como "Liberdade e medo" e "Análise teológica da

²¹⁹ Vide capítulo I, p. 36 e 37.

²²⁰ Arquivo da PEPA, pasta N, documento: 407.

²²¹ Arquivo da PEPA, pasta N, documento: 408.

Revolução Social", de Richard Shaul; "O desafio americano" de S. Schreiber; "A arte de amar", de Erich From; "Ideologia e Fé", de André Dumas, e "A Cidade dos Homens", de Harvey Cox²²².

Jovens da ACA participaram da maioria das atividades da Congregação dos Estudantes no ano de 1968. Estavam presentes no encontro sobre a fome e também no Clube de Literatura. A sua atividade exclusiva foi a Assembléia da UCEB, na páscoa de 1968. Nessa reunião, segundo as notas de Boll, a representação gaúcha estava "muito forte", enquanto a do Rio de Janeiro estava enfraquecida.

Muitas críticas surgiram das discussões. Uma delas foi a projeção da participação dos estudantes de forma utópica e acima das realidades concretas da universidade. Essa atitude despersonalizaria o estudante. Boll, comentou, também, o fato de não terem avaliado os últimos acontecimentos. Outro ponto de divergência foi a fixação, pela UCEB, de uma opção política:

Dentro dela [UCEB] não mais há opção livre para o indivíduo. Ela deve ajudar a formar opções políticas, colocadas na liberdade pessoal de cada um de seus membros, mas não antecipar as mesmas. Não sendo ela um grupo político, nem atrelada a um movimento político, também não pode submeter-se a uma ideologia. Só a sua independência de opções lhe dá a possibilidade de uma participação crítica. O que observou foi o contrário: a opção política e ideológica tornou-se uma questão fechada.²²³

²²² Arquivo da PEPA, pasta N, documento: 408.

²²³ Arquivo da PEPA, pasta M, documento: 179.

Essa opção política pré-estabelecida e todo o contexto do regime militar, aliado a problemas de saúde, levaram Boll a sair do pastorado estudantil. O ano de 1968 terminou com a despedida oficial dele, em uma confraternização organizada pelos estudantes. As tarefas de pastor dos estudantes, secretário regional da ACA, diretor da Revista da JE e professor de ensino religioso no colégio Farroupilha e no Instituto de Educação tornaram-se estafantes com o passar dos anos. Além disso, ele havia recebido "avisos" de que estaria sendo observado pela polícia²²⁴. A rotina de apreensão, e o Ato Institucional-5²²⁵, que tornou o regime militar ainda mais fechado, precipitaram a decisão.

Na *Revista da JE*, o ano de 1968 e o seguinte foram muito criativos. Em maio, o grande tema foi a fome no Brasil e no mundo. Os jovens que participaram do acampamento em Boa Vista do Herval elaboraram um longo artigo, "Desafio de um mundo faminto", onde mapearam o problema da fome e apontaram às tarefas do cristão e da igreja:

O perigo mais grave que cerca a Igreja é o de cair na inércia e no indiferentismo, acusação direta de Cristo: "tive fome, e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber" (Mateus 25.42) também serve para a Igreja.²²⁶

No mês de junho, o tema foi o atentado a Martin Luther King e a sua luta contra o racismo. O mês seguinte apresentou a proposta de uma campanha de alfabetização, partindo das

²²⁴ Entrevista com Sibyla Baeske, 07/08/2000.

²²⁵ Vide capítulo I, p.: 41.

²²⁶ Revista da Juventude Evangélica, maio de 1968, p.18.

JEs²²⁷. Em outubro o artigo principal mostrava a situação do índio brasileiro e denunciou o extermínio de povos indígenas.

Boll continuou em 1969 como o diretor da *Revista da JE*, que iniciou com um artigo sobre a visita que a JE de Sapiiranga fez à missão entre os índios em Tenente Portela. Lá, esses jovens auxiliaram na construção de uma cisterna para a aldeia²²⁸. Durante esse ano, foram publicados vários artigos, exortando os jovens a assumirem seus papéis como cristãos. Teve destaque o artigo de Harald Malschitzky, intitulado "Quem sujará as mãos?":

Enquanto houver fome, miséria, não podemos ficar descansados. Isso porque o serviço social não é apenas um adicional que se espera da igreja e dos cristãos, mas é, isso sim, uma parte integrante e inseparável do Evangelho. É necessário que os cristãos redescubram este aspecto de sua mensagem. (...) É necessário, se falamos em serviço social, ver também este ponto: somos chamados a ajudar no sentido de que a sociedade seja transformada, para que ela dê condições de vida humana.²²⁹

O ano de 1969 trouxe muitas mudanças na Congregação dos Estudantes. O pastor Boll, até setembro, se dividira entre a CECEPA e o pastorado da paróquia São Lucas, quando, então, Donald Richman assumiu o seu posto. Em uma carta de 1963, Boll escreveu que já pensava em largar o trabalho com estudantes em um ou dois anos²³⁰. Mas, somente em 1968 essa decisão tomou corpo. Candidatou-se ao pastorado na paróquia São Lucas, em agosto desse ano²³¹. Em uma carta de 02/01/1969

²²⁷ Revista da Juventude Evangélica, julho de 1968, p. 10.

²²⁸ Revista da Juventude Evangélica, abril de 1969.

²²⁹ Revista da Juventude Evangélica, outubro de 1969, p. 12 e 13.

²³⁰ Arquivo da PEPA, pasta E, documento: 216.

²³¹ Arquivo da PEPA, pasta n, documento: 351.

a Hilmar Kannenberg, candidato à vaga de pastor de estudantes, Boll conta sobre a sua decisão:

Já há um ano eu queria deixar o trabalho estudantil, porque achei que precisava de uma pessoa mais nova, mais flexível, menos queimada politicamente do que eu. Esta decisão me foi muito penosa, porque gosto muito do trabalho estudantil e vejo nele uma missão que faz sentido tanto para a nossa igreja quanto para mim pessoalmente. Em meados de 1968 tive complicações sérias de saúde (coração e etc.) que apressaram a minha decisão.²³²

Richman era um americano que via no trabalho com estudantes uma missão, um chamado²³³. Mas, para os estudantes, o fato dele ser americano, além de sua postura pessoal foram grandes empecilhos:

E quando saiu o Boll veio o Richmann. O movimento estudantil estava muito forte. E um dos nossos cavalos de batalha era contra o acordo MEC/USAID para implantar um sistema de ensino americano no Brasil. Aquilo era a nossa bandeira de luta, brigar contra aquele acordo. Aí vem um pastor americano. Então tu imagina, tinha gente que tinha ojeriza a ele, que não cumprimentava o Richmann.²³⁴

Em um relatório de avaliação do trabalho, datado de 1970, Richman aponta três tipos principais de estudantes, quanto às atitudes em relação a forma de espiritualidade ou opção ideológica.

1. Ativistas: A busca de uma solução para os problemas espirituais os leva a procura de uma causa. Geralmente esta causa assume forma política inclinada, na maioria das vezes para a esquerda.

²³² Arquivo da PEPA, pasta N, documento: 418.

²³³ Entrevista com Godofredo Boll, 31/07/1999.

²³⁴ Entrevista com Dealmo Adam, 30/10/2000.

Geralmente o conhecimento da filosofia e objetivos de tais movimentos é falho, havendo então contradições. Mas o idealismo destes movimentos leva os estudantes "na onda". Às vezes usam até uma linguagem religiosa, cujo conteúdo, porém, é totalmente diferente.

2. Indiferentes: Muitos, embora tenham problemas espirituais pessoais, interessam-se mais em estudar, formar-se e Ter uma profissão. Procuram evitar compromissos ideológicos de qualquer tipo. [...]

3. Interessados: Estes ainda procuram uma solução espiritual (não-eclesiástica) para os seus problemas, sentem ainda uma lealdade ao cristianismo ortodoxo. Há uma tendência em se interessar em estudar a Bíblia e outros trabalhos dessa natureza. Politicamente têm uma posição mais conservadora e procuram no próprio evangelho achar a ideologia de suas vidas. Estes geralmente formam a base para o meu trabalho.²³⁵

Por esse relatório podemos compreender como os jovens da CEUPA, radicalizados pelos acontecimentos de 1968, foram se distanciando da Congregação dos Estudantes. A ACA não foi mais mencionada na documentação pós-69. Não sabemos o que ocorreu. Segundo Boll, ela acabou se desmobilizando com a sua saída²³⁶.

Para a *Revista da JE*, 1969 foi o último ano de circulação. Em 1970 ela passou a chamar-se *Revista Presença* e teve Boll como diretor até 1971. O formato mudou, aumentando o número de páginas. No conteúdo, tornou-se mais incisiva em suas matérias e os seus articulistas passaram a ter uma autonomia maior.

Porém, desde o início, a *Revista Presença* mostrou-se polêmica. Suas capas eram modernas e algumas vezes irônicas,

²³⁵ Arquivo da PEPA, pasta A, documento

²³⁶ Entrevista com Godofredo Boll, 15/11/2000.

como em abril de 1970, quando a capa foi ilustrada com as cores da bandeira nacional e com o lema "ordem e progresso". No mês seguinte, foi a vez de uma imagem do filme "Doutor Fantástico", quando uma bomba atômica era disparada com um "cowboy" sentado em cima dela, como que domando-a.

Essa nova revista teve sempre um forte acento político. Temas como fome, miséria, explosão demográfica, sexualidade, machismo, foram trabalhados, via de regra em tom de denúncia ao imobilismo dos cristãos. No número de junho, o diretor da revista, Boll, escreveu o artigo "Esta revista é proibida", onde comenta a onda de cancelamentos que a revista recebeu:

É verdade. Esta revista foi proibida para centenas de jovens. Vocês vão pensar que foi a polícia, ou a censura. Não foi, felizmente. Foram pastores, diretores, membros de diretorias. [...] Qual foi a alegação? Foi dito que as capas não eram para jovens (nr.1), que eram ofensivas aos símbolos da Pátria (nr. 2), que eram "de gozação" (nr. 3). Infelizmente ninguém reclamou da capa nr. 4, que nós achamos super fraca. A segunda coisa que foi muito criticada foi a linguagem que é de gíria ou muito elevada e que ninguém entende.²³⁷

Outra questão debatida pela revista foi o Encontro Mundial da Juventude Luterana, que aconteceria paralelo à V Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial, em julho de 1970 em Porto Alegre. Na revista, toda a organização do Encontro e da V Assembléia era acompanhada, comentada e criticada, como o convite a Dom Helder Câmara. Nesse mesmo artigo fez-se menção à construção do novo templo da paróquia

²³⁷ Revista Presença, julho de 1970, p. 6 e 7.

Matriz de Porto Alegre, enquanto tantas comunidades passam dificuldades.²³⁸

O próprio tema da V Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial, "Enviados ao Mundo", foi causticamente criticado: "Se a igreja estivesse lá onde ela deveria estar ela não precisaria ser enviada ao mundo"²³⁹.

A V Assembléia da Federação Luterana Mundial e o Encontro Mundial de Jovens Luteranos, foram transferidos, seis semanas antes de sua realização. Entre outros motivos, encontrava-se a situação política brasileira e as crescentes denúncias de tortura aos presos políticos. O novo local da Assembléia foi Evian, um balneário Francês²⁴⁰.

Um personagem criado para a revista, o Agente 070, de autor desconhecido, fazia as vezes de um agente secreto que lutava contra "Goldfinger", representante dos conservadores. Esse agente apresentava "relatórios" sobre como andavam os preparativos para a Assembléia e o Encontro Mundial da Juventude Luterana. Quando ocorreu o cancelamento, o agente 070 deu sua versão:

A razão do cancelamento de tudo foi que Goldfinger estava com medo. Medo de que a Assembléia (e o Encontro de jovens) escaparia do seu controle. Porque a juventude luterana mundial convidou D. Helder e a IECLB convidou o presidente da República. Com os desentendimentos que poderia dar, o Goldfinger ia perder o lucro dele. Então ele usou toda essa propaganda sobre torturas no Brasil que se

²³⁸ Revista Presença, abril de 1970, p. 30.

²³⁹ Revista Presença, março de 1970, p. 23.

²⁴⁰ Não exporemos neste espaço toda a questão da transferência da V Assembléia da Federação Luterana Mundial nem o Encontro Mundial da Juventude Luterana. Para mais informações ver: Joachim Fischer, Ensaio Luteranos, p. 125-139.

está fazendo lá na Europa. Botou medo naquelas igrejas de lá. A IECLB ficou firme. Então a Federação Luterana Mundial teve que transferir a Assembléia para a França.²⁴¹

Na Congregação dos Estudantes, o cancelamento da Assembléia teve duas conseqüências. Segundo Richman, os estudantes participaram da Campanha Evangelística que estava programada para ocorrer paralelamente ao encontro, mas tornou-se a única atividade. Essa campanha teria dado "muitos frutos", com muitas pessoas chegando a Jesus através dela. A outra conseqüência foi um afastamento ainda maior dos estudantes da CEUPA:

Acontece, porém, que a atmosfera nas casa de estudantes é dominada, ou pelo menos influenciada por uma política um tanto radical que dificulta muito o meu trabalho entre eles, nas presentes circunstâncias. (...) O resultado é um ambiente espiritualmente frio e até contraproducente. A preparação para a Assembléia da FLM e a política nela envolvida acentuou ainda mais esse problema.²⁴²

Dealmo Adam, presidente da CEUPA na época, disse, em sua entrevista, que os estudantes das casas não estiveram, de modo geral, envolvidos na organização da Assembléia ou do Encontro Mundial da Juventude. Enquanto o pastor Boll esteve na Congregação, houve interesse. Mas, a partir do pastorado de Richman, os jovens das casas foram se afastando da CECEPA.

Com Richman, os temas sociais e políticos desapareceram. Agora, os objetivos para o pastorado estudantil eram outros:

²⁴¹ Revista Presença, julho de 1970, p. 22.

²⁴² Arquivo da PEPA, pasta R, documento: 5.

A questão com os estudantes não é principalmente a Igreja, suas estruturas e tradições, embora estas entrem em cogitação. A questão mais fundamental é Cristo, sim e não. O método entre obreiros seria variável, mas o objetivo tem que ser o mesmo: não de apenas conscientizar e politizar, mas de levar o estudante a ver e seguir radicalmente a pessoa de Jesus Cristo e a doutrina ortodoxa.²⁴³

Enquanto na década anterior os jovens da Congregação e da ACA procuraram formas novas de serem cristãos, ocorreu depois uma volta à ortodoxia. Os participantes passaram a ser principalmente residentes de Porto Alegre, ex-membros das juventudes das paróquias da capital. E a ABU tornou-se a grande parceira ecumênica do trabalho.

²⁴³ Arquivo da PEPA, pasta R, documento: 6.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, o perfil dos grupos estudados foi ficando cada vez mais claro. A Congregação dos Estudantes surgiu como uma opção para os jovens luteranos que haviam ingressado na universidade. Durante a década de 1960, aliada com a Associação Cristã de Acadêmicos, a CECEPA foi perdendo o seu caráter de "juventude para adultos" e assumindo uma postura alternativa às paróquias e grupos tradicionais de JE. Sua principal característica foi combinar reflexões teológicas com discussões políticas, mantendo a rotina de uma paróquia, com cultos, casamentos, batizados e enterros, ao lado de debates e acampamentos de trabalho.

A ACA foi criada com outra missão, a de incentivar os cristãos a participarem da realidade brasileira em sua plenitude e com responsabilidade. Por isso, desde o início, os temas debatidos na ACA tiveram forte conotação política. As reflexões buscavam um cristianismo responsável e engajado nos projetos de mudança social. Essa proposta levou os estudantes a estudarem as teorias marxistas e a adotarem a Teologia da Revolução como o seu referencial teológico.

A *Revista da Juventude Evangélica* foi, por mais de dez anos, o principal veículo de informação entre os grupos de JE. Com Godofredo Boll como diretor de redação e os jovens da CECEPA e da ACA como colaboradores, ela não ficou fora das principais discussões da década. Essa sempre foi sua proposta, levar aos jovens os debates que estavam ocorrendo e com isso conscientizá-los dos problemas brasileiros. Quando transformou-se em *Revista Presença*, em 1970, passou a adotar uma linguagem mais jovial e temas com evidente cunho político

esquerdista. Essa postura foi desafiadora para o período, pois o AI-5 "institucionalizou" as prisões e torturas no Brasil. A *Revista Presença*, além de afrontar o regime militar, dirigiu críticas à direção da IECLB, especialmente no episódio da transferência da V Assembléia da Federação Luterana Mundial. No ano de 1972, a revista perdeu o formato de caderno e passou a ser maior, e não mais diretamente identificada com o movimento de Juventude Evangélica.

Esses jovens cristãos, reunidos na ACA, na CECEPA e na redação da Revista da JE, viveram plenamente um período muito especial da história brasileira. A forma como esses grupos permitiram que os debates da universidade permeassem suas reflexões foi inovadora. Dentro da IECLB, os questionamentos sobre o envolvimento dos cristãos com a política e responsabilidade social ainda eram tímidos. Poucas paróquias aceitavam que seus pastores falassem sobre política, quanto mais sobre o marxismo como algo positivo. Na CECEPA, na Revista da JE e na ACA esses eram assuntos correntes, e a existência desses espaços contribuiu muito para a formação de pessoas com uma nova visão de Igreja.

Um dos principais méritos da Congregação dos Estudantes e da ACA reside na forma como modificou a vida de seus membros. Todos os entrevistados foram unânimes em apontar a experiência de ACA e CECEPA como um marco na sua trajetória pessoal. A partir do envolvimento nesses grupos, os jovens descobriram outras formas de serem cristãos, para além do imobilismo que, muitas vezes, traziam de casa²⁴⁴.

²⁴⁴ Entrevista Leda Scheibe, 30/10/2000.

O envolvimento com estes grupos não os tocou apenas em sua experiência de juventude, mas também na forma como direcionaram suas profissões. A quase totalidade dos entrevistados encontra-se, hoje, envolvida em projetos de resgate da cidadania, desenvolvimento sustentável, enfim, propostas onde residem, ainda, os sonhos de mudança e justiça social acalentados na juventude.

Eles também foram inovadores no seu ecumenismo. A ACA foi uma experiência de convivência cristã muito significativa. Os encontros nacionais promovidos pela UCEB permitiram que esses jovens descobrissem como outras igrejas protestantes estavam pensando a questão social, e também como outros jovens estavam lidando com o seu inconformismo perante a estrutura, considerada "arcaica", de suas igrejas de origem. Essa questão, principalmente, apareceu com frequência nas entrevistas. A partir do conhecimento da situação nas outras denominações religiosas, eles compreenderam que não havia necessidade de romper com a estrutura da IECLB, apesar de considerarem-na passível de críticas.

Outra constatação diz respeito à pesquisa em si. O projeto inicial pretendia estudar a Congregação dos Estudantes de Porto Alegre e o envolvimento desta com os movimentos estudantis na década de 1960. Porém, quando iniciamos a pesquisa na documentação coletada por Boll, percebemos que, além da CECEPA, a Associação Cristã de Acadêmicos foi igualmente significativa.

A descoberta exigiu que a pesquisa fosse reconfigurada. A partir daí, a *Revista da Juventude Evangélica* teve que ser incluída no trabalho, uma vez que Boll era também seu diretor

e muitos membros da Congregação e da ACA colaboravam ou integravam a redação da revista. Com isto, percebemos que havia toda uma rede de organizações que pretendiam aumentar sua inserção na realidade brasileira. A ACA, a Congregação e a Revista da JE, estavam em contato com a JUC e a UCEB. Todas essas organizações atuavam em sintonia com o movimento universitário esquerdista na época.

A dissertação também buscou trazer à discussão uma parte importante da história contemporânea da IECLB. Ao longo dos capítulos, foi possível acompanhar como se deu a politização dos estudantes universitários e a forma como isso influenciou nos grupos de estudantes cristãos. Essa experiência de discussão dos problemas brasileiros por jovens luteranos também faz parte de uma caminhada das igrejas protestantes. Os jovens da Congregação e a Revista da JE foram pioneiros, dentro da IECLB, nesta forma de encarar a missão cristã. A Conferência do Nordeste legitimou o engajamento no movimento pelas Reformas de Base, uma vez que sua igreja também havia participado dele.

Após concluída a pesquisa, alguns pontos merecem ser destacados para investigação futura. Os estudos sobre os movimentos estudantis na década de 1960 ainda representam uma lacuna na historiografia do Rio Grande do Sul. Tal lacuna não podia ser preenchida nos limites deste trabalho. Apesar dos esforços para descobrir o que estava acontecendo no movimento estudantil porto-alegrense na década de 1960, apenas foi possível sinalizar alguns caminhos. Esperamos que as pistas levantadas por esta pesquisa incentivem outros historiadores a se aprofundarem no tema.

A Campanha da Legalidade representou um momento muito importante no movimento estudantil porto-alegrense. Os universitários se inscreveram nas várias frentes, e os secundaristas promoveram uma greve geral²⁴⁵. Outro momento interessante refere-se ao golpe militar e o fechamento dos diretórios acadêmicos. Com os acordos MEC-USAID, a eleição para os Diretórios Centrais de Estudantes, nas universidades, passaram a ser indiretas. Na URGs, em 1967, foi eleito o DCE-LIVRE, que passou a organizar uma série de manifestações contra os acordos MEC-USAID²⁴⁶. Esses dois episódios são um singelo exemplo das grandes possibilidades de pesquisa nessa área.

O Arquivo da PEPA, organizado em função desta pesquisa, mostra uma grande riqueza de possibilidades de pesquisa. A documentação reúne material para muitas dissertações. Um dos temas que merecem receber atenção dos historiadores da Igreja é a relação dos grupos de jovens luteranos com as organizações internacionais de jovens. Havia uma rede de comunicação e de troca entre os grupos latino-americanos, principalmente no Cone Sul. Em nível mundial, a FUMEC (Federação Mundial de Movimentos Estudantis Cristãos) organizava acampamentos de trabalho em várias partes do globo, além de congressos e encontros.

Alguns temas não explorados por esta dissertação, por excederem os limites propostos, mostram-se relevantes e ao mesmo tempo promissores. Um ponto que deveria ser estudado é a questão da transferência do Encontro Mundial de Jovens Luteranos, que aconteceria juntamente com a V Assembléia da

²⁴⁵ Vide capítulo I, p. 6.

²⁴⁶ Idem, p. 23 e 24.

Federação Luterana Mundial. A organização deste encontro envolveu muitas pessoas e muitos sonhos. Segundo Boll, até mesmo um encontro paralelo estava sendo organizado, no qual se discutiriam as questões sociais e políticas²⁴⁷. Sua transferência para Evian, na França, provocou, como seria de se esperar, muitas frustrações. Alguns jovens foram muito ousados, desobedeceram as ordens da direção da igreja e participaram do encontro na França.

Outra possibilidade de pesquisa seria descobrir porque justamente Donald Richman foi apontado como o sucessor de Boll, já que, como era notório, boa parte do grupo estava muito envolvida na política estudantil. A chegada de um pastor norte-americano certamente provocou conflitos. Também seria interessante observar a aproximação da Congregação dos Estudantes com a Aliança Bíblica Universitária (ABU).

Apenas recentemente foi "redescoberto" o arquivo do Centro Evangélico Universitário de Porto Alegre (CEUPA), o que não permitiu sua utilização nesta pesquisa. Abre-se, assim, uma nova possibilidade de investigar a ruptura entre as casas de estudantes e a IECLB e a Congregação dos Estudantes, em meados da década de 1970.

Com todas essas possibilidades enumeradas, julgamos que o objetivo principal desta dissertação foi atingido: trazer os jovens para a pauta dos estudos em História da Igreja e abrir a possibilidade de novos trabalhos na área.

²⁴⁷ Entrevista com Godofredo Boll, 31/07/1999.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Revistas, jornais e documentos consultados

1. Juventude Evangélica, número 2 - set/out. Órgão mensal do Departamento de Juventude Evangélica do Rio Grande do Sul. 1954.
2. Juventude Evangélica, março-junho, 1956
Juventude Evangélica, dez 1956.
5. Juventude Evangélica, março, 1957.
6. Juventude Evangélica, mai-jun, 1957.
7. Juventude Evangélica, maio, 1958.
8. Juventude Evangélica, março-maio, 1959.
9. Juventude Evangélica, outubro, 1959.
10. Juventude Evangélica, março, 1960.
11. Juventude Evangélica, maio, 1960.
12. Juventude Evangélica, outubro, 1960.
13. Juventude Evangélica, março-maio, 1961.
14. Juventude Evangélica, outubro-novembro, 1961.
15. Juventude Evangélica, abril- novembro, 1962.
16. Juventude Evangélica, março-dezembro, 1963.
17. Juventude Evangélica, março-novembro, 1964.
18. Juventude Evangélica, março-dezembro, 1965.
19. Juventude Evangélica, março-dezembro, 1966.
20. Juventude Evangélica, outubro-dezembro, 1967.
21. Juventude Evangélica, março-dezembro, 1968.
22. Juventude Evangélica, março-maio, 1969.
23. Juventude Evangélica, setembro-novembro, 1969.

24. Presença, Março-dezembro, 1970. Órgão mensal do Departamento de Juventude Evangélica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: gráfica Metrópole.

26. Coojornal. Jornal da Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre. Ano II, n. 11, 1976.

27. Coojornal. Jornal da Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre. Ano II, junho-agosto de 1977.

28. Coojornal. Jornal da Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre. Ano II, set. 1977.

Atas da CEPA do ano 1961 à 1969.

Arquivo da Paróquia dos Estudantes de Porto Alegre, pastas A-R.

Arquivo Histórico da IECLB: pastas 3 a 6/2/26- 1966; 4 a 6/2/7; JE- 11, 4 a 6/2/7; JE- 29, 4b/2/3/7 e 2/3/8.

Entrevistas com:

Godofredo Boll, antigo pastor de estudantes, hoje aposentado - 08/07/1999, 31/07/1999, 15/11/2000.

Carlos Dreher, hoje é pastor na Paróquia São Lucas, em Porto Alegre, era estudante de Teologia - 05/08/1999.

Werner Altmann, professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), estudava História - 3/08/2000.

Sibyla Baeske, redatora da Revista da JE, hoje é jornalista profissional - 7/08/2000.

Flávio Schubert, jornalista (trabalha em *Zero Hora*), foi estudante de Direito - 09/10/2000.

Luis Fernando Scheibe, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudava Geologia na época - 20/10/2000.

Leda Scheibe, estudante de História na época, é professora de pedagogia na UFSC - 20/10/2000.

Lineu Schneider, engenheiro agrônomo, é professor da UFSC -
21/10/2000.

Elmo Baum, engenheiro civil - 22/10/2000.

Dealmo Adam, advogado, na época estudante de Direito -
31/10/2000.

Bibliografia sobre a JUC e Igreja Católica no período:

1. ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
2. BEOZZO, José Oscar. *Cristãos na Universidade e na Política*. Petrópolis: Vozes, 1984.
3. LACROIX, Jean. *Um Católico Analisa o Marxismo*. In: Revista Paz e Terra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966, nº 1.
4. LIMA, Haroldo e ARANTES, Aldo. *História da Ação Popular da JUC ao PC do B*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984.
5. LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil República*. São Paulo: Paulinas, 1991. Cap. 6 e 8.
6. MUELLER, Ênio R. *Teologia da Libertação e Marxismo: uma relação em busca de explicação*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
7. *Revista Eclesiástica Brasileira*. volumes 22-24, junho de 1962- março de 1964.
8. SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984.

Bibliografia sobre o contexto brasileiro na década de 1960:

9. ALVES, Maria Elena Moreira. *Estado de Oposição no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.
10. BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart, as lutas sociais no Brasil: 1961-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
11. BETO, Frei. Maria Antônia: uma trincheira de resistência a ditadura. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo-org. *Maria Antônia uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.
12. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean. O tempo e o espaço no mundo estudantil. in BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
13. BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*- 2 vol. Brasília: UnB, 1999.
14. BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
15. FERREIRA, Elisabeth F. Xavier. *Mulheres, Militância e Memória*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
16. GIORDANI, Marco Pollo. *Brasil: sempre*. Porto Alegre: Tchê, 1986.
17. GONZAGA, Sérgio. Confissões de um adolescente interiorano. In: In: BINÓL, Carlos Augusto. *Sobre Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

18. HABERMAS, J.; FRIEDEBURG, L.V.; OEHLER, Ch.; WEITZ, F. O comportamento dos estudantes comparado ao da população em geral. BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
19. IANNI, Otavio. O jovem radical. BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
20. LIMA, Otávio Rojas. *Memórias do "Julinho"*. Poa: Sagra, 1990.
21. PONGE, Robert (org.). *1968, o ano das muitas primaveras*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.
22. MARTINS FILHO, João Roberto. *A Rebelião Estudantil: México, França, Brasil- 1968*. Campinas: Mercado Aberto, 1996.
23. _____ . *Movimento Estudantil e a Ditadura Militar: 1964-1968*. Campinas: Papyrus, 1987.
24. MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher impossível*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.
25. NUÑES, Antônio Cláudio. O comportamento eleitoral da cidade. In: BINÓL, Carlos Augusto. *Sobre Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
26. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991.
27. RUAS, Tabajara. *História/histórias de Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

28. SEMERARO, Giovanni. *A primavera dos anos 60, a geração de Betinho*. São Paulo: Loyola, 1994.
29. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo à Tancredo*. SP: Paz e Terra, 1988.
30. SILVA, Hélio. *O Poder Militar*. Porto Alegre: L&PM, 1984.
31. SILVEIRA, Norberto da. *Reportagem da Legalidade-1961 a 1991*. Porto Alegre: NS, 1991.
32. SIMÕES, Solange de Deus. *Deus, Pátria e Família: as mulheres no golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1985.
33. SOARES, Glaucio. D. *Ideologia e participação política estudantil*. BRITTO, Sulamita. *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
34. SODRÉ, Nelson Werneck. *O Governo Militar Secreto*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
35. VARGAS, Índio. *Guerra é Guerra, dizia o torturador*. Poa: Tchê, 1985.

Bibliografia sobre o Movimento de Juventude:

36. BAESKE, Albrecht. *Traição a Jesus de Nazaré*. In: Revista da JE, n. 9, novembro de 1969.
37. _____ . *A Moderna Heresia dos Cristãos*. In: Presença n.2, abril de 1970.

38. DREHER, Carlos. *A responsabilidade da Igreja para com a juventude, como nossa responsabilidade*. Manuscrito-arquivo pessoal de Carlos Dreher.
39. DREHER, Carlos. *O Estudante, a Igreja e a Comunidade Civil*. Mimeografado, arquivo pessoal de Carlos Dreher.
40. Equipe do Acampamento de Boa Vista do Herval. *Desafio de um mundo faminto*. In: Revista da JE. N. 3, maio de 1968.
41. FISCHER, Joaquim. *Medo do Comunismo*. In: Revista da JE, n. 8, outubro de 1969.
42. MAEDCHE, Arnaldo. *Política é negocio para cristão?* In: Presença, n.2, abril de 1970
43. MALSCHITZKY, Harald. *Quem sujará as mãos?* In: Revista da JE, n.8, outubro de 1969.
44. SCHLIEPER, Ernest. *Nossa responsabilidade para com a juventude*. In: Revista da JE n. 2, 1968.

Bibliografia sobre a IECLB e igrejas protestantes:

45. DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*. Caxias do Sul/São Leopoldo: Sinodal/Educs, 1984.
46. BERGER, Agenor. *Postura da Igreja Evangélica Luterana do Brasil frente ao Regime Militar (1964-1985)*. Dissertação de Mestrado, 1994.
47. CARDENAL, Ernesto. *La Santidad de la Revolucion*. Espanha: Salamanca, 1972.

48. CESAR, Waldo; SANTOS, Almir; BEATO, Joaquim, et al. *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. Rio de Janeiro, Loqui, 1962.
49. *A Conferência do Nordeste- Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. Recife: Setor de Responsabilidade Social da Igreja, 1962.
50. MÜLLER, Reinhard. A transferência da V Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial. In: FISCHER, Joaquim org. *Ensaaios Luteranos*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
51. SHAULL, Richard. *O Cristianismo e a Revolução Social*. São Paulo: União Cristã dos Estudantes, 1953.
52. _____. *Alternativa ao desespero*. Rio de Janeiro: Imprensa Metodista, 1963.
53. _____. *La Iglesia, el subdesarrollo y la revolucion*. México: Nuestro Tiempo, 1968.
54. _____. *De dentro do furacão- Richard Shaul e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Sagarana; CEDI; CLAI; Progr. Ec de Pós-Grad em Ciências da Religião, 1985.
55. SCHÜNEMANN, Rolf. *Do Gueto à Participação: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

Bibliografia de Historiografia:

56. AMESTOY, Norman Ruben. *La Historiografia protestante y sus conflictus*. In: Boletim Teológico Fraternidad Teológica Latinoamericana. Ano 26, n. 54, jun. 1994. Pg. 93-104.
57. AUGUSTO, Adailton Maciel. *Por uma História da Igreja entre o memorável e o indigno: uma questão metodológica*. In: Revista Espaços, SP, ITESP, ano 7, n.1, 1999.
58. BEOZZO, José Oscar. *A História da Igreja na América Latina e no Caribe: o debate metodológico na CEHILA*. In: Espaços 1998, ano 6, n. 1, ITESP. P.31-51.
59. BURKE, Peter org. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
60. CARDOSO, Ciro Flamário; VAINFAS, Ronaldo org. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.
61. CEHILA. *Para una historia de la iglesia in America Latina*. Barcelona: ed. Nova Terra, 1975. 23-41; 72-88; 93-108.
62. DIEHL, Astor Antônio. *A Cultura Historiográfica nos anos 80: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira*. Porto Alegre: Evangraf, 1993.
63. DIEL, Paulo. *A II Conferência Geral de Historia da Igreja na América Latina e no Caribe: os novos rumos da historiografia da Igreja*. In: Espaços, 1995, Ano 3, n.2, ITESP. P.: 153-168.

64. DOSSE, François. *História do Estruturalismo*, vol. 2-
O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. Campinas: Ensaio,
1994.
65. DUSSEL, Enrique D. *Historia General de la Iglesia en
America Latina Tomo 1/1*. Salamanca: ed. Sigüeme, 1983.
P. 1-17.
66. _____ .*Desintegracion de la cristianidad
colonial y liberacion*. Salamanca: ed. Sigüeme, 1978.
Cap. 91-104.
67. FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína org.
Usos e abusos da história Oral. Rio de Janeiro: Fundação
Getúlio Vargas, 1996.
68. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. RJ: Edições
Graal, 1989.
69. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as
idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São
Paulo: Companhia das Letras, 1987.
70. HUNT, Lynn org. *A nova história cultural*. São Paulo:
Martins Fontes, 1992.
71. LE GOFF, Jaques org. *A História Nova*. São Paulo:
Martins Fontes, 1993.
72. MEIHY, José Carlos Sebe. (Re) *Introduzindo a história
oral n Brasil*. São Paulo: USP, 1996.
73. SCHÄER, Heinrich. *Práxis religiosa y contexto social: um
método de análisis em "História Oral" e investigacion
cualitativa*. In: PRIEN, Hans-Jürgen. *Religiosidad e*

Historiografia- La irrupcion del pluralismo religioso em América Latina y su elaboracion metódica en la historiografia. Frankfurt/Madrid: Ververt/Iberoamericana, 1998.

74. SUESS, Paulo. *A Historia dos outros escrita por nós- apontamentos para uma autocrítica da historiografia do cristianismo na América Latina.* In: *Revista Eclesiástica Brasileira.* Fasc. 212, dez., 1993. P.: 853-871.
75. THOMPSON, Paul. *A vos do passado: história oral.* São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ANEXO

Este pequeno anexo tem dois objetivos. O primeiro é apresentar a metodologia utilizada na catalogação da documentação do Arquivo da Paróquia dos Estudantes. A seguir, vamos expor a forma como foram tomados os depoimentos e as questões sobre História Oral presentes na pesquisa.

O Arquivo da Paróquia dos Estudantes, quando foi encontrado, estava em total abandono. A comunidade, apesar de saber da sua existência, não tinha possibilidades de dar à documentação o acondicionamento apropriado. Sendo assim, para que esta pesquisa pudesse ser feita, foi preciso organizá-lo, tanto no aspecto formal, quanto em questões práticas, como a limpeza dos documentos.

Na verdade, a Paróquia dos Estudantes possuía um amontoado de documentos de diversos períodos sem ordem alguma. Os únicos documentos ordenados cronologicamente foram guardados pelo pastor Godofredo Boll, que trabalhou na paróquia no período de 1960 até 1969. Essa parte do arquivo foi sistematizada, uma vez que foi objeto desta pesquisa.

O primeiro passo foi retirar a documentação do local onde ela estava guardada (uma garagem) e limpar os documentos. Eles se encontravam em caixas, cheias de insetos, pó e mofo. Utilizando material de proteção (máscara e luvas), os documentos foram limpos, folha por folha, com pincéis. Após os documentos ficarem em condições de manuseio, foram mantidos em suas pastas originais e foram retirados todos os metais que estavam em contato com o papel, como cliques e grampos.

Depois das etapas iniciais, o amontoado de documentos precisava ser transformado em arquivo. Para tanto, algumas decisões tiveram que ser tomadas. A primeira delas foi manter os documentos nas pastas originais. Mantendo as pastas, sem dividir a documentação por tipo (cartas expedidas, recebidas, convites, etc.), a idéia era a de obter uma visão da simultaneidade dos acontecimentos. Outra vantagem dizia respeito aos documentos não-datados, como notas pessoais, por exemplo. Mantendo-se a organização original poderia-se, por aproximação, deduzir o período em que surgiram.

Sendo assim, a única alteração foi ordenar todos os documentos cronologicamente nas pastas. Cada grupo de documentos recebeu uma letra do alfabeto, de "A" a "R", abarcando cerca de 4000 documentos, entre cartas, rascunhos de prédicas e palestras, programas de culto e anais, relatórios, fotografias e notas pessoais.

Nas pastas, cada folha foi numerada em ordem crescente para, com isso, facilitar a consulta. Esse método é utilizado tanto no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul quanto no Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul. A diferença está em que, nesses arquivos, a documentação encontra-se separada por tema ou por tipo.

A proposta de manutenção da documentação nas pastas originais funciona muito bem com arquivos pequenos, como no caso do Arquivo da PEPA, sendo inevitável em outros casos. Pode-se dizer que essa organização tornou muito eficiente a pesquisa, pois, ao abrirmos a pasta com a documentação de 1963, por exemplo, poderíamos ter uma visão global do

período. Como muitos dos documentos eram cartas pessoais e rascunhos, ficava mais fácil a visualização das etapas de criação dos programas anuais e também de preparação de palestras, entre outros.

O próximo passo a ser dado pela Paróquia dos Estudantes será a tramitação junto ao Arquivo da IECLB para a doação do Arquivo da PEPA. Essa decisão foi aprovada previamente em assembléia ordinária da paróquia. A doação terá como requisito a manutenção dos documentos na sua organização original.

Outra fonte importante para esta dissertação foram as entrevistas com ex-membros da Congregação dos Estudantes e ACA. A primeira etapa foi a seleção das pessoas que poderiam ser entrevistadas. Foram escolhidas aquelas que apareciam com maior frequência na documentação, as que fizeram parte da presidência da Congregação ou tiveram, simultaneamente, ligação com a *Revista da Juventude Evangélica*.

Foi elaborado, então, um questionário padrão para ser respondido durante as entrevistas. Sempre houve o cuidado de não inibir o fluxo narrativo dos entrevistados, obrigando-os a se aterem somente às questões propostas. Também foram selecionados documentos em que os entrevistados eram citados, ou que faziam referência a algum acontecimento importante. Eles foram copiados e apresentados durante as entrevistas.

O primeiro questionário, elaborado para ex-membros que participaram da Congregação até meados de 1966, continha as seguintes perguntas:

1. Quem eram os freqüentadores da ACA e da Congregação dos estudantes?
2. Como eram as relações dos estudantes luteranos com as demais organizações universitárias (DCE, centros acadêmicos, etc)?
3. Qual/como era o conceito de Revolução Brasileira discutido na Congregação ou ACA?
4. Quais eram os ideais dos estudantes da ACA e da Congregação, e o que era feito para colocá-los em prática?
5. Como a Conferência do Nordeste foi recebida na Congregação, ACA e Revista da JE?
6. O que se lia na época?
7. Como os estudantes da Congregação e ACA se relacionavam com o marxismo e o comunismo? Havia alguma filiação partidária?
8. O golpe militar era previsto pelos estudantes?
9. E depois do golpe, como ficaram as propostas, reflexões e ações do grupo?
10. Como era a relação dos estudantes com a igreja?
11. Qual foi o impacto da transferência do encontro da Federação Luterana Mundial em 1970 na Congregação? Que preparativos já haviam sido feitos?
12. Como se deu a saída do pastor Boll da Congregação?
13. Chegaste a freqüentar a Congregação com o novo pastor norte-americano Donald Richmann? Como era?
14. Hoje, como marcou a sua vida a experiência da Congregação dos Estudantes e da ACA? Ainda tens algum contato com a igreja?

Algumas perguntas sobre o período pós-1964, como a saída de Boll e a V Assembléia da Federação Luterana Mundial, foram incluídas porque alguns dos entrevistados continuaram participando, de forma esporádica, da Congregação e da ACA. Por não estarem mais na universidade, dispunham de menos tempo, mas alguns continuaram freqüentando o grupo eventualmente até 1968.

As entrevistas deram vida às informações contidas nos documentos, descobrindo como foram elaboradas as atividades e como aconteceram. Foi também pelas entrevistas que muitos conceitos citados nos documentos puderam ser tornados mais claros, como, por exemplo, o conceito de "Revolução Brasileira", que tinha uma acepção bem específica de acordo com o grupo e o período estudado.

Com os entrevistados que passaram a freqüentar a Congregação e a ACA depois de 1964, foi aplicado outro questionário:

1. Como se deu a saída do pastor Boll e qual foi o impacto sobre os estudantes?
2. Quais foram as primeiras impressões da chegada do pastor Richmann e como ele lidou com elas?
3. Quais eram as atividades e temas principais elaborados e executados na Congregação?
4. Como foram os preparativos para a Reunião da Federação Luterana Mundial?
5. Como os estudantes encararam a sua transferência?
6. Como era a relação da Congregação dos Estudantes com a vida universitária (centros acadêmicos, FEURGS)?
7. Como era a relação da Congregação com outras organizações religiosas (ABU, UECB)?
8. Havia discussões políticas na Congregação?
9. Como ficaram as relações entre a Congregação dos Estudantes e a Casa do Estudante Evangélico?

Esta segunda etapa de entrevistas foi bem mais complicada do que a primeira, principalmente pela dificuldade de localizar pessoas que fizeram parte da Congregação e da ACA neste período. Muitas estão morando hoje em outros estados ou fora do Brasil. Neste estágio, foram localizados muitos ex-moradores das casas de estudantes que não haviam, entretanto, freqüentado a Paróquia.

Por fim, o pastor Godofredo Boll foi entrevistado três vezes. A primeira entrevista foi muito livre, uma vez que a pesquisa com a documentação estava apenas começando. A segunda partiu do primeiro roteiro e foi acrescida de perguntas específicas sobre a relação da ACA e da Congregação com o marxismo e a Teologia da Revolução. Na terceira, procuramos focar a fase final da década de 1960 e a sua saída da Congregação.

Todas as entrevistas foram transcritas e serão incluídas no Arquivo da PEPA. No total, são 14 fitas de uma hora cada uma. A transcrição respeitou a oralidade dos entrevistados, procurando manter a narrativa. Por fim, cumpre dizer que os entrevistados permitiram a utilização de seus depoimentos na íntegra.